

INTRODUÇÃO	3
Definição do Tema	3
Objectivos do Trabalho	4
Justificação	5
Metodologia do Trabalho	6
Capítulo I - ENVELHECIMENTO	7
Introdução	7
1.1 O envelhecimento das populações	7
1.1.1 Envelhecimento da população portuguesa	9
1.2 Problematização do conceito de terceira idade	13
1.3 (Des) construção do problema social da velhice	14
1.4 Alterações na organização familiar e consequências na solidariedade entre gerações	15
1.5 Envelhecimento activo	16
Capítulo II - LAZER	18
Introdução	18
2.1 Lazer	18
Capítulo III - EDUCAÇÃO PARA IDOSOS	22
Introdução	22
3.1 A educação de adultos e as pessoas idosas	22
3.2 A aprendizagem ao longo da vida	23
3.3 A realidade portuguesa	24
3.4 Contexto das políticas sociais e instituições de velhice	27
3.4.1 Políticas de apoio à velhice em Portugal	29
Capítulo IV - ESTRUTURA INTERNA DAS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS	32
Introdução	32
4.1 Perspectivas teóricas sobre as organizações	32
4.2 Abordagem política das organizações	34
4.3 Vinculação dos indivíduos às organizações	35
4.4 Processos de comunicação nas organizações	37
4.5 O processo de liderança	39
4.6 O processo de tomada de decisão	42
4.7 Clima e cultura organizacional	44

Capítulo V - UNIVERSIDADES SÉNIORES	46
Introdução	46
5.1 Breve história das UTI'S em Portugal	46
5.2 Organização, funcionamento e financiamento das UTI's	52
5.3 UTI'S como organizações do terceiro sector	54
Capítulo VI - ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ	59
6.1 Caracterização da Academia Sénior da Covilhã	59
6.1.1 Princípios e objectivos da Academia	59
6.1.2 Direitos e deveres dos academistas	62
6.1.3 Estrutura Orgânica da Academia	63
6.1.4 Caracterização dos academistas	64
Capítulo VII - PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	68
7.1 Metodologia da Investigação Empírica	68
7.2 Apresentação dos resultados	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
BIBLIOGRAFIA	98
ANEXOS	103
ANEXO I	104
Guião das entrevistas	104
ANEXO II	106
Inquérito aos alunos	106
ANEXO III	112
Transcrição das Entrevistas	112

INTRODUÇÃO

Definição do Tema

O envelhecimento é um tema cada vez mais actual e central da nossa sociedade. Com uma população cada vez mais envelhecida torna-se urgente e inevitável encontrar soluções criativas e diversificadas para corresponder de forma positiva às necessidades constantes desta população.

Envelhecer é um processo natural, uma realidade com a qual todos nós mais cedo ou mais tarde nos deparamos. É um processo fisiológico que não está associado à idade cronológica.

E é nesta perspectiva que se deve olhar para o envelhecimento, no sentido de atenuar as dificuldades que a ele estão associadas e desta forma encontrar e promover mais momentos de descontração para que esta fase da vida possa ser uma realidade plena, saudável e com uma boa qualidade de vida.

Tendo por base estas necessidades podemos considerar as “Universidades da Terceira Idade, Universidade Sénior ou Academia Sénior como uma resposta sócio-educativa desenvolvida em equipamento (s), que visa criar e dinamizar regularmente actividades culturais, formativas e de convívio, para e pelos maiores de 50 anos, num contexto de formação ao longo da vida, em regime informal.” (JACOB: 2004)

Este modelo de ensino para estes jovens jubilados surgiu em 1973 em França, mais precisamente na Universidade de Toulouse. As UTI's são um modelo de formação de adultos com muito sucesso em todo o mundo. O seu sucesso prende-se com o facto de proporcionar um leque muito diversificado de actividades culturais, recreativas, científicas e de aprendizagem.

É necessário muito trabalho de bastidores para poderem apresentar e oferecer um leque tão variado de actividades. Este trabalho é feito por eles para eles. São eles que detêm maior conhecimento das suas próprias necessidades.

Este trabalho pretende dar a conhecer alguns aspectos da realidade interna das UTI's. Isso implica, entre outros: conhecer quem está na sombra das actividades oferecidas pelas UTI's, de que forma se processa todo este trabalho, quem o faz e porque o faz. Saber se quando uma actividade é planeada o factor económico é ou não condicionante, e qual a forma que as UTI's encontram para fazer face a estas limitações económicas. Por fim, interessa saber o que pensam os alunos que usufruem destas actividades, o que, segundo eles, poderia ser modificado e se as actividades vão ao encontro das suas necessidades.

Objectivos do Trabalho

O presente trabalho tem por objectivo desenvolver um conhecimento mais profundo e acurado da organização interna da Academia Sénior da Covilhã, e assim percepçionar/apreender o seu funcionamento.

O objectivo consiste na compreensão da situação social, na avaliação dos efeitos e na consciência das diferenças culturais no interior destas instituições. Podemos ainda referir que esta abordagem permite um melhor entendimento e conhecimento do comportamento humano e estará a contribuir, de algum modo, para o conhecimento desta realidade social, cada vez mais actual.

Quanto ao Universo em estudo é composto pela Academia Sénior da Covilhã. Segundo a RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade - em 2005 existiam 66 UTI's, enquanto em 2008 são já 99 e mais 22 em fase de criação. Como o campo de investigação é muito vasto, optei por realizar um estudo de caso da Academia Sénior da Covilhã. A minha escolha é condicionada pelo tempo ao meu dispor para a realização desta investigação. Outra razão prende-se com o facto de ter acesso a informação privilegiada, uma vez que este é o meu actual local de trabalho. Outro factor determinante na minha escolha foi o facto de os academistas já me conhecerem e desta forma se sentirem mais à vontade com a minha presença e minha própria curiosidade

levou-me a pretender conhecer melhor esta realidade, que tem aumentado muito nestes últimos anos em Portugal.

O objectivo geral desdobra-se em vários objectivos específicos, que permite um conhecimento mais acurado e preciso desta realidade relativamente recente em Portugal, nomeadamente:

- Realizar uma abordagem histórica para fundamentar o surgimento desta nova realidade.
- Interrogar de que forma as suas decisões internas estão ou não condicionadas pela necessidade da sua própria auto-sustentação.
- Avaliar se existe uma preocupação por parte destas instituições em promoverem uma imagem externa apelativa e assim cativarem novos alunos e de que forma os seus alunos percebem esta mesma imagem externa.

Justificação

Numa sociedade em que as transformações ocorrem numa velocidade tamanha e inevitável, é natural que as mudanças também ocorram no seio das Instituições. A cultura de cada instituição é marcada pelos seus elementos internos e externos, pelos seus objectivos e funções, pelos seus interesses e realidades. A realidade é transformada constantemente, o mesmo se passa com as necessidades das suas populações. Daí que as Universidades Seniores se posicionem para satisfazer algumas carências sentidas pela população mais envelhecida. Mantendo os seus academistas activos após a aposentação, ocupando os seus tempos livres de uma forma saudável e educacional. O estudo pretende obter maior conhecimento do funcionamento interno destas Instituições.

Metodologia do Trabalho

Na realização de um trabalho desta natureza convém ter sempre em conta o tempo e os meios disponíveis para a realização do mesmo. Na realização de um projecto de investigação é inevitável e indispensável ter em consideração a sua exequibilidade bem como a sua qualidade, e por isso torna-se impreterível delimitar o objecto e os objectivos que o fundamentam.

Tendo isto como fundamental é evidente que tudo isto irá delinear muito claramente o percurso metodológico escolhido. Para a realização deste projecto optei, para as várias fases de recolha, análise e tratamento de dados, um conjunto variado de técnicas que fundamentam o projecto em estudo.

Numa primeira fase, a análise documental detém da minha parte uma atenção primordial. Para tal recorro a vários documentos escritos e às novas tecnologias, nomeadamente a Internet, o que me permite adquirir maior conhecimento que serve de suporte para esta pesquisa.

Após alguma pesquisa documental, procedi a um contacto mais directo com a Academia Sénior da Covilhã que compõem a minha investigação. Para a recolha dos depoimentos dos dirigentes dos vários elementos que compõem a respectiva direcção da UTI em estudo recorri a técnica da entrevista pessoal, individual e semi-estruturada, a fim de obter um conhecimento mais profundo da estrutura organizacional interna.

Quanto aos alunos e para recolher as suas opiniões sobre as Instituições recorri a Questionários, contendo escalas de atitudes e opiniões, já que, segundo Marconi e Lakatos (2003) o questionário é um "...instrumento de "padronização" por meio do qual se pode assegurar a equivalência de diferentes opiniões e atitudes, com a finalidade de compará-las.", opinião partilhada pela maior parte dos sociólogos.

Capítulo I - ENVELHECIMENTO

Introdução

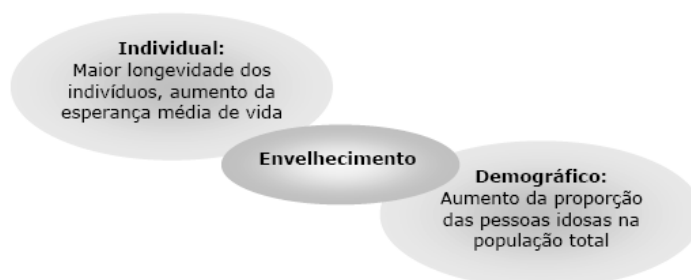
Neste capítulo, e tendo por base alguns trabalhos referentes a estas questões, pretendemos analisar sociologicamente o conceito de terceira idade e analisar os processos sociais que conduziram à sua emergência como problema social. Pretende-se de igual forma explicitar como uma nova forma de representar a terceira idade e de a tratar, preconizando a sua integração no meio social, fez surgir diferentes agentes, instituições e bens para essa *nova velhice*.

1.1 O envelhecimento das populações

“Podem ser vários os processos que conduzem ao envelhecimento de uma sociedade, aqui definido numa perspectiva demográfica: pela redução, no tempo, do número dos nascimentos, pelo aumento relativo do número dos idosos, pela saída em massa de pessoas jovens e adultas não idosas.” (Dicionário de Sociologia, 2003)

“Nos países desenvolvidos tem-se verificado um constante envelhecimento demográfico desde os anos 60 do século XX, motivado, em simultâneo, por um decréscimo das taxas de fecundidade e por um alongamento do tempo de vida das respectivas populações.” (Dicionário de Sociologia, 2003)

Envelhecimento



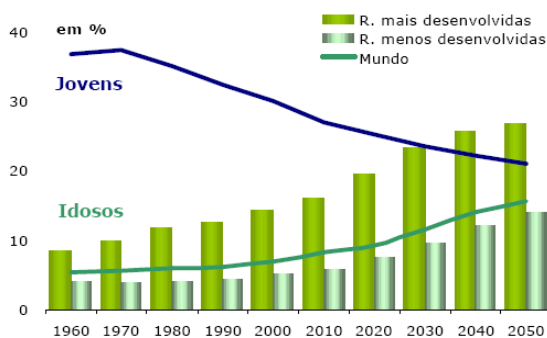
Fonte: INE

Em algumas sociedades tradicionais, as gerações mais velhas permaneciam integradas nos sistemas económicos e sociais de produção, até aos fins dos seus dias. Com o passar do tempo, as dificuldades começam gradualmente a surgir e vão-se atenuando as responsabilidades e incumbências à medida que diminuem as suas capacidades físicas. (FERNANDES, 1997)

Desde a revolução industrial até meados do século XX, a velhice encontrava-se associado à sua incapacidade para trabalhar e por conseguinte à pobreza. Os velhos de classes sociais mais favorecidas eram apoiados na esfera doméstica, enquanto os outros estavam a mercê das instituições de beneficência. Deste modo, não existia a velhice como categoria social autónoma nem uma intervenção pública que tinha como prioridade a velhice, ou seja, estamos perante o que Guillemard (GUILLEMARD *cit in* VELOSO, 2004) designou de velhice invisível. Com a cada vez maior sistematização do sistema de reforma o estatuto da velhice foi-se alterando, e esta deixou a sua indefinição anterior passando agora para uma velhice identificada e que já possuía intervenções específicas destinadas a esta categoria social. (VELOSO, 2004)

“Numa sociedade com constantes processos de mudança, (...), o saber acumulado das pessoas mais velhas deixou, com frequência, de parecer aos mais novos uma reserva valiosa de sabedoria, mas algo apenas desactualizado.” (GIDDENS, 2002)

Evolução da população de jovens e idosos, Mundo, 1960-2050



Fonte: United Nations Population Division

Relativamente ao envelhecimento demográfico, o INE refere que este não evoluiu de forma semelhante em todas as regiões do Mundo. Se tivermos em atenção o grau de desenvolvimento, verificamos que as regiões mais evoluídas apresentam taxas de evolução negativas na população jovem desde 1970, enquanto na população idosa o cenário é o oposto.

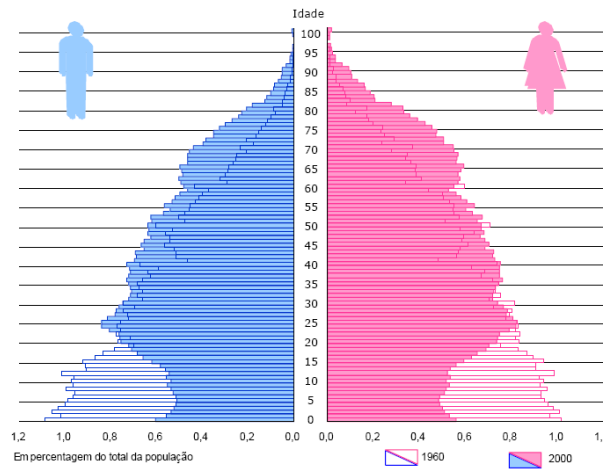
1.1.1 Envelhecimento da população portuguesa

De acordo com J. M. Nazareth (1997), principalmente a partir da segunda metade do século XX, surgiu um diferente fenómeno, apelidado de envelhecimento demográfico. É um dos fenómenos com maior relevo no século XX e XXI.

Segundo Gemito, Portugal não constitui excepção a este fenómeno. “O Alentejo, o Algarve e o Centro são as três Regiões mais envelhecidas do país, sendo o Alentejo a mais envelhecida, ostentando o maior índice de envelhecimento e de dependência de idosos. (INE 1999 in GEMITO, 2004)

São consideradas idosas, as pessoas que têm idade igual ou superior a 65 anos. Em Portugal esta idade encontra-se associada à idade reforma. Segundo o INE as alterações na estrutura demográfica estão bem patentes na comparação das pirâmides de idades em 1960 e 2000.

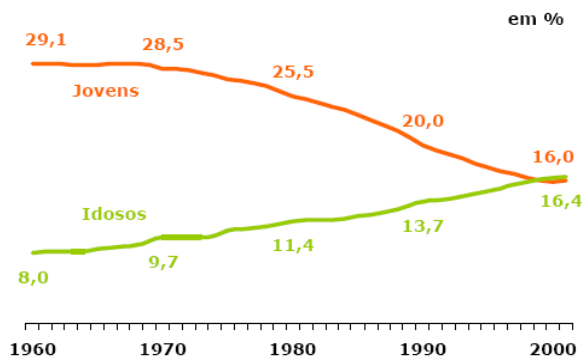
Pirâmide de Idades, Portugal - 1960-2000



Fonte: INE/DECP, Estimativas e Recenseamentos Gerais da População

Podemos observar nesta pirâmide que houve uma clara diminuição nas faixas etárias mais novas, enquanto nas mais velhas o processo foi exactamente o contrário. Segundo o INE a proporção de jovens (0-14 anos) passou de 37% em 1960 para 30% em 2000.

Evolução da Proporção da população jovem e idosa, Portugal 1960-2001



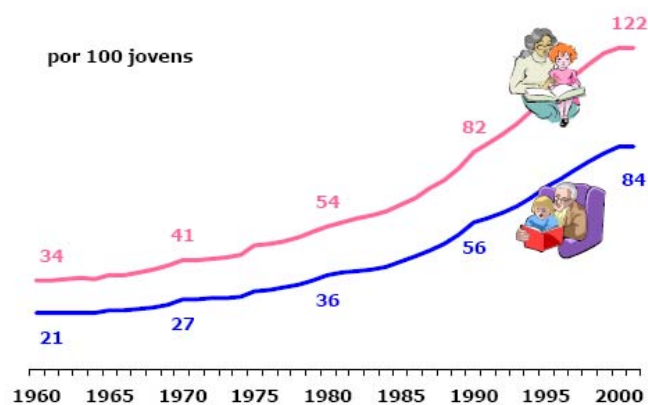
Fonte: INE/DECP, Estimativas e Recenseamentos Gerais da População

Houve um decréscimo de cerca de 36% na população jovem e um aumento de 140% da população idosa entre 1960 e 2001, segundo os dados apresentados pelo INE. De acordo com esta fonte, a proporção da população idosa, que representava 8,0% do total da população, mais que duplicou, passando para 16,4% em 2001.

Para fazer face a este fenómeno cada vez mais acentuado torna-se necessário encontrar alguns cuidados específicos. Torna-se urgente integrar os idosos na sociedade e na família, e desta forma possibilitar-lhes uma vida digna. A família detém um papel fulcral nesta integração, bem como, na possibilidade de conceder para uma vida digna destes idosos.

“Para Béatrice Houchard, a estrutura tradicional da família encontra-se maioritariamente na Europa. Perto de 78% da população europeia vive numa família nuclear, distribuída por duas categorias: a dos pais casados e com filhos, e a das famílias monoparentais. Segundo a autora, mesmo na Europa existem diferenças entre o Norte e o Sul, em que aparecem somente 40% de famílias clássicas na Suécia. Em Portugal esse valor é de 60%, tal como em Espanha e na Irlanda. O Sul da Europa distingue-se ainda com uma terceira categoria familiar: aquela onde coabitam várias gerações. É o caso de um quinto da população da Grécia, Espanha e Portugal.” (HOUCARD, 2001 *cit in* GEMITO, 2004)

Índice de Envelhecimento segundo o sexo, Portugal 1960-2001



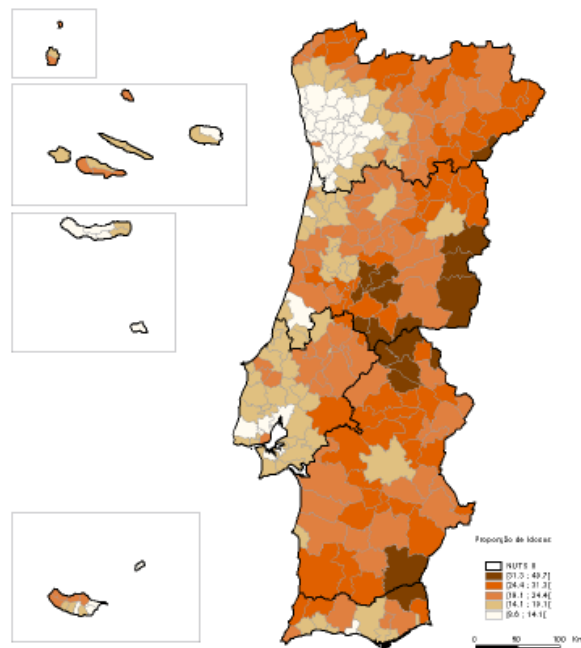
Fonte: INE/DECP, Estimativas e Recenseamentos Gerais da População

O índice de envelhecimento superou pela primeira vez os 100 indivíduos em 1999. Este indicador assinalou um acréscimo sucessivo nos últimos 40 anos, aumentando de 27 indivíduos idosos por cada 100 jovens, em 1960, para 103, em 2001.

Tal como acontece um pouco por todo o Mundo, também em Portugal a

distribuição da população idosa não é idêntica. Segundo o INE e tendo em atenção os dados dos Censos de 2001, era o Norte que demonstrava a mais baixa percentagem de idosos no Continente.

Distribuição da População idosa por concelhos, Portugal, 2001



Fonte: INE/DME, Serviço de Geoinformação

Os idosos estão conscientes que os seus familiares não dispõem de muito tempo devido aos seus afazeres profissionais. Por este motivo as redes formais impõem-se como alternativa. Neste contexto as UTI's podem ser encaradas como uma opção muito válida.

“Apesar de o envelhecimento ser um processo fisiológico e não uma doença (...) a necessidade de ajuda começa a ser uma constante. A rede familiar desde que existente, é a primeira a quem se recorre, pois a família continua a ter um papel importante como suporte e no apoio às pessoas idosas.” (GEMITO, 2004)

1.2 Problematização do conceito de terceira idade

A velhice nem sempre foi analisada e tratada da mesma forma. Nos dias que correm, expressões como terceira idade e velhice, são utilizadas indiferentemente, sem termos a consciência, do que cada uma implica, que processos e construções sociais conduziram a esses conceitos e que representações estão inerentes a cada uma das dimensões.

Uma mudança que contribuiu para alterar a percepção da velhice foi a criação do sistema de reformas. A introdução do sistema de reformas veio alterar a imagem da velhice, esta passou a estar associada a uma imagem de pessoas incapacitadas para o trabalho.

Desta forma a velhice emancipou-se da ideia de estar associada a uma incapacidade para trabalhar para passar a ser entendida como uma *“iniciativa pensionada”*, ou seja, todas as pessoas, a partir de uma determinada idade, ficariam *dispensadas* de trabalhar. A situação de reforma, ao passar a ser uma situação comum a um determinado grupo etário, conferiu-lhe identidade e tornou-o identificável (GUILLEMARD *cit in* VELOSO, 2004). Desta forma, podemos afirmar, que a reforma passou a funcionar como um mecanismo social que possibilita a saída do mundo *“activo”*, não porque já não se tem capacidade para trabalhar, mas antes por normas ou critérios formais. (VELOSO, 2004)

“À expressão terceira idade corresponde, então, numa nova definição de velhice.

Essa expressão surgiu, de acordo com Lenoir, em parte devido à procura de uma nova identidade por certos idosos. *Terceira idade* traduz, igualmente, a forma como os idosos das classes médias vivem ou, como Lenoir explicitou, habitam “ (...) «residências - luz», que «se distraem» nos «clubes da terceira idade» ou se instruem nas «universidades da terceira idade» (LENOIR, *cit in* VELOSO, 2004). Em contrapartida, o termo *velhice* está associada à velhice das classes populares, à velhice dos hospícios, que maioritariamente não tem recursos económicos, estando-lhes também

associada uma imagem de senilidade, de degradação física e mental (LENOIR, cit in VELOSO, 2004). Portanto, a designação *velhice* foi substituída pela *terceira idade*, representando um corte entre velhice dos hospícios, dependente e pobre e a velhice das classes médias assalariadas reformadas autónoma e com recursos económicos.

A cada uma destas expressões, velhice e terceira idade, corresponde, assim, histórica e sociologicamente, uma definição e uma forma de intervir na velhice." (VELOSO, 2004)

1.3 (Des) construção do problema social da velhice

A velhice tornou-se um problema social e começou a mobilizar as pessoas, os meios, atenções e esforços. A ideia de velhice encontra-se muitas vezes associada a ideias de pobreza, de solidão, doença e de certo modo a auto-exclusão social. (FERNANDES, 1997)

"A sociologia, não só pela história da sua origem, mas também pela evolução que conheceu posteriormente, tende a ser associada à resolução dos problemas sociais do momento" (LENOIR, cit in FERNANDES, 1997)

De acordo com Fernandes, o envolvimento afectivo e emocional é um factor condicionador para se alcançar e decifrar a realidade social que abrange toda a envolvência da velhice. A autora afirma que o problema social da velhice, nos nossos dias, é o produto da construção social consequente do confronto de reflexões e de interesses entre os vários grupos sociais e entre gerações diferentes, de maneira a obter o poder da manipulação sobre as classes de idades. Daí que " o objecto de estudo sociológico é reconstruir estes processos sociais, identificando os agentes que os levam a cabo, as estratégias que utilizam, as gerações e os grupos sociais a que pertencem, de modo a compreender a lógica de exclusão social a partir de um certo limiar de idade." (FERNANDES, 1997)

1.4 Alterações na organização familiar e consequências na solidariedade entre gerações

De acordo com Silva, “o problema do envelhecimento não pode ser visto desarticuladamente em relação ao contexto do modelo do paradigma económico que é o das sociedades industrializadas.” (SILVA, 2002:29)

Nas sociedades industrializadas, as pessoas detêm cada vez menos tempo para dedicarem aos outros, quer sejam familiares ou não. Este ritmo acelerado em que se vive é mais nefasto para os idosos que necessitam que lhes seja dedicado mais tempo.

“ (...) a questão da importância social do envelhecimento é muito abrangente, na medida em que o que na prática é ser velho - as oportunidades que oferece e os fardos que implica - está a mudar dramaticamente.” (GIDDENS, 2002)

Relativamente à sociedade, têm ocorrido inúmeras alterações e por conseguinte adaptações tiveram que ser feitas, para melhor responder a esta nova realidade do envelhecimento. No plano económico, devido ao aumento constante dos reformados, a nível social, com a criação de novas e mais infra-estruturas de apoio à velhice, a nível familiar, as relações e estruturas familiares comportam alterações, e por fim no plano cultural, a necessidade crescente de novas formas de lazer e divertimento. De um modo geral, pretende-se reunir as condições necessárias para poder proporcionar à terceira idade uma vida mais longa e bem sucedida.

Quanto à família, esta poucas vezes dispõe de tempo e condições para proporcionar aos idosos a satisfação de todas as suas necessidades. Muitas vezes são os idosos que não querendo “ocupar” a sua família, procuram instituições que possam satisfazer algumas das suas necessidades.

As estruturas familiares em termos de papéis foram sofrendo profundas mudanças ao longo dos anos. Foi principalmente o papel da mulher que sofreu as maiores modificações, deixou de desempenhar um papel que a confinava ao lar e as tarefas de educação e cuidado dos filhos e dos idosos. Ingressaram

no mundo do trabalho remunerado e socialmente mais prestigiado. Silva defende por isso que esta modificação dos papéis afectou a divisão do trabalho de educação e socialização, e deste modo foi necessário recorrer a instâncias exteriores à família, nomeadamente ao Estado, para satisfazer as suas próprias carências e limitações. (SILVA, 2002: 29-31)

Silva anuncia ainda que “o processo de desfamiliarização das relações familiares, com a conseqüente interferência do Estado no espaço deixado vago, favorece a alteração da natureza e do tipo de laços que uniam os membros da família alargada. A perda de importância da herança em favor do capital escolar, associado à certeza da intervenção das instituições nos encargos com os familiares tornou os «pais idosos» em «pessoas idosas». De tudo isto ressalta um crescimento fenómeno de desvinculação dos filhos relativamente aos pais. Decorre daqui uma diminuição importante do papel do idoso no seio da sua própria família.” (SILVA, 2002:31)

“Nos últimos anos, os idosos, que hoje constituem uma grande parte da população dos países industrializados, começaram a exercer pressão para que os seus interesses e necessidades específicas fossem objecto de maior reconhecimento. A luta contra a discriminação etária é um aspecto importante deste desenvolvimento.” (GIDDENS, 2002)

1.5 Envelhecimento activo

Nos finais dos anos 90, o termo “Envelhecimento activo” foi adaptado pela Organização Mundial de Saúde e tinha como pressuposto transmitir uma realidade para além dos cuidados com a saúde que a designação anterior, “envelhecimento saudável”, transmitia. Pois, existem outros factores que afectam o modo como as populações envelhecem. (KATACHE e KICKBUSH, 1997 *cit in* JACOB 2007)

“O conceito de envelhecimento activo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais e permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida e

inclui a participação activa dos seniores nas questões económicas, culturais, espirituais, cívicas e na definição das políticas sociais.

O objectivo primordial do envelhecimento activo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e de qualidade de vida.

Ao tentar definir o conceito de qualidade de vida para idosos Donald (1997) formulou cinco classes gerais, que podem servir de referência (...)

- A primeira categoria é a do bem-estar físico, cujos elementos são: a comodidade em termos materiais saúde, higiene e segurança.
- As relações interpessoais são a segunda categoria, que inclui as relações familiares, amigos e participação na comunidade.
- A terceira categoria tem a ver com o desenvolvimento pessoal, que representa as oportunidades de desenvolvimento intelectual, e auto-expressão.
- As actividades recreativas compõem a quarta categoria que se subdivide em três partes: socialização, entretenimento passivo e activo.
- A última categoria são as actividades espirituais e transcendentais, que envolvem a actividade simbólica, religiosa e o autoconhecimento." (JACOB, 2007:20)

Segundo Jacob (2007) o envelhecimento activo é o preparar de uma nova etapa de vida. Existem vários casos em que as pessoas reformadas detêm ainda um papel preponderante no seio da sua comunidade, como por exemplo, como dirigentes de associações, pais e avós, voluntários, guias, professores, etc.

A reforma não pode nem deve ser encarada como o fim das coisas, mas antes como uma nova etapa/oportunidade para um "reavivamento das relações sociais e humana e a realização de alguma actividade útil" (JACOB, 2007:21)

Capítulo II - LAZER

Introdução

António Teixeira Fernandes refere que “as sociedades contemporâneas, no seu processo de desenvolvimento, vêm promovendo progressivamente tempos mais dilatados de lazer, no tempo cada vez mais libertado (...). Se as sociedades industriais acentuam a ética do trabalho - tanto burguesa como marxista -, as sociedades pós-industriais confrontam-se com o tempo livre.” (FERNANDES¹: 9)

2.1 Lazer

Com o aumento cada vez maior de tempo livre, “impõe-se a organização social do lazer”, torna-se cada vez mais obrigatório um investimento crescente neste sector. “Perante os diversificados níveis de posse económica, os poderes políticos, nomeadamente o poder autárquico, são chamados a proporcionar às camadas sociais carenciadas consumos que tradicionalmente eram reservados aos estratos sociais favorecidos. Trata-se de estender aos negativamente privilegiados o que tem sido apenas acessível aos positivamente privilegiados.” (FERNANDES: 10)

Desta forma António Teixeira Fernandes refere que “as sociedades actuais estão particularmente voltadas para a busca de uma sempre maior qualidade de vida. No passado vivia-se sob o signo da privação relativa. O seu principal objectivo residia na obtenção dos meios económicos indispensáveis à sobrevivência dos indivíduos. As sociedades actuais buscam particularmente a cultura, os valores e a qualidade de vida. Desenvolve-se e alarga-se, por outro lado, a prática da participação social e cultural, considerada como inerente à vida democrática.” (FERNANDES: 10)

Deste modo podemos afirmar que o conceito de “lazer” é relativamente recente como sendo um fenómeno cultural relativo. Magalhães

¹ <http://ler.lettras.up.pt>

considera o lazer: “como uma determinada ocupação de tempo livre de que se dispõe, após se terem cumprido as tarefas obrigatórias e necessárias.” (MAGALHÃES²: 166) A mesma opinião é partilhada por outros autores, como J. Dumazedier.

Contudo, segundo Magalhães, “não podemos deixar de referir que ao longo da história o tempo livre tornou-se um tempo social, no sentido em que «é um tempo que reenvia às actividades e práticas especificamente sociais (...) criando modificações de estrutura sociais, onde aparecem novas normas e novas regras, onde se estabelecem novas relações sociais e onde se fundam novos valores» (N. SAMUEL:11 *cit in* MAGALHÃES: 167) É necessário que esse tempo, que se aufere, seja aproveitado de forma gratificante, e desta forma possa ser considerado como uma mais-valia.

Desta forma, Magalhães aponta que é necessário “salientar a existência de categorias diferentes de tempos sociais, destacando-se dentre estas o tempo livre, porque é dentro deste tempo social específico que se inscreve o lazer” (J. DUMAZEDIER *cit in* MAGALHÃES: 167)

Magalhães salienta duas visões diferentes de ver o tempo livre, nomeadamente:

- O fenómeno principal da nossa época nas sociedades modernas é a tendência generalizada para a diminuição paulatina do tempo de trabalho;
- Assiste-se à valorização crescente do tempo livre e em particular à do tempo de lazer. (MAGALHÃES: 167)

Todo este novo fenómeno tem inerente a si, obrigatoriamente, novos valores de integração social e novas formas de vida. Existe uma nova dinâmica, que vai gerando cada vez mais uma mudança social na sociedade.

“O tempo livre, e nomeadamente o lazer, constitui assim um fenómeno capital da sociedade industrial, que é em simultâneo um tempo disponível e

² <http://ler.letras.up.pt>

um objecto de consumo; enquanto agente de transformação social reduz certas desigualdades, criando, no entanto, novos tipos de desigualdades. Com isto, pretende-se reafirmar o considerável poder de transformação dos modos de vida operado mesmo a nível de consciencialização das possibilidades que o tempo livre e particularmente o lazer oferece aos indivíduos e à sociedade, no que respeita a uma melhor qualidade de vida." (MAGALHÃES: 168).

Magalhães expõe que "o lazer pressupõe, portanto, actividades potenciais que não podem ser medidas/avaliadas em termos absolutos, uma vez que exigem sempre e cada vez mais uma contextualização na sua delimitação." (MAGALHÃES: 168)

Tendo em atenção esta dificuldade de delimitação, Roger Sue refere que «toda a actividade resultante dum livre escolha e própria a procurar um sentimento de liberdade da pessoa no exercício dum actividade relevaria do lazer» (ROGER SUE cit in MAGALHÃES: 169) Desta forma podemos afirmar que o que é ou não lazer depende da atitude psicológica da pessoa, visto que até o próprio trabalho desde que realizado com prazer pode ser considerado lazer.

" (...) as práticas de lazer actualmente não são um privilégio dum minoria, antes pelo contrário, o lazer, sob uma forma ou outra, toca o conjunto da sociedade." (MAGALHÃES: 170)

Magalhães defende que "é pacífica a ideia de que a necessidade e procura crescente de lazer é correlativa da urbanização e da industrialização. Sabe-se também que a cidade é um pólo de desenvolvimento de lazeres, quer de dominante cultural quer de dominante comercial, apelando e fomentando o seu consumo."

Contudo, " a sociedade moderna não é igualmente marcada para todos nem pelo aumento de tempo livre, nem pelo aumento de lazer. Há que ter em consideração pelo menos algumas variáveis que influenciam o comportamento face ao lazer (...): sexo, idade, profissão, situação profissional, grau de instrução, estado civil, classe social e local de residência, para além de um

processo formativo de iniciação, educação e socialização.” (MAGALHÃES: 174).

Após uma vida de trabalho, as pessoas procuram formas de se sentirem bem e de poderem gozar um pouco mais a vida. Com a chegada à reforma e com o aumento do tempo livre, as pessoas vêm-se “obrigadas” a encontrar mecanismos capazes de ocupar esse tempo de uma forma produtiva. Para algumas pessoas a Academia Sénior da Covilhã é uma boa maneira de ocupar esse tempo. Pois para além de oferecer convívio e divertimento, oferece também novos conhecimentos. É sobre a aquisição de novos conhecimentos que nos vamos debruçar no próximo capítulo.

Capítulo III – EDUCAÇÃO PARA IDOSOS

Introdução

Um dos objectivos deste capítulo é analisar a educação para adultos, contribuindo desta maneira como um fundamento teórico para análise e questionamento da realidade vivida no seio das Universidades para a Terceira Idade.

3.1 A educação de adultos e as pessoas idosas

Um dos primeiros autores a analisar os conceitos de educação formal, educação não-formal e educação informal foi Jaume Trilla. De acordo com este autor, falar-se neste tipo de educação, “é recorrer a um dos vários critérios para distinguirmos uma realidade complexa, dispersa e heterogénea que é a educação. (...) a posição que Trilla defende, considerando que a distinção entre a educação formal e a educação não-formal se deve fazer tendo em conta um critério que designou de estrutural e que significa que a distinção entre as duas teria em conta a sua integração ou não no sistema educativo. Este autor argumenta que usar este critério legal é o que assegura uma distinção mais rigorosa e que não confunde a educação não-formal com uma metodologia ou um método. Contudo, o autor ressalva que a opção por este critério de diferenciação não exclui a análise das metodologias na educação não-formal.” (TRILLA, *cit in* VELOSO 2004: 175)

À educação informal está inerente todo o tipo de educação que se associa a situações que se desenvolvem em contextos que não são criados propositadamente com fins educativos. “Os seus agentes e contextos são os mais diversificados, sendo uma educação diluída, como já referimos, portanto, difícil de delimitar, o que leva Afonso (1992) a considerá-la como uma realidade problemática para se analisar sociologicamente, exceptuando contextos de educação informal mais definidos como a família, ou o bairro (AFONSO, *cit in* VELOSO, 2004: 175-176)

3.2 A aprendizagem ao longo da vida

Para o sistema de educação os idosos não configuram como sendo uma preocupação deste, mas antes um problema social que deve ser resolvido no âmbito da intervenção social. “ Esta representação ou concepção estreita de educação conjugada com uma representação social dos idosos como problema social, como alguém que precisa de cuidados e apoios financeiros, conduz a que não seja levado a sério o seu direito à educação nem o seu papel como cidadão de pleno direito.” (VELOSO, 2004: 192) Devido as suas limitações os idosos são colocado à margem nos sistemas educativos.

Segundo Withnall: “ De facto, as pessoas idosas são marginalizadas nos círculos da política educativa pela continuada ênfase na competitividade juntamente com o pânico moral acerca do suporte financeiro de uma população envelhecida que, (...), tende a conceptualizar o fim da vida primeiramente como um problema social”. (WITHNALL, 2000: 89 *cit in* VELOSO, 2004: 192)

A educação tem como objectivo central a integração no mercado de trabalho dos indivíduos, como, os idosos já não ambicionam esse objectivo, são colocados à margem deste sistema. O sistema educativo tenta encontrar respostas para solucionar os problemas do desemprego e da competitividade.

Collin Griffin defende “ (...) que a aprendizagem ao longo da vida representa uma estratégia de desmantelamento do Estado-providência que caracteriza o modelo de reforma social neoliberal.” (GRIFFIN *cit in* VELOSO, 2004: 193) Para este autor o papel que era preconizado pelo Estado é reduzido dando maior destaque à sociedade civil. Desta forma o Estado perde a autonomia de certos serviços como acontecia num “modelo progressivo social-democrata.” Neste modelo e mais concretamente, no campo educativo, “o Estado criou e manteve uma rede de educação, promovendo através de outras políticas sociais a igualdade de oportunidades, não só no âmbito da escolaridade obrigatória mas envolvendo um conceito de educação mais alargada, abrangendo assim a educação de adultos.” (LIMA: 2003: 133; MELO

et al., 2002 *cit in* VELOSO, 2004: 194)

Nos modelos de inspiração neoliberal, segundo Collins Griffin, o papel do Estado altera-se. O Estado ao se desresponsabilizar da área educativa coloca no indivíduo a obrigação da procura da sua própria educação.

De acordo com Griffin, a aprendizagem ao longo da vida segundo o “modelo de reforma social neoliberal” caracteriza-se, “ (...) por enfatizar a aprendizagem como um atributo ou uma função dos estilos de vida, por se passar da provisão estatal da educação para o papel estratégico do Estado e por salientar como uma forma de consumo por parte dos indivíduos. Neste contexto, a possibilidade dos indivíduos escolherem a sua aprendizagem torna-se fundamental, passando de cidadãos a consumidores de serviços, neste caso educativos, que são promovidos por outros promotores que não o Estado e que têm em conta os seus interesses, características e estilos de vida. Aqui, a educação de adultos, ou a educação permanente, entendida como um bem de e para todos, ou como um direito social de qualquer e de todo o cidadão, dá lugar a um direito do consumidor que procura, escolhe (e muitas vezes paga) a sua aprendizagem. A educação permanente, a educação ao longo da vida com propósitos emancipatórios, dá cada vez lugar a uma tónica na aprendizagem ao longo da vida com tendências vocacionalistas, ou seja, cada vez mais, instrumentalizada para responder ao problema do desemprego e da competitividade (...)” (GRIFFIN *cit in* VELOSO, 2004: 195)

Dentro deste modelo cabe a cada um procurar o que melhor se adequa às suas próprias necessidades, que percurso percorrer para satisfazer todas as suas expectativas e ambições. Todos possuem o direito de procurar educação ao longo da sua vida.

3.3 A realidade portuguesa

A análise da realidade portuguesa relativamente à educação de adultos vai permitir contextualizar o surgimento da realidade das Universidades da

Terceira Idade, bem como, da Academia Sénior da Covilhã alvo da nossa investigação empírica.

Até 1985 não existiu em Portugal nenhuma política pública e global de educação de adultos.

O período entre 1985 e 1995 “ (...) ficou marcado, com repercussões no campo da educação de adultos, pela aprovação no Parlamento da Lei nº 46/86, de 14 de Outubro, ou seja, a Lei de Bases do Sistema Educativo, pela adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, nesse mesmo ano, e pela iniciativa governamental de reformar o sistema educativo.” (VELOSO, 2004: 197)

É abordada a educação de adultos, na Lei de Bases do Sistema Educativo, nomeadamente, no “ensino recorrente de adultos” e da “educação extra-escolar”. Não existe “ (...) um tratamento articulado dos diferentes contextos educativos formais e não-formais e das diferentes práticas que se inserem dentro do conceito alargado de educação de adultos, parecendo traduzir, parecendo traduzir, por conseguinte, uma não valorização deste campo.” (VELOSO, 2004: 197) Nesta Lei de Bases não se refere a importância de um sistema educativo para adultos no seu todo, nem é conferida a legitimidade da educação para todos, e nem o desenvolvimento global de cada cidadão ao acesso à educação.

Segundo Veloso, “analisando e articulando a nossa Lei de Bases do Sistema Educativo podemos concluir que reduz a Educação de Adultos ao ensino recorrente de adultos, à educação extra-escola e à formação profissional, ficando de fora todo o campo de intervenção sócio-educativa destinada a grupos/comunidades, portanto, não englobando outras dimensões importantes que comporta o conceito de Educação de Adultos.” (VELOSO, 2004: 198)

Contudo estas áreas possuíam algumas limitações, nomeadamente: falta de formação dos educadores/formadores, a capacidade de mobilização dos adultos porque o que era oferecido não ia de encontro aos seus

interesses/necessidades, a escassez de meios, a inexistência de programas adequados com a realidade dos alunos adultos. (VELOSO, 2004: 201)

Em 1995, com a chegada do Partido Socialista ao poder, a educação passa a fazer parte significativa dos objectivos de intervenção do Governo. Foi criado um Grupo de Trabalho para analisar, diagnosticar e propor caminhos para a educação de adultos.

Em 1997 este Grupo de trabalho apresentou um documento estratégico que continha as seguintes propostas: “a criação de uma oferta pública de educação de adultos, (...) integrando esta oferta num sistema autónomo e descentralizado, pressupondo a existência de Unidades Locais de Educação de Adultos (ULEA); o lançamento de um programa de desenvolvimento da educação de adultos, gerido por um organismo a ser criado; a constituição de um “esquema nacional da balança de competências pessoais e de validação dos adquiridos profissionais ou de aprendizagem”; a criação de um estabelecimento de ensino dirigido unicamente para a aprendizagem de adultos organizado em dispositivos de ensino a distância e de um serviço central “de Credenciação e Registo das entidades intervenientes em Educação de Adultos.” Também propôs a formação dos formadores de Educação de Adultos, a promoção de estudos, pesquisas e publicações sobre este campo, assim como a promoção da própria educação de adultos através de uma intensa campanha publicitária incentivando e alertando para a importância da educação de cada adulto.” (VELOSO, 2004: 211)

Este Grupo de Trabalho foi extinto, passando as suas responsabilidades para a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA). A ANEFA era um instituto público, “com autonomia científica, técnica e administrativa” com responsabilidades na área de educação e formação de adultos. (VELOSO, 2004: 215)

O conceito de educação permanente, de educação ao longo da vida, tem vindo a sofrer algumas alterações e no seu lugar surgiu “a aprendizagem ao longo da vida, conceito este vinculado por agências internacionais como a

Comunidade Europeia, traduzindo uma valorização do vector educação-mercado de trabalho, em vez de educação-democracia-cidadania. Esta ênfase na aprendizagem também implicou uma alteração no papel do Estado, deixando de ser o principal fornecedor e responsável em matéria de políticas sociais, (...) passando a incentivar e envolvimento da sociedade civil na promoção de diferentes serviços, outrora da responsabilidade estatal." (VELOSO, 2004: 220) O Estado deixa de deter um papel de exclusividade na área educativa, mas antes, tenta envolver a sociedade civil nestas questões. A educação passa a ter como objectivo preparar estes adultos para a integração de forma eficiente no mercado de trabalho. Estas faixas etárias recebem uma educação adequada as suas necessidades.

" (...) a população idosa não revela um elevado índice de participação nas actividades da educação de adultos da rede pública. Desta situação de não participação dos idosos poderíamos concluir que um dos factores que poderá ter contribuído para tal facto é a não existência de uma política de educação de adultos global que promovesse ou apoiasse diferentes iniciativas que envolvesse e motivassem as pessoas idosas, que fossem iniciativas dirigidas especificamente para elas, quer tivessem um cariz mais abrangente e nas quais também pudessem participar." (VELOSO, 2004: 221)

A população idosa não se via representada nos programas oferecidos por esta educação de adultos. Os conteúdos oferecidos eram mais orientados para a integração no mercado de trabalho, algo que não constitui interesse para os idosos. São falhas de um sistema educativo não global, em que os idosos não se revêem. É devido a esta falha na política educativa que as Universidades para a Terceira Idade encontram o seu terreno de actuação, pois vocacionadas para os idosos e muitas vezes orientadas por eles.

3.4 Contexto das políticas sociais e instituições de velhice

"A decomposição da vida social em classes de idades e a definição das práticas legítimas próprias a cada idade promovem o desenvolvimento de

grupos especializados no encargo de cada uma dessas classes de idade, ao mesmo tempo que a responsabilização dos idosos, ainda que com grandes variantes sociais, deixa de ser um encargo individualizado de cada família, passando gradualmente para a responsabilidade da sociedade em geral e se caracteriza por ser uma intervenção anónima.” (FERNANDES, 1997:139)

De acordo com Silva “as políticas sociais nunca são concebidas em abstracto (...) resultam antes de uma avaliação prévia de quais são as necessidades sociais. A política social legitima-se nessas necessidades. O Estado moderno é o intérprete dessas necessidades e para criar ou encorajar políticas direccionadas e deliberadas no sentido da compensação da injustiça relativa gerada pelas relações de produção. Existem evidências claríssimas que na nossa sociedade sempre existiram - e existem - grupos cujas necessidades não são satisfeitas pela dinâmica social gerada pelo mercado.” (SILVA, 2002:53)

É necessário encontrar mecanismos mais justos para satisfazer todas estas necessidades cada vez mais pertinentes e urgentes, numa sociedade cada vez mais envelhecida. A lógica de mercado nem sempre satisfaz de forma justa todas as necessidades dos indivíduos da sociedade. Silva refere que “a necessidade social não é um facto empírico igualmente valorizado por todos. Impõe sempre um juízo de valor. (...) a necessidade social é aquilo que é desejável pelo conjunto de indivíduos do grupo social. Mas não é um valor imutável para todos os grupos e sobre ele não existe sempre um consenso alargado. Não é imutável porque no decorrer do processo histórico do grupo social, uma necessidade é substituída por uma outra mais elaborada e complexa, e assim por diante. Não é consensual porque depende da estratégia e interesses dos grupos e das suas relações de dominação. É uma questão também dialéctica. Aquele grupo que no conjunto das relações que estabelecem no todo social, se revelam mais influentes, não só terá tendência para definir as suas próprias necessidades como de determinar as dos outros. As necessidades sociais são instáveis, variam no tempo e não são reconhecidas

por todos da mesma forma.” (SILVA: 2002: 53)

De acordo com Silva “quando se fala em protecção social isto remete-nos para políticas, ou seja, para políticas sociais, aqui entendidas como constituindo «*La intervención del Estado, instrumental y normativa, com intencionalidad compensatória y/o distributiva, que ordena médios para realizar aspectos concretos del binestar social*».” (MARTI, V. 2000 cit in SILVA, 2002:54)

Estas políticas vão ser determinantes na forma como os grupos, especificamente os idosos, estabelecem relações e orientam práticas. É de acordo com estes pressupostos que “representações sociais da velhice (...) com todas as suas consequências ao nível das ideologias e práticas sociais daí decorrentes”. (FERNANDES, 1997:105)

Segundo Fernandes é a introdução das reformas que constitui a primeira forma de definição da velhice. Uma vez identificada torna-se objecto de atenção através de políticas sociais. (FERNANDES, 1997:140)

3.4.1 Políticas de apoio à velhice em Portugal

Fernandes refere que “até meados da década de setenta, Portugal não sentia ainda os efeitos do envelhecimento demográfico. (...) As preocupações em torno da velhice não constituíam um problema por si, mas integravam-se no conjunto das preocupações da previdência e da assistência, neste último caso apenas em relação às situações de necessidade publicamente reconhecidas. As reformas eram um direito apenas de alguns e a velhice continuava a ser socialmente identificada como indigência e a vagabundagem, as tais situações que suscitavam a intervenção da assistência social.” (FERNANDES, 1997:140)

“Nas regulamentações da Previdência Social houve desde o início a necessidade de impor a distinção entre assistência e previdência, (...) As instituições de previdência, quando dotadas de subvenções específicas,

poderiam suprir situações de carência (...)” (FERNANDES, 1997:141)

Segundo Fernandes “em finais de 1969 realizou-se, em Portugal, o seminário Política para a Terceira Idade com o objectivo de contribuir para a definição das bases de uma política social para os idosos, orientado por Paul Paillat. Foram os seguintes os objectivos enunciados e desenvolvidos ao longo do seminário:

- Acautelar a interrupção entre as condições de vida do fim do período activo e as do período inactivo. Tal ruptura é nefasta em todos os sentidos não só sob o ponto de vista individual, como sob o ponto de vista do equilíbrio da família e por último sob o ponto de vista dos encargos que são praticados sob distintas formas e não aparecem atentos por indivíduo sobre os serviços e instalações nacionais, públicas ou privadas, porque, afinal, jamais se faz uma análise económica completa ponderando em termos de despesa com as pensões, por exemplo, mas se se somasse o que se dá em serviço por insuficiência das pensões e as próprias pensões, obter-se-ia uma análise económica mais válida. [...].
- Evitar fazer um processo económico vergonhoso para as pessoas de idade, ou seja, um sistema que transforme as pessoas de idade em pedintes. Isso seria desastroso, por não considerar a dignidade da pessoa humana que me parece dever ser o segundo objectivo a atingir, sendo o primeiro a manutenção de um nível de vida comparável ao da vida activa. A partir do momento em que uma pessoa deixasse de trabalhar e entrasse na categoria dos reformados, aposentados, etc.
- Um certo número de instituições devia entrar automaticamente em acção a favor dessa pessoa sem que esta se visse na contingência de ter de pedir ajuda por iniciativa própria.” (FERNANDES, 2002: 143-144)

Deste ponto vê-se claramente que Paillat tentava promover o aparecimento de instituições de apoio, para permitir aos idosos uma vida

digna e suprimir as suas carências.

Em 1971, em Portugal, foi criado o serviço de “Reabilitação e Protecção aos Diminuídos e Idosos, que veio a substituir o Instituto de Assistência aos Inválidos” (MARIA DE LURDES QUARESMA *cit in* FERNANDES, 1997:144) podemos concluir que a lógica assistencial não foi colocada de lado, mas antes foi virada para uma categoria social, os idosos, com carências manifestas. “A velhice adquire uma autonomia relativa motivada por uma certa identificação dos contornos de uma categoria de indivíduos aos quais se associavam necessidades várias.” (FERNANDES, 1997:144)

Capítulo IV - ESTRUTURA INTERNA DAS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS

Introdução

Seguimos, neste trabalho, a definição de Giddens “ Uma Organização é um vasto grupo de pessoas, estruturando em linhas impessoais e constituído para se alcançarem objectivos específicos, (...)” (GIDDENS, 2002:348-349).

4.1 Perspectivas teóricas sobre as organizações

A estrutura da organização visa a coordenação de actividades colectivas, designadamente:

- Agrupar tarefas para formar funções individuais/actividades
- Agrupar funções em secções, equipas de processos, departamentos e grandes unidades administrativas como divisões
- Conceptualizar e formalizar postos de trabalho
- Delegar autoridade, atribuir responsabilidades e determinar níveis hierárquicos de gestão
- Implementar os sistemas e procedimentos a usar na comunicação e no controlo, nos fluxos de informação, processos de decisão, etc.

Segundo Bolman e Deal (1991) as organizações existem para:

- Alcançar objectivos definidos
- A estrutura de cada organização deve ser desenhada e implementada de forma a ajustar-se às características específicas dessa organização (pessoas, estratégias, produtos, tecnologia)

- As organizações tendem a funcionar melhor quando a incerteza é controlada por um conjunto de normas elaboradas com a finalidade precisa de evitar a ambiguidade
- A eficácia não é possível sem a correcta coordenação e controlo das actividades individuais
- Os problemas organizacionais resultam, muitas vezes, de estruturas pouco apropriadas às reais necessidades da organização
- A especialização facilita a obtenção de níveis elevados de desempenho, nomeadamente por facilitar a cada indivíduo o conhecimento completo das suas atribuições.

Segundo os autores como Abrahamsson (1993), Clegg (1998) e Etzioni (1973) na sociedade existem três tipos de organizações, ou seja, as organizações formais, as organizações informais e por fim as organizações sociais.

A estrutura organizacional, segundo Mintzberg (1979), compreende fundamentalmente duas componentes:

- O modo como a organização divide o trabalho em múltiplas tarefas
- A forma como estabelece a coordenação entre elas

Segundo Krackhardt e Hanson (1993), as organizações vão para além da sua estrutura hierárquica formal, pois, criam linhas de comunicação e de relacionamento informais, que também são uma parte vital das organizações. “ A estrutura informal corresponde ao lado não previsto e não planeado, mas não necessariamente indesejado. Com efeito, a organização informal pode ser comparada ao sistema nervoso central da organização (Krackhardt e Hanson, 1993), que entra em acção sempre que é necessário resolver problemas inesperados e para os quais, portanto, não existe uma resposta da estrutura formal. As redes sociais informais (...), são normalmente estáveis ao longo do

tempo e desconhecidas dos gestores.” (BRILMAN, 2000)

4.2 Abordagem política das organizações

Apesar de alguns autores, como Weber (1944), Etzioni (1961), Blau e Scott (1962), Cyert e March (1963), Rhenman (1973), se terem debruçado sobre o poder no funcionamento interno das organizações, esta não foi considerada como sendo uma variável explicativa. “Na generalidade dos casos, servia como factor ambíguo de explicação, integrado nos modelos dos processos de tomada de decisão e de liderança, mas não como uma variável independente com virtualidades específicas para compreender o funcionamento interno das organizações.” (FERREIRA, 2001: 103) Isto foi uma constante até aos princípios da década de 70 do século XX.

A partir dessa data o poder passa a deter um “ (...) estatuto de cientificidade no âmbito da teoria das organizações (...)”. “ (...) ela passa a ser visualizada como um pressuposto básico da racionalidade instrumental do funcionamento das organizações. Por outro, enquanto elemento contingente do comportamento humano, passa doravante a ser visto como um dos factores determinantes na definição das estratégias e objectivos das organizações, dos grupos e indivíduos que nelas interagem.” (FERREIRA, 2001: 105)

Ao contrário do que era defendido até então, as organizações deixam de ser determinadas por uma racionalidade externa baseada na identidade entre meios e fins, passam a ser definidas pela sua constituição interna. “ São as linguagens, os significados, os valores e culturas específicos que dão forma e conteúdo às organizações. Por outro lado, o ambiente externo das organizações é visto quer como base de controlo social e selecção de uma dinâmica interorganizacional, quer como uma realidade objectivada que regula a acção dos participantes organizacionais. (...) a eficiência de uma organização é modelada pela sua capacidade em definir internamente estratégias, criar estruturas e implementar acções institucionais com vista à optimização dos seus resultados.” (FERREIRA, 2001: 105)

- ▣ Os poderes no seio das organizações podem sofrer várias influências, e a esse respeito, a perspectiva de Mintzberg é crucial.

Segundo Mintzberg (1986) existem quatro grupos que possuem o poder de externamente influenciar o funcionamento das organizações: proprietários, associados, associação de empregados, públicos relacionados com a organização. Existem igualmente cinco grupos internos que também eles exercem grande influência sobre a organização: director geral, operadores, quadros de linha hierárquica, analistas da tecnoestrutura, e especialistas das funções logísticas. (FERREIRA, 2001: 109-111)

As organizações estabelecem relações com três públicos específicos, segundo Mintzberg, nomeadamente: os que têm influencia sobre a opinião pública, os governos e os grupos de interesses particulares. “ (...) não tendo relações directas com o funcionamento das organizações, os diferentes públicos sentem-se, no entanto, legitimados para pressioná-las quando elas prejudicam os interesses e a identidade da sociedade ou ainda quando destroem os recursos naturais de uma comunidade local.” (FERREIRA, 2001: 110)

Na Academia Sénior da Covilhã as decisões são tomadas por consenso. Apesar de a Reitora deter um papel de destaque, no que diz respeito às decisões, o voto dela vale o mesmo que a dos restantes elementos que constituem a Direcção.

“Geralmente é nas reuniões. [há alguém que tenha mais peso] Bem nós temos a Reitora que é a figura principal, não é...mas geralmente há sempre um acordo entre todos, não é.”

Entrevista n°1

“ (...) são postas na mesa, nas reuniões de Direcção e depois chaga-se a um consenso, nunca é por votação.”

Entrevista n°4

4.3 Vinculação dos indivíduos às organizações

Segundo Albert (1998) o conceito de identidade pode ser analisado de acordo com vários níveis: individual, grupal, organizacional e societal.

Todavia, o nível mais empregado é o nível de análise psico-grupal para explicar os procedimentos alusivos à identidade organizacional, apesar de este conceito apelar a um nível de análise organizacional-societal.

“De acordo com Albert e Whetten (1985), a identidade exprime os aspectos da organização que são percebidos como centrais, distintivos e duradouros.” (FERREIRA, 2001: 309) Pode-se afirmar que a identidade organizacional é construída no seio da estrutura organizacional e que representa a cultura dessa mesma organização.

Existem três perspectivas diferentes de identidade organizacional: a perspectiva funcionalista, a perspectiva interpretativista e a perspectiva pós-moderna.

A perspectiva funcionalista relaciona-se com o controlo organizacional, enquanto a perspectiva interpretativista surge relacionada com as questões da construção colectiva do significado. (FERREIRA, 2001: 310)

PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A IDENTIDADE ORGANIZACIONAL

Problema central	Perspectiva funcionalista	Perspectiva interpretativista	Perspectiva pós-moderna
	Como é que a identidade organizacional modela as acções e as cognições dos seus constituintes?	Como é que os constituintes organizacionais constroem colectivamente a identidade organizacional?	Problematização da identidade organizacional tendo em conta os padrões de relações de poder existentes entre os seus constituintes.
Definição de identidade organizacional	<ul style="list-style-type: none">• Crenças institucionalizadas sobre o que é a organização• Existência de dimensões objectivas da identidade organizacional	Conjunto de significados continuamente (re) negociados sobre o que é a organização	Reflexões pontuais, momentâneas e fragmentadas sobre o que é que os múltiplos constituintes querem que a organização seja
Pressupostos-chave	A identidade organizacional é um facto social observável e manipulável	A identidade organizacional é um fenómeno socialmente construído. Os grupos sociais conseguem ter um certo nível de convergência sobre os significados da identidade	A identidade é algo plural e que surge, em determinados momentos do tempo, a partir de um conjunto formado acidentalmente por formas paradoxais e múltiplas de entender a organização

Adaptado de Gioia, 1998 cit in Ferreira, 2001: 309

Segundo Barker (1998) “A identidade organizacional define a organização enquanto categoria social, eminentemente relacional e

invocando necessariamente comparações com outras categorias (...)” (FERREIRA, 2001: 312) Ou seja, representa aquilo que os indivíduos são na organização.

Na Academia Sénior da Covilhã todos os academistas têm voz. Têm a liberdade para poderem fazer sugestões à Direcção. É na Assembleia Geral de alunos que são decididas todas as questões vitais da Academia, todos os alunos têm direito a voz, desde que se encontrem em situação regular com os Estatutos da Academia.

“Pois..há muitas coisas que são comunicadas aos alunos, há coisas de somenos importância não. Coisas assim de compras, de coisas de casa, e assim não. Coisas de maior responsabilidade são participadas aos alunos.”

Entrevista nº2

“ [Os academistas/alunos] Tem um papel na Assembleia Geral. ”

Entrevista nº3

4.4 Processos de comunicação nas organizações

Em todas as relações que se estabelecem entre duas ou mais pessoas existe um processo, que pode ser formal ou não, de comunicação onde a informação é transmitida.

É este processo de comunicação que permite ao Homem estabelecer contactos, exprimir sentimentos ou ideias e da mesma partilhar conhecimentos, etc.

Podemos afirmar que este processo de comunicar é essencial para estabelecer entendimento entre os indivíduos, de forma a possibilitar a interacção e assim facilitar a concretização de objectivos comuns.

Segundo Jorge e Silva para que exista comunicação tem que se garantir um conjunto de princípios que sirvam de garantia para que a mesma seja efectuada com eficiência. Desta forma, a comunicação tem que ser:

 Clara

- Coerente
- Adequada
- Oportuna
- Distribuída
- Adaptável
- Interessante

Existem vários obstáculos que impossibilitam uma boa compreensão das decisões e das acções que são desenvolvidas no seio da instituição.

Podemos concluir que a informação serve para gerir, criar e definir a identidade e a imagem da organização.

Vamos agora dedicar especial atenção à comunicação interna. “As organizações necessitam de desenvolver e dedicar especial atenção a comunicação interna, para desta forma estabelecer uma ordem interna, uma coordenação das actividades, uma integração das acções a desenvolver e uma linha orientadora de consolidação do papel que todos têm na organização.” (JORGE e SILVA³:40).

É necessário demonstrar qual a importância de um bom sistema de comunicação interna no seio da organização. Para possuir um bom sistema de comunicação é necessário planificar de forma adequada o mesmo. Desta forma, Jorge e Silva, recorrendo a Perrei, apresentam 3 fases para planificar de forma correcta um sistema de comunicação, nomeadamente:

- Fase 1: Recolher as necessidades
- Fase 2: Definir os objectos
- Fase 3: Escolher os meios. (JORGE e SILVA: 44-45).

As decisões tomadas em reunião de Direcção, e que dizem respeito aos academistas, são transmitidas da seguinte maneira:

³ www.ensino.uevora.pt

“Pois é feita nas aulas, ou em reuniões, ou fazendo reuniões com os alunos, são feitas de boca a boca, normalmente. Há coisas que são participadas por escrito, mas a maioria são feitas aqui no boca a boca.”

Entrevista nº2

“Muitas vezes é por placard mas se senão se acompanhar do contacto pessoal as pessoas deixam de estar...de se lembrar dos acontecimentos...é preciso uma constante lembrança dos eventos que vamos fazer e de que contamos com os membros e é preciso um contacto pessoal muito intenso.”

Entrevista nº3

“ (...) não é por avisos nas paredes (...). Porque o aviso nas paredes, as pessoas passam e parece que não ligam, não digo todas, não se deve generalizar. Mas o dizer-se nas aulas (..) É mais directa, mais acutilante, mais...porque o papel na parede é só a memória visual, enquanto na coisa é...o auditivo, parece-me que é mais acutilante.”

Entrevista nº4

É necessário adequar o processo de comunicação à população alvo a que se destina. Procurar saber quais os métodos que auferem melhores resultados. Na Academia Sénior da Covilhã parece que o melhor sistema é o oral.

4.5 O processo de liderança

“Um chefe capaz de implementar políticas dinâmicas e capaz de gerar um séquito de seguidores ou alguém que consegue alterar radicalmente os modelos de pensamento pré-existentes pode derrubar a ordem estabelecida.

Contudo, os indivíduos só podem alcançar posição de liderança e ser bem sucedidos se existir condições sociais favoráveis.” (GIDDENS, 2002: 620)

A abordagem comportamental definiu a liderança em termos dos comportamentos capazes de fazer uma clara distinção entre os bons e os

maus líderes.

(...) A emergência dum líder a partir dos processos de interacção sugere, deste modo, que o «poder pessoal» é, neste caso, uma consequência da liderança, ou seja, depende das suas competências específicas, pelo menos no que se refere à tarefa que o grupo deve levar a efeito (JESUÍNO, 1996)

(...) O poder posicional ou poder formal é o poder que está associado a uma posição hierárquica e que se traduz na capacidade de exercer influência com base na atribuição de recompensas ou punições legalmente instituídas. O poder formal é estrutural e anterior aos processos de interacção, situação que se verifica nos grupos formais e designadamente em contextos organizacionais.

Quanto ao poder pessoal, e como a designação sugere, este consiste na influência que é exercida por virtudes das características pessoais e não necessariamente associadas a uma posição hierárquica. Modalidades de poder pessoal, tal como sugerem French e Raven (1959) são a competência, a informação e a atracção emocional (poder de referência).

Há ainda um terceiro tipo de poder - o poder legítimo, ou seja, de acordo com Weber (1947), a autoridade. O poder legítimo articula poder posicional e poder pessoal. Nos grupos não hierárquicos, o processo de legitimação, caso não se trate dum grupo temporário, pode conduzir à institucionalização dos líderes, ou seja, à emergência duma hierarquia informal (JESUÍNO, 1996)

Existem, segundo Lewin (1938), Lewin e Lippit (1938) e Lewin, Lippit e Whit (1939) três estilos de liderança, nomeadamente:

- Estilo autocrático - baseando-se na fixação de objectivos especiais e não possibilitando qualquer interacção entre os associados, associado a um controlo rigoroso da disciplina;
- Estilo democrático - permite as trocas interpessoais, ou seja, trabalho cooperativo e menor controlo da disciplina;

- Estilo laissez faire - o líder demite-se das suas funções de coordenador do grupo., quer quanto à forma como ao conteúdo. (VALA E MONTEIRO, 2002: 305)

ESTILOS DE LIDERANÇA

Variáveis organizacionais	Estilo 1 Estilo Autoritário	Estilo 2	Estilo 3	Estilo 4 Estilo Participativo
Relação Chefe-subordinado	Assenta na desconfiança	Condescendência	Confiança	Total confiança
Tomada de decisão	Centralizada e no topo	Delegação de pequenas decisões	Delegação de decisões	Descentralização
Sistema de motivação	Controlo pela ameaça e punição	Algumas vezes pela recompensa	Recompensas e só raramente a punição	Recompensas e responsabilização
Comunicação	Vertical e descendente	Vertical e por vezes ascendente	Considerável interacção chefe-subordinado	Em todos os sentidos

Fonte: Modelo de contínuo de liderança de Likert (Ferreira, J. M.: 381)

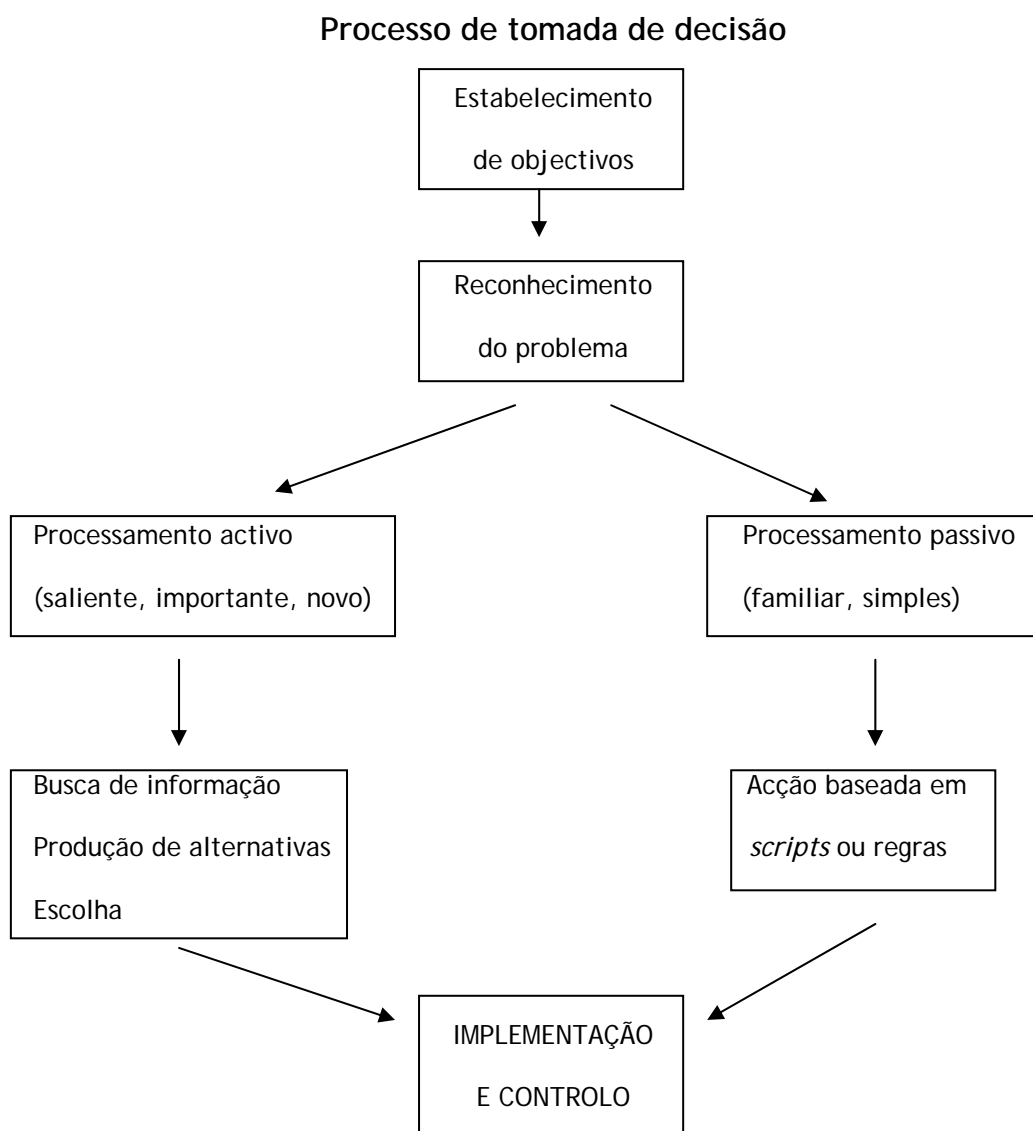
“ (...) a passagem ao contexto organizacional introduz novas dimensões, inserindo os grupos numa rede relacional mais vasta e implicando estratégias de ampliação das bases do poder a partir de recursos exteriores ao próprio grupo ou mesmo à própria organização.” (VALA E MONTEIRO, 2002: 306)

Na Academia Sénior da Covilhã, a Direcção é eleita pelos alunos por dois anos. O líder da Academia é a Reitora. De acordo com o exposto por Likert, parece-me, de acordo com a informação que verifiquei, a Reitora lidera a Academia segundo o estilo participativo. Existe uma total confiança entre todos os elementos da Direcção, a tomada de decisão é descentralizada, existe uma responsabilização geral e a comunicação é feita em todos os sentidos; todos os academistas são chamados a participar activamente na vida da Academia.

4.6 O processo de tomada de decisão

Em qualquer tipo de organização, são tomadas decisões diariamente com diferentes graus de importância e complexidade.

A resolução de problemas organizacionais constitui o ponto de partida da tomada de decisão (Mitchell e Larson, 1987). Porém, nas resoluções mais complexas, abrangendo orientações estratégicas, o estabelecimento de finalidades como contestações à antevisão de problemas institui o efectivo motivo da decisão. (FERREIRA, 2001: 405)



Fonte: As duas vias da tomada de decisão nas organizações
(Adaptado de Mitchell e Larson, 1987)
(Ferreira, J. M.: 406)

O processo de decisão pode ser tomado individualmente ou pode ser tomado em grupo. Em ambos os casos podem ser afectados pelos factores de contexto organizacional. Existem três níveis de análise para analisar a tomada de decisão: individual, grupal e organizacional.

“A teoria da escolha racional assenta na combinação de duas noções essenciais: o interesse próprio e as preferências do decisor.” (FERREIRA, 2001: 407) No primeiro caso quem decide tem tendência a decidir de acordo com os seus interesses pessoais, já no segundo caso, o decisor vai decidir de acordo com as várias alternativas de acção que tem ao seu dispor.

A tomada de decisão em grupo, nem sempre possui uma boa reputação, porque é tida muitas vezes como sendo improdutivo, frustrante e um completo desperdício de tempo, mas Ferreira, apresenta duas constatações para contrariar esta visão. Segundo o autor “ (...) cada vez mais os grupos são responsáveis pela tomada de decisão (...)” e também porque “ (...) muitas decisões tomadas em grupo atingem níveis de qualidade superiores aos da decisão individual.” (FERREIRA, 2001: 413)

“ (...) a eficácia da decisão grupal depende das capacidades individuais dos seus membros, da qualidade da informação partilhada, da dimensão do grupo e da natureza do problema.” (FERREIRA, 2001: 413)

No caso específico da Academia Sénior da Covilhã a Direcção, no ano lectivo 2007-2008, é constituída por 5 elementos (Reitora e 4 vice-reitoras) e de acordo com as entrevistas realizadas, as decisões são tomadas em grupo e procurando sempre a unanimidade.

“Em reunião de Direcção, sempre de acordo...de acordo, pode haver uma que não esteja de acordo, mas procuramos o consenso da maioria, não é? Sempre em reunião de Direcção.”

Entrevista n°2

Apesar de a Direcção possuir o direito de tomar decisões (as de somenos importância, relativas ao funcionamento diário da Academia), cabe à Assembleia Geral de Académistas pronunciar-se sobre as restantes.

“A Assembleia Geral é soberana, porque o que a Assembleia Geral decidir...a Direcção tem que acatar.”

Entrevista nº3

“ (...) as funções são distribuídas por pelouros, não é pelouros, é mais departamentos. Mas nesses departamentos, embora esteja...nome de A num departamento, não é estanque, trabalhamos muito em equipa e não é: isto é do teu departamento, eu não tenho nada a ver com isso. Nunca foi norma da Academia nesse funcionamento. Mas funciona com departamentos.

Entrevista nº4

Apesar de existirem departamentos específicos, não existe a rigidez de um assunto não poder ser resolvido por outro elemento da Direcção. O trabalho é realizado em equipa, onde os elementos, por vezes, fazem um pouco de todos os departamentos, apesar de haver um responsável departamental.

Existem vários factores, no interior de uma organização, que podem influenciar a tomada de decisões. “Nas organizações, as decisões ultrapassam as considerações de ordem económica, servem interesses transitórios dos grupos dirigentes (racionalidade política), são enformadas pela necessidade de resposta às pressões da envolvente.” (FERREIRA, 2001: 418)

4.7 Clima e cultura organizacional

A cultura de uma organização é necessariamente mais do que a visão de uma só pessoa. Numa organização pequena a influência /visão dos seus dirigentes é mais evidente, o mesmo já não acontece numa organização maior, visto que a cultura se autoproduz no tempo e no espaço através da intervenção de variados procedimentos. (BRILMAN, 2000: 91)

A cultura é um conjunto de valores, de saberes, de tradições e hábitos que condiciona a actuação de todos os elementos que constituem a

organização. A cultura organizacional resulta de um saber apreendido, transmitido e partilhado socialmente no interior da organização. Os indivíduos adquirem um código colectivo que determina a sua pertença a organização.

“A cultura da organização pode exercer uma influência decisiva sobre os resultados económicos a longo prazo. J.P. Kotter e James L. Heskett observam que as organizações cuja cultura atribui um papel preponderante ao elemento humano (clientes, accionistas e pessoal) e à responsabilidade dos quadros em todos os escalões, apresentam melhores resultados do que as empresas que valorizam menos esses aspectos.” (BRILMAN, 2000: 93)

Um aspecto interessante da cultura organizacional é que pode apresentar características diferentes de ambiente para ambiente, podendo desta forma levar ao surgimento de sub-culturas no interior da organização. Cabe ao líder de cada organização lidar com estas sub-culturas.

As organizações são muito mais do que simples recursos financeiros, estruturas físicas, equipamentos, normas e procedimentos, são antes também constituídas por estruturas humanas e sociais. Estas estruturas humanas possuem vida própria, desenvolvendo-se e adaptando-se às exigências da envolvente em que se encontram inseridos. (ANTONIO, *cit in* RIBEIRO⁴: 169)

Quanto maior for a partilha dos valores dessa cultura por todos os elementos da organização, mais forte será a cultura organizacional, levando a uma maior coesão e lealdade para com a organização. (RIBEIRO: 170-171)

A cultura permite entender como uma organização funciona, de que forma são encarados os problemas e porque os indivíduos reagem desta ou daquela maneira aos obstáculos encontrados ao longo dos seus percursos profissionais. A cultura faz parte da essência da organização. Mudar a cultura de uma organização não é tarefa fácil, porque, para além das culturas serem geralmente forte, enraizadas, elas provocam profundas transformações no ambiente e nos indivíduos.

⁴ <http://www.ipv.pt>

Capítulo V - UNIVERSIDADES SÉNIORES

Introdução

Foi na Universidade de Toulouse, em 1973, que surgiu a primeira UTI. O seu fundador foi o Professor Pierre Vellas. A base inicial deste projecto pretendia uma interacção entre jovens académicos e idosos. Mas rapidamente e perante grande entusiasmo manifestado pelos idosos, este projecto passou a integrar cursos, conferências e outras actividades que iam de encontro as necessidades manifestadas por este público-alvo. (JACOB, 2007)

Segundo Jacob existem dois modelos de UTI's, nomeadamente o modelo francês e o modelo inglês. O modelo francês está relacionado com "ensino tradicional", onde os "professores são remunerados", "formados superiormente" e o seu funcionamento assenta numa base de "cursos de duração limitada" (de 2 semanas a 2 meses) e conferências, num estilo formal. Relativamente ao modelo inglês, ao contrário do que sucedeu em França, esta ideia foi adoptado pelas "associações sem fins lucrativos e de voluntariado". Neste modelo os professores são voluntários das mais variadas profissões, existem várias actividades para os alunos, no seio da UTI, ao longo do ano inteiro e o ensino é informal. (JACOB, 2007)

5.1 Breve história das UTI'S em Portugal

A primeira Universidade da Terceira Idade surge em Portugal na década de 70, mais concretamente em 1978. Estas instituições começam a ser implantadas no seio dos novos princípios orientadores da política da terceira idade. Esta nova política assenta em pilares diferentes dos anteriormente defendidos, nomeadamente, a política de internar em asilos os idosos que não detinham as condições necessárias de sobrevivência (sem rendimentos e apoio familiar). Segundo Veloso, esta nova política, promove um novo modo de vida activa e autónoma. (VELOSO, 2004:135)

Nesta perspectiva, começam a ser implantadas as estruturas

necessárias que traduzem esta nova forma de cuidar a velhice - os lares, as casas de repouso, os centros de dia, a ajuda domiciliária. Estas valências destinam-se a dar apoio na área da assistência/acção social, principalmente a todos os idosos mais dependentes, com carências económicas. (VELOSO, 2004:135)

Segundo Veloso, a primeira Universidade da Terceira Idade portuguesa não pretendia basear a sua acção em objectivos de índole social (no sentido de apoio social e económico ao idoso carenciado). Pretendiam antes valorizar a imagem do idoso como um indivíduo cheio de capacidades para ser útil à sociedade, daí que resolveram assumir-se como uma instituição cultural e educativa e desta forma contribuindo para um desenvolvimento pleno do idoso. “Visavam valorizar o idoso, as suas capacidades e potencialidades na área educativa, quer seja como aprendiz/formando, quer seja como educador/formador, reconhecendo os seus conhecimentos numa sociedade em que tal não se verificava.” (VELOSO, 2004: 136)

Tem suscitado algumas dúvidas a denominação de Universidade para este tipo de instituições, a este respeito Pinto reforça esta ideia” (PINTO, 2006) Desta forma podemos narrar o facto de algumas instituições optarem antes pela designação de “academia” ou “instituto” e outros ainda por “associação”, normalmente seguidas pelo epíteto “cultural”, em detrimento da designação “universidade”. As instituições que optam por uma designação diferente de Universidade poderão ir de encontro à missão destas mesmas instituições, ou seja, afastando-se da missão das universidades tradicionais. (JACOB, 2007) “ (...) a utilização do termo “universidade” no caso das UTI (...) foi já objecto de uma leitura/atenção particular, se não de uma preocupação, no início dos anos 80 do século passado quando, por legislação datada de 1982, “O Ministério da Educação [refere que] permite o uso da denominação «Universidade» desde que as UTI se comprometam a não atribuir nenhum tipo de certificados ou grau académico dos cursos ministrados (DL n.º 252/82 de 28 de Junho) ”. (JACOB, 2007)

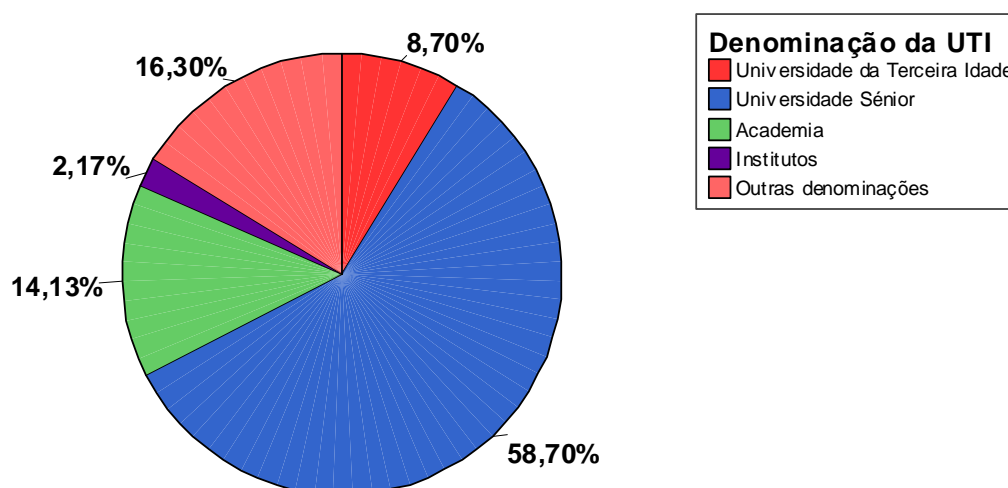
De acordo com a RUTIS, a caracterização das UTI's, realizada por Luís Jacob, em 2005 era a seguinte:

Segundo as denominações que assumem

	Nº	%
Universidade da Terceira Idade	21	32
Universidade Sénior	17	26
Academia	11	17
Institutos	11	17
Outras denominações	6	9

Com os dados existentes no site da RUTIS, neste momento (2008), as UTI's existentes, assumem as seguintes denominações:

Denominações das UTI's no ano lectivo 2007/2008

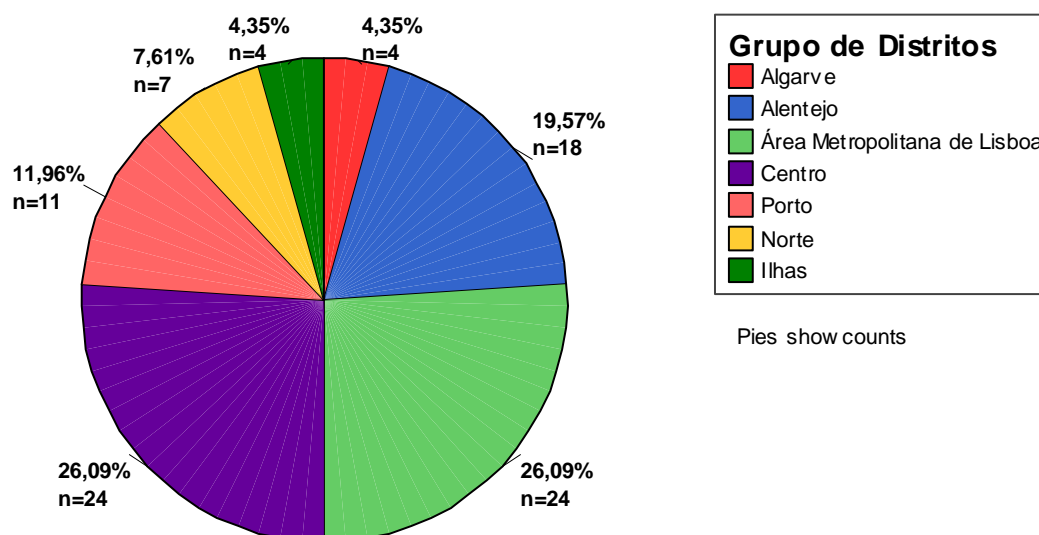


Comparando os dados de 2005 e os de 2008, verificou-se uma diminuição acentuada da denominação de Universidade da Terceira Idade, passando dos 32% em 2005 para 8,70% em 2008. Em contrapartida verificou-se um acentuado acréscimo pela opção da denominação de Universidade Sénior que passou de 26% em 2005 para 58,70% em 2008.

Encontram-se inseridas nas seguintes regiões

	Nº	%
Algarve	7	11
Alentejo	4	6
Área Metropolitana de Lisboa	14	21
Centro-Sul (acima do Tejo e abaixo do Mondego)	9	14
Centro-Norte (entre o Mondego e o Douro)	8	12
Porto	11	17
Norte	12	18
Ilhas	1	2

UTI's distribuidas por regiões em 2008



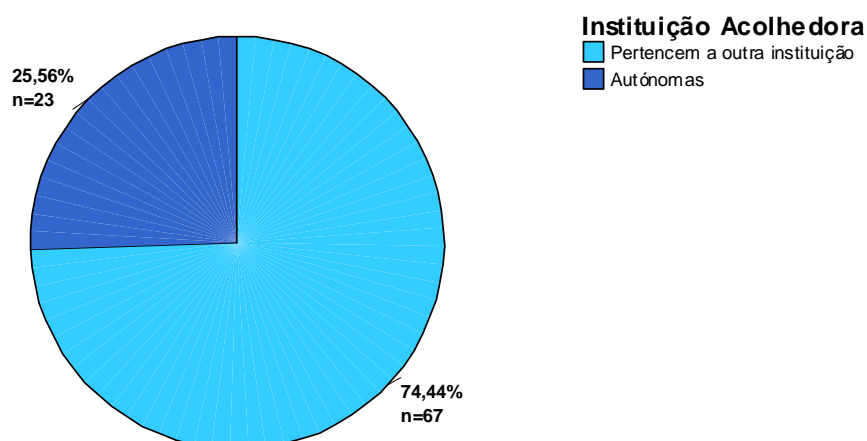
De acordo com os dados disponíveis no site da RUTIS, à data do presente estudo, as UTI's encontravam-se distribuídas pelas seguintes regiões: 4 UTI's no Algarve, verifica-se aqui uma das diminuições de UTI's desde 2005 a outra foi registada na região norte que passou de 12 UTI's em 2005 para 7 em 2008, enquanto nas restantes regiões se registou um aumento. A região do Alentejo regista um aumento de 14 novas UTI's; a área metropolitana de Lisboa teve um aumento de 10 UTI's; a região centro sul e norte passou de 17

para 24 UTI's e as Ilhas passaram de apenas uma UTI em 2005 para 4 em 2008. Não significa isto que todas as UTI's que aparecem em 2008 sejam obrigatoriamente novas, poderiam já existir em 2005 apenas não configuravam ainda como sócias da RUTIS⁵. Segundo o Presidente da RUTIS, Luís Jacob, existem mais UTI's que se encontram na eminência de serem aprovadas como sócios da RUTIS.

Em 2005, as 66 UTI's existentes detinham as seguintes características relativamente a sua pertença:

Pertencem a outra instituição	44
Autónomas	13

Características das UTI's segundo a sua pertença



Em 2008 verifica-se que se mantêm as tendências registadas em 2005, ou seja, 67 das UTI's existentes (74,44%) estão sob a alçada de outra Instituição, enquanto em 2005 eram 44. Autónomas em 2008 são 23 das UTI's (25,56%) e em 2005 número era apenas de 13 UTI's.

⁵ Existem critérios que têm que se preenchidos obrigatoriamente para se ser membro da RUTIS (mais informações no site www.rutis.org)

Relativamente aos alunos, em 2005, estavam distribuídos da seguinte

Homens	3.163
Mulheres	7.744

Quanto aos Professores que em 2005 perfaziam um total de 1.210, o seu estatuto era o seguinte:

Voluntários	1.029
Profissionais	181

As mensalidades pagas eram as seguintes:

Menos de 6€	28
6 a 11€	8
Mais de 12€	20

Relativamente à data de fundação

Antes de 1980	2
1981 até 1985	1
1986 até 1990	5
1991 até 1995	4
1996 até 2000	13
2001 até 2003	13
Depois de 2004	9

Não foi possível analisar os restantes dados de 2005, visto que no site esta informação não se encontra disponível. Cabe a cada UTI fazer a actualização dos seus dados no site, o que nem sempre acontece. Nos dados disponibilizados directamente pela RUTIS esta informação também se encontrava ausente. Partindo dos dados da Academia Sénior da Covilhã podemos referir que: na Academia existe um número maior de academistas do sexo feminino do que do sexo masculino, o que está de acordo com os dados de 2005; relativamente aos professores da Academia, apenas 2 auferem uma pequena gratificação pelas suas aulas, enquanto 14 professores prestam os

seus préstimos voluntariamente; segundo a mensalidade paga pelos academistas é de 10 euros e foi fundada em 2000.

5.2 Organização, funcionamento e financiamento das UTI's

Segundo Veloso “Na sua esmagadora maioria, as UTI's são associações sem fins lucrativos, (...) de uma forma geral, têm como objectivos, entre outros:

- promoção, valorização e a integração do idoso
- contacto com a realidade e a dinâmica social local
- ocupação dos tempos livres
- evitar o isolamento e a marginalização

A mesma ideia é partilhada por Ferreira que afirma que essas instituições “ (...) têm como objectivo contribuir para reduzir o isolamento e a solidão, e reintegrar os idosos na sociedade, resgatando a sua cidadania e a sua participação na produção de novos valores, bem como actuar na redefinição das imagens da velhice e do envelhecimento, e das relações entre gerações, aproximando-se, com esses objectivos, das propostas mais gerais dos centros de convivência.” (FERREIRA, 2006)

De acordo com o referido por Jacob, as UTI's portuguesas têm por suporte o modelo inglês, ou seja, são mais uma resposta social que uma resposta educacional, pois gozam de uma base que visa o convívio, a ajuda mútua, o voluntariado em prejuízo da certificação ou da aprendizagem. (JACOB, 2007)

“No tocante à oferta na generalidade das UTI, pode dizer-se que, entre as variadíssimas possibilidades existentes, os seniores podem escolher cursos livres sobretudo na área das humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da leitura e da escrita criativas, da saúde e das artes (plásticas). Algumas contam ainda, nos seus programas, com iniciativas na área das novas

tecnologias da informação e da comunicação e com conferências sobre temáticas actuais. De um modo geral, dispõem também de actividades como ginástica, natação, teatro, canto coral, música e trabalhos manuais ou labores. As viagens de estudo no país ou no estrangeiro constituem igualmente objecto de possível oferta. A publicação regular de revistas ou de outros tipos de periódicos pode também ser referida como uma forma de marcarem a sua presença. A diversidade de níveis de escolaridade dos alunos que frequentam estas instituições, desde licenciados ou detentores de outros graus académicos a indivíduos que possuem unicamente ou “à peine” a antiga 4ª classe, condicionará naturalmente os respectivos projectos. Depreende-se, porém, do elenco de oferta expostos que os alunos das UTI estão tão interessados em aprender como em conviver.” (PINTO, 2006)

Neste sentido Jacob (2004) refere que as UTI’s contribuem definitivamente para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

Quanto ao financiamento das UTI’s, os constringimentos / constrangimentos são muitos. O maior problema com que se debatem estas instituições é com a falta de instalações próprias. A principal fonte de financiamento das UTI’s é constituída pelas mensalidades cobradas aos alunos. Algumas UTI’s beneficiam de alguma ajuda financeira por parte das Autarquias ou Segurança Social visto que possuem a valência de Centro de Convívio. (JACOB, 2007)

Jacob acrescenta uma nota no seu artigo “Universidades da Terceira Idade. Uma resposta social ou educacional?” em que refere que: “Se pegarmos no conceito do Ministério do Trabalho e Segurança Social, de Centro de Convívio “Resposta social, desenvolvida em equipamentos de apoio a actividades sócio-recreativas e culturais, organizadas e dinamizadas pelos idosos de uma comunidade” (DEEP, 2004, P: 48), observamos que as UTI’s são na essência um Centro de Convívio mais desenvolvido e aperfeiçoado. (JACOB, 2007)

5.3 UTI'S como organizações do terceiro sector

No decorrer da sua tese de doutoramento, Alcides Monteiro coloca-se a seguinte questão: “Poderão as experiências de mobilização colectivas, nomeadamente no campo associativo, dotar-se de um sentido de solidariedade que conduza à recriação de laços sociais e a manutenção da coesão social?” (MONTEIRO, 2002: 174)

Em resposta a esta pergunta, Alcides Monteiro refere que “[n]esta sequência deste pensamento, a acção colectiva e os processos de mobilização são, segundo uma idêntica lógica, concebidos como espaços de prossecução dos interesses individuais, num contexto de concertação, e as organizações que daí resultam como estruturas mobilizadoras de interesses, recursos, oportunidades e estratégias obedecendo a um cálculo custo-benefício. O processo de mobilização compreende então a organização - que pode tomar ou não a forma de uma entidade orgânica - de um processo de controlo de recursos raros, de que em seguida fará uso para remunerar a participação individual e a maximização dos benefícios que daí decorre para os seus membros.” (MONTEIRO, 2002: 174)

Sugestão de “ponte”: Será o caso para as Academias Sénior (UTI's)?

Antes de responder a essa questão, serão dedicadas algumas palavras ao pensamento, na História da Sociologia, sobre o Associativismo.

Um das primeiras alusões feitas ao associativismo, na literatura sociológica, foram proferidas por Alexis de Tocqueville. Este autor descreve as associações voluntárias como sendo “... circunstâncias políticas semi - constitucionais, semi-sociais, que contribuem para a salvaguarda da liberdade”. É utilizando este meio que a participação e a democratização vão sendo fortalecidas, isto porque, “quando se levanta um problema...aparece certo número de cidadãos que se agrupam em organizações voluntárias, cujo fim é estudar e eventualmente resolver o problema em causa” (TOCQUEVILLE *cit in* ARON, 1991).

Tocqueville analisa o associativismo como sendo um reflexo de novas

formas de sociabilidade nas sociedades modernas, substituindo as anteriormente defendidas pelas sociedades tradicionais. Ou seja, todas as mudanças têm inerente a si a mudança de valores e de ideias que anteriormente eram aceites, transformando assim as relações que antes assentavam em relações de comunidade e parentesco. Nesta nova sociedade o cidadão ergue-se “nos seus direitos individuais, na igualdade perante a lei e o Estado”. Pois é perante esta situação que as associações assumem, segundo Tocqueville, uma importância elevada, pois é no seu seio que se pretende que se ultrapassem os riscos advindos da igualdade. As associações voluntárias permitem, por um lado, um interesse pela gestão da comunidade e do seu destino e, por outro, uma participação social “de resistência ao poder do Estado e a criação de uma consciência colectiva”. Também já Tocqueville se apercebeu nos Estados Unidos da existência de vários tipos de associações, proferindo um sem número de objectivos, nomeadamente: educativos, religiosos, reivindicativos, criativos, morais, recreativos, “não havendo nada que a vontade humana desista de alcançar pela acção livre do poder colectivo dos indivíduos”. (TOCQUEVILLE *cit in* SILVA, 2002: 7)

Também Émile Durkheim fez uma pequena reflexão sobre os “agrupamentos profissionais”, destacando a interacção entre o Estado e os indivíduos. Descreve os grupos como sendo eles que legitimam as normas e os valores, uma vez que “...só a personalidade moral que esta acima das personalidades particulares, forma a colectividade”. Segundo Durkheim, a sociedade fomenta a consciência colectiva, sem a qual o conjunto social não se diferenciava de uma soma de entidades independentes e atomizadas. Para ele, é também normal a progressiva diferenciação social que se opera no seio das sociedades, e que, pela intervenção de forças indesejáveis, se pode tornar anormal, ou seja, anómica. (Dicionário de Sociologia, 2003) Segundo Durkheim a sociedade é mais que a soma das acções individuais, acções essas que são condicionadas pela sociedade, visto que a estrutura constrange as nossas actividades. Defende ainda que o que mantém coesa a sociedade é a partilha de valores e costumes por parte dos indivíduos, e que a religião como factor

privilegiado de coesão social iria ser substituído gradualmente pela divisão do trabalho. Com esta divisão do trabalho as pessoas iriam estar cada vez mais dependentes umas das outras, o que iria fortalecer os laços entre os indivíduos e assim reforçar a importância do grupo, ou seja, dos agrupamentos profissionais. Esta aproximação iria proporcionar aos indivíduos um maior conhecimento mútuo, o que pode proporcionar a criação de outras associações fora do local de trabalho, nomeadamente de cariz desportivo, recreativo e cultural. (GIDDENS, 2002)

Na definição de alguns conceitos básicos da acção social, Max Weber distingue associação (*Verein*) de instituição (*Anstalt*), em que o primeiro tem como base o voluntariado. Por *Verein* "deve entender-se uma associação cujas ordenações só aspiram a ter validade para os que são voluntariamente seus membros", enquanto na instituição essas ordenações são "...outorgadas e pretendem valer todo aquele em que dêem determinadas características externas (nascimento, utilização de determinados serviços)". Contrariamente, na associação entra-se por "decisão pessoal e colabora-se na elaboração das ordenações". (WEBER *cit in* ARON, 1991)

Podemos concluir, com base nestes três autores clássicos, que para a sua caracterização, uma associação tem que ter:

- 📖 Um papel na criação de uma consciência colectiva;
- 📖 Uma maior aproximação em relação ao meio em que se insere;
- 📖 Um carácter fortemente ou exclusivamente voluntário.

A nível sociológico existem dificuldades na determinação da definição do próprio conceito de associação. Existem várias tentativas para a criação de uma definição, muito parciais, o que tem proporcionado ao conceito vários sentidos. Na sociologia americana, o conceito, segundo Gurvitch, ora aparece ligado a grupos formados para defender interesses particulares, ora designa agrupamentos mais fraternais, ora ainda, é utilizado para descrever grupos que se constituem voluntariamente em oposição aos agrupamentos - fundações por um lado, e aos agrupamentos espontâneos, por outro. (SILVA,

2002:8)

Também Giddens, reflectindo sobre esta temática, faz a distinção entre associação ou grupo social e agregados e categorias sociais. Assim, Giddens define grupos sociais como sendo um conjunto de indivíduos que interagem de modo sistemático com outros. Os grupos podem ir de associações muito pequenas a organizações em grande escala ou sociedades. É fundamental que os membros tenham consciência de uma identidade comum. Grande parte da vida é passada em actividades de grupo; nas sociedades modernas, a maioria das pessoas pertence a diferentes e numerosos tipos de grupo. Em relação ao termo "agregados", Giddens (2002) aponta como principal diferença com o grupo o facto de entre os vários elementos existir uma absoluta ausência de relacionamento. Quanto ao termo "categorias sociais", existe uma ausência de consciência colectiva.

Podemos assim depreender das palavras de Giddens, que é necessário para a existência de uma associação, uma consciência colectiva de pertença, bem como a existência de inter - relações constantes.

A criação de uma associação parte de bases voluntárias implica um recrutamento, uma participação e um abandono voluntário, ao contrário do que acontece com os agrupamentos. Contudo, as associações possuem condições restritivas que condicionam, de certa forma, o acesso dos seus futuros sócios. Estas condicionantes podem assumir a forma de: pagamentos de quotas ou taxas de adesão, ou de recomendações de outros membros. Como associações são fortemente marcadas por um cariz voluntário, é normal que a sua estrutura interna seja relativamente flexível, isto não quer de maneira nenhuma indicar a ausência de regras de funcionamento. Elas pautam-se por uma organização pouco formal, mas com uma estrutura, pois se assim não fosse elas não conseguiriam sobreviver. A ausência de rigidez deve-se provavelmente, à adesão voluntária dos seus membros. (SILVA, 2002:9)

Voltando a questão que tinha ficado em aberto, em relação a recriação

de laços sociais e manutenção de coesão social, nas Academias Sénior (UTI's) confirma-se, no caso específico da Academia Sénior da Covilhã. A recriação de laços sociais é alimentada todos os dias entre os alunos e mais ainda quando se inscreve um novo aluno. A manutenção da coesão social é reforçada quando alguém se afasta da Academia ou existe uma ameaça externa. Há sempre a preocupação de satisfazer todas as necessidades dos academistas contribuindo assim para um maior benefício dos seus sócios. Cabe à Direcção gerir os recursos financeiros, tentando proporcionar aos seus associados bons momentos e satisfazer as suas necessidades.

Capítulo VI – ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

6.1 Caracterização da Academia Sénior da Covilhã

A Academia Sénior da Covilhã nasceu do sonho de um pequeno grupo de amigos— Sonho que se concretizou em 24 de Fevereiro de 2000, com o registo no Cartório Notarial. De acordo com os estatutos esta associação foi registada com o nome de Associação Cultural de Jubilados da Beira Interior, adoptando depois a designação de Academia Sénior da Covilhã.

No dia 15 de Março de 2003, ocorreu na Rua Centro de Artes, actuais instalações, a assinatura do Protocolo entre a Câmara Municipal da Covilhã e a Academia Sénior, respeitante à cedência deste espaço para o desenvolvimento das actividades realizadas pela Academia.

Existe igualmente um protocolo com a Universidade da Beira Interior para a “cedência” de professores que queiram dar o seu contributo à Academia. A maioria dos professores da Academia concede os seus préstimos em regime de voluntariado⁶.



Quando questionadas relativamente ao protocolo⁷ que ainda não existe, uma das respostas que obtivemos foi a seguinte:

“ (...) só se fosse com a Segurança Social (...)”

Entrevista n.º2

6.1.1 Princípios e objectivos da Academia




A Academia rege-se, de acordo com os seus estatutos, pelos seguintes princípios:

-  É uma Associação de direito privado, sem fins lucrativos;
-  Tem finalidades educativas, formativas, científicas, de lazer e

⁶ No ano lectivo 2007-2008 apenas dois professores auferiam de uma pequena gratificação.




⁷ Neste momento a Academia possui Protocolo com: a Universidade da Beira Interior, a Câmara Municipal da Covilhã e a Delegação do INATEL da Covilhã.

bem envelhecer;

-  A sua actuação é independente de qualquer ideologia partidária ou confissão religiosa, respeitando as diversas correntes de opinião;
-  Respeita as leis e a Constituição Política da República Portuguesa;
-  Aceita os padrões de direito reconhecidos pela Declaração Universal dos Direitos do Homem.

A Academia Sénior da Covilhã tem como objectivo preencher o tempo livre e de lazer dos jubilados, promovendo e orientando actividades de pesquisa, prática, estudo, divulgação e representação dos interesses culturais e científicos dos seus associados.

Para uma melhor prossecução dos seus objectivos, em conformidade com os seus estatutos, a Academia deverá:

-  Promover e orientar a exploração e prática de artes e expressões artísticas, bem como actividades de pesquisa, estudo e divulgação em áreas ou disciplinas que representem a diversidade de interesses culturais e científicos dos seus associados, preferencialmente numa perspectiva de âmbito regional;
-  Divulgar, pelos meios ao seu alcance, todas as actividades desenvolvidas;
-  Estabelecer protocolos de cooperação e/ou associação com todas as entidades públicas e privadas que prossigam os mesmos objectivos ou similares, principalmente com a Câmara Municipal da Covilhã, outras Autarquias vizinhas e Universidade da Beira Interior⁸;

⁸ Desde o primeiro dia, por convénio com a UBI— Universidade da Beira Interior— um rol de professores geriu actividades que cativaram os associados.

- Promover a conservação, defesa e valorização da cultura nacional e europeia na tradução ou versão regional, entendida como património cultural da Beira Interior;
- Contribuir para a dignificação dos seus associados;
- Defender e promover valores fundamentais do ser humano, especialmente na idade sénior da vida;
- Promover e orientar actividades que prossigam outros objectivos que venham a ser defendidos em Assembleia Geral;
- Promover acções concretas no sentido de se aprofundar o conhecimento da gastronomia, do património artístico, sócio-cultural, arquitectónico e eco-turístico da Região da Beira Interior;
- Realizar actividades que promovam a participação cívica dos seus associados na defesa do património arquitectónico e sócio-cultural da Região;
- Promover o estudo, a conservação e a divulgação do património cultural Beirão na sua componente mais regional, através da atribuição de prémios, realização de conferências, festivais, colóquios e promoção de festas, convívios, exposições e concursos.

Nas entrevistas realizadas foi questionado sobre quais são os objectivos da Academia neste momento:

" (...) os objectivos são os de sempre, as pessoas viverem o resto da sua vida, depois da aposentação, viverem bem, com a mente ainda desperta, aprender e reaprender e diversos temas que...para os quais esta mais interessada, e o convívio e a amizade que se tem."

Entrevista nº1

“Para já é a promoção da Academia, e depois é progredir cada vez mais, a todos os níveis, a nível cultural, a nível social e pronto...de convívio, de amizades e...engrandecer.”






Entrevista nº2

“É ocupar os tempos livres dos aposentados de um modo útil, pondo todas as suas capacidades a trabalhar, desde as capacidades físicas as intelectuais e também dar um pouco de alegria de viver.”






Entrevista nº3

6.1.2 Direitos e deveres dos academistas

Relativamente aos direitos concedidos aos associados, os estatutos referem o seguinte:

-  Participar nas assembleias gerais, desde que estejam no pleno gozo de todos os seus direitos;
-  Apresentar propostas nas assembleias gerais que visem o desenvolvimento e o prestígio da Academia;
-  Frequentar a sede e demais instalações;
-  Participar nas actividades promovidas pela Associação;
-  Tomar parte nos actos e manifestações sociais da Academia, nos termos dos Estatutos e Regulamentos.

Quanto aos deveres dos associados os estatutos referem o seguinte:

-  Pagar pontualmente as quotas e outras contribuições;
-  Cumprir as resoluções e as determinações dos órgãos da Academia;
-  Pugnar pelos interesses e finalidades da Associação;
-  Colaborar na organização e realização das actividades;
-  Quaisquer outros que lhes sejam atribuídos pelos Estatutos, por Regulamentos ou por deliberações da Assembleia Geral.

6.1.3 Estrutura Orgânica da Academia

A Academia Sénior da Covilhã detém a seguinte Estrutura Orgânica:

🏛️ A Assembleia Geral

🏛️ A Direcção

🏛️ O Conselho Fiscal

Os corpos sociais são eleitos em Assembleia Geral por um mandato de dois anos.

Quanto ao funcionamento destes órgãos, os estatutos determinam que o conteúdo das reuniões de cada órgão é lavrado numa acta, em livro com todas as páginas numeradas sequencialmente. Estas actas devem: ser assinadas pelos membros do órgão presentes na reunião; ser submetidas à aprovação do respectivo órgão, na reunião seguinte e após cada reunião, se assim for deliberado pelo órgão, as actas podem ser aprovadas em minuta e lançadas no respectivo livro posteriormente.

A Assembleia Geral é o órgão máximo da Academia e as suas deliberações vinculam todos os associados.

“A Academia tem órgãos sociais, a Assembleia Geral que é soberana, a Direcção e o Conselho Fiscal. Sobretudo a Direcção é a que está mais directamente ligada aos eventos e ao lançamento do ano lectivo.”

Entrevista nº3

“ (...) na Direcção cessante, cada elemento tinha a sua função, portanto, é a Reitora que é...a Reitora, a Isabel M^a que...é uma espécie de secretária, que lavra as actas e que dá assim um apoio mais directo a Reitora, não é? Uma das vice-reitoras que faz os contactos a nível da UBI, a nível de professores, a nível de conferencistas. E depois seriam as outras duas, que tomam conta do resto todo. Eu tomo conta da parte económica, mais a (), e da casa, e das festas, e dos passeios, e do bar e da cozinha, de todo o resto. Assim é que está distribuído, agora entraram mais duas, que pensaremos dividir com elas, estas*

funções todas, não é? Porque para quando faltar uma estar sempre outra que possa, possa compensar.”

Entrevista nº2

A Assembleia Geral é constituída por todos os associados da Academia que se encontrem no pleno gozo dos seus direitos. Compete à Assembleia Geral: eleger, destituir e declarar a perda de mandato dos órgãos da Academia, por votação secreta; apreciar, discutir, votar e aprovar os Estatutos, e as suas revisões; apreciar, discutir, votar e aprovar os orçamentos, planos de actividade, programas de acção e relatórios e contas da Direcção; deliberar sobre a exoneração de associados, sobre proposta da Direcção; ratificar a adesão da Academia a organismos nacionais ou internacionais; aprovar as quotas e demais contribuições devidas pelos associados; deliberar sobre a extinção da Academia; aprovar, sob proposta da Direcção, a atribuição da qualidade de associado Honorário e de Mérito; autorizar a Academia a demandar judicialmente os membros dos órgãos por actos praticados no exercício das suas funções e exercer os demais poderes conferidos pelos presentes Estatutos e pela Lei.

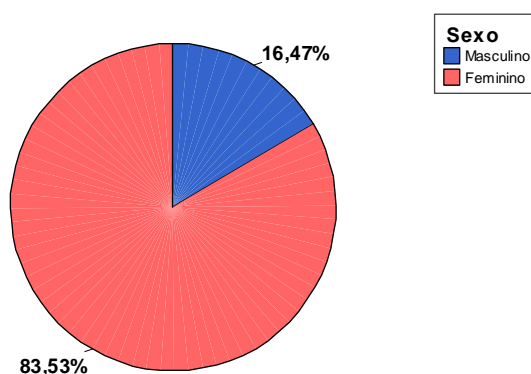
6.1.4 Caracterização dos academistas

Actualmente a Academia é constituída por 85 academistas assíduos, ou seja, que pagam propinas e assistem as aulas⁹. Destes 85 academistas 71, ou seja 83,53%, são do sexo feminino. Tal como na análise realizada em 2005 por Luís Jacob, relativa ao sexo dos frequentadores das UTI's, em que a maioria era do género feminino, o mesmo sucede na Academia Sénior da Covilhã. Este fenómeno pode estar relacionado com diferentes factores, nomeadamente: o

⁹ De acordo com os estatutos, perdem a qualidade de associado: os que pedirem exoneração em carta dirigida à Direcção; os interditos e os falecidos; os que sejam demitidos, excluídos ou expulsos pela Assembleia Geral. Constituem motivos de exclusão: a inobservância dos Estatutos e demais regulamentos da Academia; a desobediência às deliberações da Assembleia Geral e a prática de actos prejudiciais à Academia. A pena de demissão, exclusão ou expulsão, só pode ser votada pela Assembleia Geral sob proposta da Direcção, justificada pelas conclusões de processo disciplinar previamente instaurado.

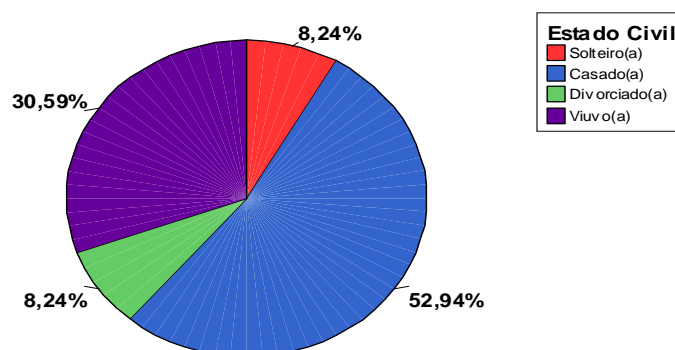
desequilíbrio presente na própria composição populacional em termos nacionais, originado pelo registo de maior taxa de mortalidade que se averigua no sexo masculino ou com a oportunidade de a mulher sair da esfera privada para um espaço público, onde possa conviver e empenhar-se em certas actividades culturais/educativas, opinião também partilhada por Veloso (2004).

Sexo dos academistas - Ano Lectivo 2007/2008

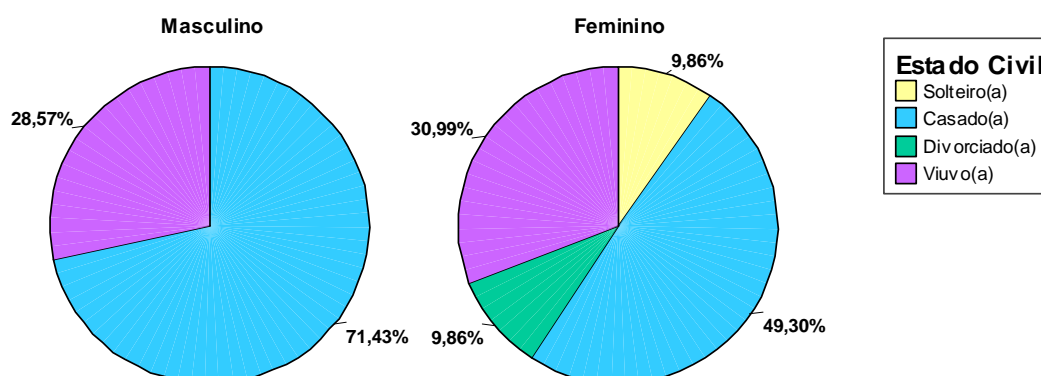


Relativamente ao Estado Civil dos academistas, no ano lectivo 2007/2008, encontrava-se distribuído do seguinte modo: o grupo mais representativo era o dos casados englobando 52,94% dos academistas, seguido pelo grupo dos que são viúvos com 30,59%.

Estado Civil dos academistas

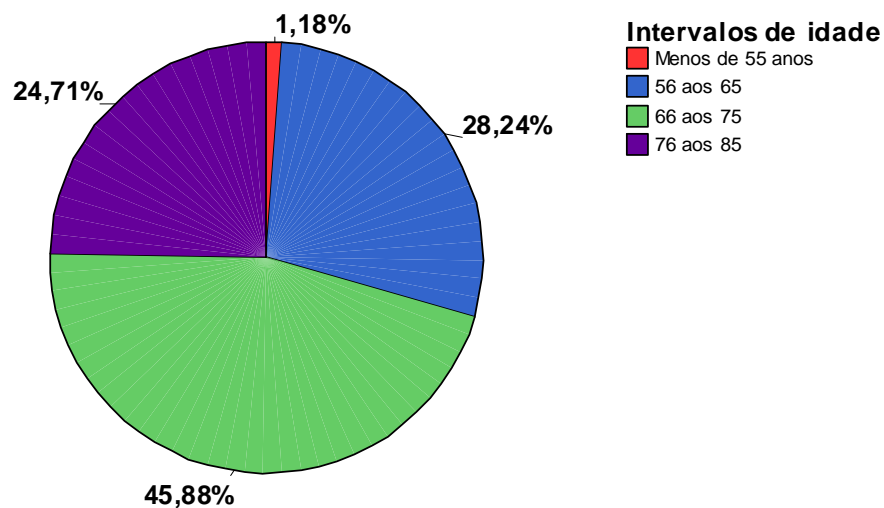


Estado Civil dos academistas de acordo com o sexo



Quando comparado o Estado Civil dos academistas de acordo com o sexo, verificamos que no sexo masculino apenas encontramos homens que são casados (71,43%) ou viúvos (28,57%). Relativamente as mulheres encontram-se divididas pelos quatro estados civis. Quase 50% das frequentadoras são casadas. Um facto curioso é que existe a mesma percentagem de mulheres solteiras como divorciadas na Academia. Este pode ser um dos motivos porque a Direcção actual e a anterior era e é constituída apenas por mulheres. A Direcção cessante era constituída por academistas do sexo feminino que tinham os seguintes estados civis: viúvas, divorciadas ou solteiras. Isto pode querer indicar que é necessária uma dedicação mais acurada à Academia que apenas é “possível” para quem não detêm encargos familiares tão intensos, ou seja, que não sejam casadas. A questão do género encontra-se aqui em destaque, visto que existem claras diferenças culturais e sociais entre homens e mulheres. Os factores sociais têm um papel fundamental na aprendizagem dos papéis que estão inerentes a cada género. Será que as mulheres têm uma maior predisposição para dedicar mais tempo aos outros nas Associações? É uma questão para uma futura investigação. Na actual Direcção o panorama mantêm-se. Os homens encontra-me ausentes da Direcção, um dos factores pode ser o facto de 71,43% serem casados e por isso terem menos tempo disponível ou indispensável para dedicar à Academia. Este seria um estudo

interessante de ser realizado numa investigação futura, ou seja, conhecer as verdadeiras razões que “afasta” os homens da Direcção da Academia Sénior da Covilhã.



Dos 85 academistas actuais da Academia 45,88% têm idades entre os 66 e os 75 anos. Entre os 56 e os 65 anos encontram-se 28,24% dos academistas, enquanto entre os 76 e os 85 anos a percentagem é de 24,71% dos academistas. Apenas 1,18% dos academistas têm menos de 55 anos. Verifica-se ainda que não existem academistas com mais de 85 anos. O academista do sexo masculino com mais idade conta já com 85 anos, fazendo 86 em Abril do próximo ano, enquanto a academista do sexo feminino têm 83 anos.

Capítulo VII - PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

7.1 Metodologia da Investigação Empírica

Como já foi indicado aquando da introdução deste trabalho, optamos por uma investigação de carácter qualitativo e quantitativo. Estas duas abordagens permitem analisar intensivamente o nosso objecto de análise: a Academia Sénior da Covilhã.

Esta investigação fundamenta-se nos princípios metodológicos do estudo de caso que possibilita compreender os processos sociais que decorrem nesta realidade educativa não-formal, mas também não exclui a possibilidade de obter dados para uma caracterização mais profunda. E que se aplica a outras Instituições similares.

Foi pedida autorização à Direcção da Academia Sénior da Covilhã, para a concretização desta investigação. A Direcção concedeu a autorização e disponibilizou toda a ajuda para a realização desta investigação.

As técnicas utilizadas foram a observação participante, as entrevistas, os questionários e a pesquisa documental. O trabalho de campo decorreu durante toda a elaboração desta dissertação, uma vez que, como já foi referido anteriormente, a Academia Sénior da Covilhã é o meu local de trabalho.

“ (...) o mundo social não é objectivo e envolve significados subjectivos e experiências que são construídas pelos participantes nas situações sociais. Consequentemente, é tarefa dos cientistas em ciências sociais interpretar os significados e experiências dos actores sociais, uma tarefa que apenas pode ser levada a cabo através da participação dos indivíduos envolvidos.” (BURGESS, 2001: 85-86) Para analisar a realidade social os cientistas sociais recorrem a várias abordagens. Contudo, é necessário interpretar todos os elementos subjectivos da realidade social. “Deste modo, os investigadores viram-se para a observação e para a observação participante, de forma a

terem acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sócias.” (BURGESS, 2001: 86)

Becker resume as tarefas associadas à observação participante nos seguintes termos:

“O observador participante reúne dados porque participa na vida quotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que estuda de forma a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversas com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre as interpretações que eles dão aos acontecimentos que observa.” (BECKER, 1958: 652 cit in BURGESS, 2001: 86)

O observador participante tem desta forma acesso a dados pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais, podendo obter vários relatos do mesmo acontecimento.

Recorremos à entrevista como outra técnica para obtermos um conhecimento mais profundo do ponto de vista de quem tem o poder de decidir. As entrevistas “ (...) permitem ao investigador retirar (...) informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevistar caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores (...)” (QUIVY, 1998: 191-192) As entrevistas têm sido consideradas como “conversas com um objectivo” (BURGESS: 2001: 112) Optamos por uma entrevista não estruturada (semidirigida, semidirectiva). “ (...) não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõem de um grande número de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado.” (QUIVI, 1998: 192)

“As entrevistas também podem ser usadas como complemento da observação-participante; podem ajudar o investigador no acesso a situações que, ao longo do tempo, e conforme o lugar ou a própria situação, eram “fechadas”” (BURGESS, 2001: 116)

As entrevistas foram realizadas durante o mês de Junho de 2008, à Reitora e a três Vice-reitoras¹⁰. As entrevistas foram realizadas individualmente, na Sede da Academia Sénior da Covilhã. As entrevistas foram gravadas, após obter a devida autorização dos entrevistados. Características das pessoas que foram entrevistadas são as seguintes:

Entrevista	Idade	Sexo
Nº 1	74	Feminino
Nº 2	71	Feminino
Nº 3	79	Feminino
Nº 4	67	Feminino

Na preparação do guião da entrevista tivemos o cuidado de inserir um conjunto de questões que nos possibilitasse auferir dados sobre distintos aspectos da Academia.

Foi de igual modo aplicado um questionário aos academistas da Academia Sénior da Covilhã. O “Questionário é um instrumento de colecta de dados, constituídos por uma série ordenada de perguntas”. (MARCONI e LAKATOS: 2003: 201)

Foram distribuídos 70 inquéritos, apenas foram devolvidos 39 mas é mais do que Marconi e Lakatos afirmavam ser a média. Os inquéritos foram distribuídos na Sede da Academia em Junho, durante o período lectivo.

Os questionários permitiram obter dados que, mediante a aplicação de outras técnicas, que ainda não se encontravam suficientemente esclarecidas. A possibilidade de ter acesso à opinião dos academistas sobre genuínos aspectos da Academia foi uma das relevâncias que tivemos em conta na escolha desta técnica.

¹⁰ Devido ao processo eleitoral, que decorreu na Academia durante o mês de Junho, e com a saída de alguns elementos da Direcção, apenas foi possível fazer a entrevista à Reitora e a 3 vice-reitoras (A Direcção era composta à data pela Reitora e 4 vice-reitoras). Os elementos da nova Direcção apenas tomaram posse a 11 de Julho de 2008.

O questionário encontrava-se dividido em 3 partes. A primeira parte era composta por questões com o objectivo de obter dados de caracterização do academista. Na segunda parte era pedida a opinião do academista em relação à Academia. A última parte diz respeito ao futuro da Academia. Os dados obtidos neste questionário foram alvo de tratamento em SPSS, embora algumas questões foram apenas alvo da análise de cariz descritivo, porque houve poucas respostas.

A pesquisa documental foi realizada ao longo de toda a pesquisa. Para além dos diversos documentos produzidos pelos mais variados autores, tivemos também acesso às seguintes fontes de informação:

- Estatutos da Academia
- Regulamento interno
- As revistas editadas pela Academia

7.2 Apresentação dos resultados

Existe na Academia uma distinção entre as disciplinas “teóricas” e as “práticas”. Nas teóricas englobam-se as línguas e as ciências sociais e humanas, enquanto nas práticas estão inseridas as artes, canto e o desporto. A Academia Sénior da Covilhã, no ano lectivo 2007/2008, ofereceu aos seus alunos as seguintes disciplinas: História de Portugal, História da Arte, Literatura, Fenomenologia das Religiões, Coro, Cavaquinhos, Hidroginástica, Yoga, Expressão Plástica, Artes Decorativas; Inglês I-II-III, Geriatria, Espanhol, Danças de Salão e Psicologia. Algumas funcionaram nos dois semestres, enquanto outras apenas puderam ser oferecidas durante um dos semestres.

Da análise das folhas de presenças ao longo do ano lectivo 2007/2008 podemos concluir que as aulas com maior número de academistas, em média, por aula são: em primeiro lugar História da Arte com assistência média de 29 academistas por aula; em segundo lugar História de Portugal com 28 alunos e em terceiro lugar surge a aula de Literatura com 24 alunos em média por

aula. As aulas com menos alunos são: Inglês I com uma média de 4 alunos por cada aula, Expressão Plástica com uma média de 6 alunos e Danças de Salão com apenas 7 alunos por aula. Por esquecimento podem ter ficado por registar algumas das presenças, a folha de presenças não foi entregue na aula, ou ainda alguns academistas podem por lapso ter esquecido de assinar a respectiva folha de presenças.

Disciplina	Média de alunos por aula	Semestres	Ordem de Assistência
Yoga	15	1º + 2º	8
Espanhol	9	1º	10
Cavaquinhos	17	1º + 2º	7
Expressão Plástica	6	1º + 2º	13
Inglês I	4	1º + 2º	14
Inglês II	9	1º + 2º	10
Inglês III	8	1º + 2º	11
Fenomenologia da Religião	20	1º	5
História de Portugal	28	1º + 2º	2
História da Arte	29	1º	1
Geriatrics	21	1º + 2º	4
Danças de Salão	7	1º + 2º	12
Partilha de Leituras	13	2º	9
Psicologia	18	2º	6
Literatura	24	2º	3
Artes Decorativas	4	2º	14

Dados recolhidos das Folhas de Presença do ano lectivo 2007/2008

Perguntamos, aquando das Entrevistas, qual a disciplina que ainda não existe na Academia mas que gostariam de ter. Obtivemos as seguintes respostas:

" (...) talvez a Cidadania (...)"

Entrevista nº1

"Eu gostava de ter Francês (...) Também houve ai uma disciplina, não era bem...não era bem os falares era de... como é que se chamava... [tradições] tradições, gostava muito, que já houve, e não há."

Entrevista nº2

"Eu acho que fazia falta às pessoas terem uma disciplina onde escrevessem e lessem oralmente."

Entrevista nº3

Para além destas disciplinas, existem outras actividades que estão ao

dispor dos alunos ao longo do ano. Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês é realizado o “Venha Tomar Café Connosco”. É escolhido um tema e um conferencista. O Venha Tomar Café Connosco realiza-se à noite na Sede da Academia. Todos os academistas e população em geral estão convidados a assistir. A entrada custa 2€, é uma forma de angariar algum dinheiro. No início de cada sessão é oferecido um café ou chá. Depois dá-se início à conferência. No final, todos têm a liberdade de colocar as suas dúvidas. Esclarecidas todas as dúvidas, existe o momento de convívio, em que são distribuídos bolos, oferecidos pelos academistas, e chá. Este ano lectivo foram realizados 7 Venha Tomar Café Connosco com os seguintes temas e conferencistas:

- 📅 12 de Outubro - Dr. Pedro Guilherme - “Música *New Age*: Homem e Universo em dueto”
- 📅 9 de Novembro - Professor Doutor Jorge Miguel dos Reis Silva (UBI) - “A ciência ao serviço da Paz e do Desenvolvimento”
- 📅 7 de Dezembro - Professor Doutor Ivan Camelier (UBI) - “Um século de aviação”
- 📅 4 de Janeiro - Professor Doutor Eduardo Segre (UBI) - “A matematização do Universo: grandezas e misérias”
- 📅 7 de Março - Dr.^a Adélia Carvalho Mineiro - “O Feminino nos Livros únicos do Estado Novo”
- 📅 4 de Abril - Dr.^a Maria João Albuquerque Simões (Universidade de Coimbra) - “Pastiche, Paródia e Fantasia no último Eça”
- 📅 6 de Junho - Professor Doutor Alexandre António da Costa Luís (UBI) - “Da defesa do Reino à Formação de um Império português”

Organizam vários passeios ao longo do ano, está é uma forma de angariar fundos para a Academia. Estas iniciativas são custeadas pelos participantes, devido ao custo das mesmas, podemos considerar que este

facto pode indicar uma possível selecção dos academistas que frequentam a Academia. Existe contudo a possibilidade, de se poder pagar em pequenas prestações este valor, o mesmo sucede com o pagamento das propinas. No ano lectivo de 2007-2008, devido à organização do VII Encontro Nacional de Universidades Seniores, apenas se fez um passeio. O passeio teve lugar no dia 6 de Outubro com rumo ao Porto onde da parte da manhã foram visitados o Palácio do Freixo e a Exposição de Salvador Dali que ali se encontrava exposta, na parte da tarde foram até ao Teatro Rivoli assistir a peça de Filipe La Féria "Jesus Cristo Superstar" regressando no final do dia.

Para além destes passeios há a salientar outras actividades sociais como as festas de Natal, do Magusto, do Carnaval e do São João que também serve como festa de fim de ano. Todas estas festas acarretam um custo que também este é custeado pelos academistas. Para além da ajuda na realização destes eventos são oferecidas sobremesas. Este ano para além destas habituais festas, a Academia Sénior da Covilhã teve o orgulho de organizar o VII Encontro Nacional de Universidades Seniores. Estiveram presentes perto de 1000 participantes de Universidades Seniores. Havia participantes de todo o país (Continente).

Estas actividades desenvolvidas estão relacionadas com os objectivos desta Academia, ou seja, promoção, valorização e integração dos academistas. É uma forma de ocupar os tempos livres e evitar o isolamento e marginalização.

É da responsabilidade da Direcção planear e organizar as actividades do ano lectivo. Por isso, questionamos a Direcção para sabermos se estas decisões são ou não condicionadas pelo factor económico¹¹:

"Aí sempre...eu acho que sempre, todas elas são condicionadas pelo aspecto financeiro. [em que aspecto] Então olhe, para já é o pagamento de um funcionário que nós tínhamos que ter aqui a tempo inteiro, que nos daria muito jeito, que era bom a todos os níveis,

¹¹ Relativamente as Instalações, estas são cedidas gratuitamente pela Câmara Municipal da Covilhã.

mesmo para a Academia, para os academistas e tudo mais. Estamos sempre condicionados nas atitudes que tomamos, até nos passeios que fazemos, nas festas que fazemos é sempre tudo para termos mais dinheiro, queríamos melhorar a casa, queríamos melhorar o ambiente, queríamos ter outras condições, não é? Estamos sempre condicionadas...”

Entrevista nº2

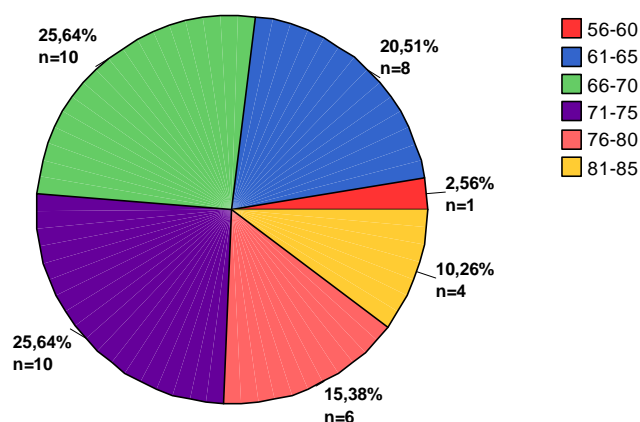
“Também têm a condicionante porque nós vivemos daquilo que as pessoas pagam mensalmente, embora o pagamento seja semestral, atribui-se 10 euros a cada mês, o que é muito pouco para as actividades que promovemos, portanto há sempre uma condicionante económica.”

Entrevista nº3

De seguida iremos fazer a análise dos resultados obtidos através dos Inquéritos que foram aplicados aos Academistas durante o mês de Junho. Dos 70 Inquéritos que foram distribuídos na Sede da Academia apenas foram devolvidos 39.

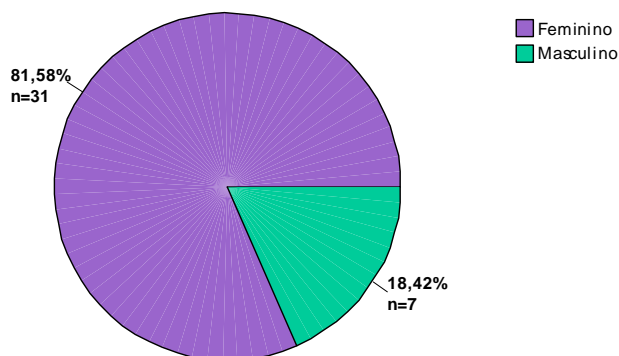
Dos Inquéritos recebidos, 26,32% tinha entre 71-75 anos e 23,68% entre os 66 e 70 anos. Apenas 2,63% dos academistas tinham entre 56 e 60 anos.

Idade dos Academistas que responderam ao Inquérito



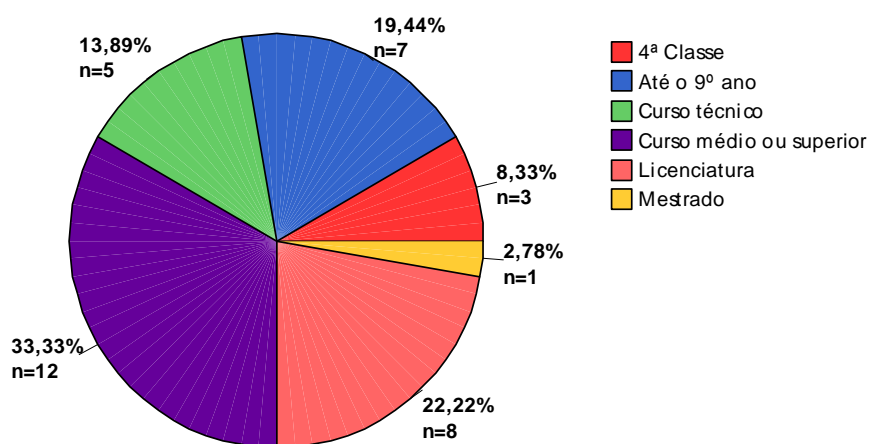
De todos os inquiridos 81,58% eram do sexo feminino e apenas 18,42% eram do sexo masculino.

Sexo dos Academistas



Relativamente às habilitações literárias, os dados demonstram que mais de 50% tem uma educação média ou superior. 8,33% dos inquiridos tem apenas a 4ª classe.

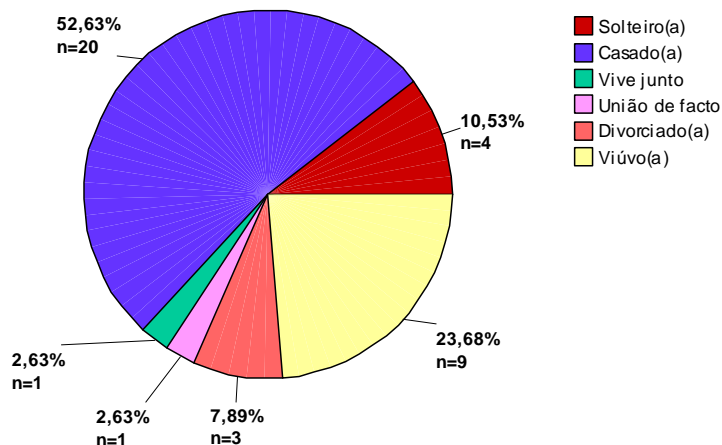
Habilitações Literárias



Verificamos uma elevada percentagem de pessoas casadas. Dos

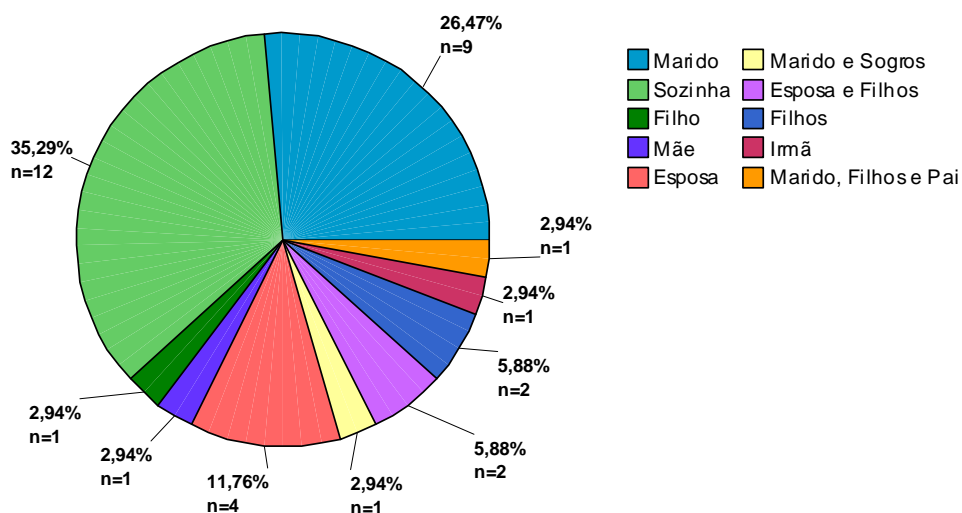
inquiridos 52,63% são casados, enquanto 23,68% são viúvos. Existe também uma percentagem de 10,53% de solteiros.

Estado Civil



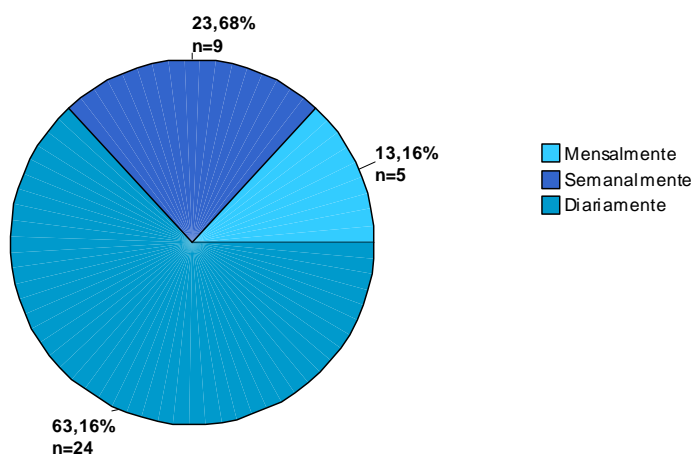
Quando questionados sobre com quem vivem as respostas foram as seguintes: 35,29% dos inquiridos vive sozinho, isto pode ser um dos motivos porque escolheram vir para a Academia, para combater a solidão e conviver (dois dos motivos mais referidos quando questionados pelos motivos porque vieram para a Academia). Do que pode observar diariamente, há academistas que sentem falta da Academia, que se sentem muito sozinhos. Há Academistas que vêm para a Academia logo pela manhã, mesmo que não tenham aulas, e permanecem o resto do dia. Demonstram uma necessidade constante pelo convívio com os restantes academistas.

Com quem vive

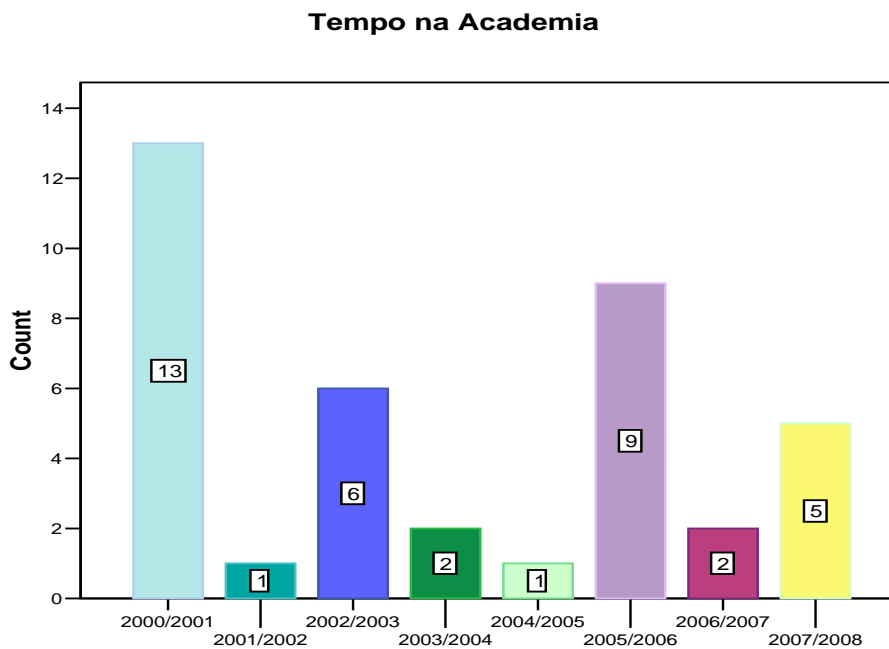


Quando questionados sobre a frequência de convívio com os familiares, obtivemos as seguintes respostas: 63,16% refere que mantêm um contacto diário com familiares. Não existe nenhum caso em que o academista não tenha nenhum contacto com familiares.

Frequencia com que convive com os familiares

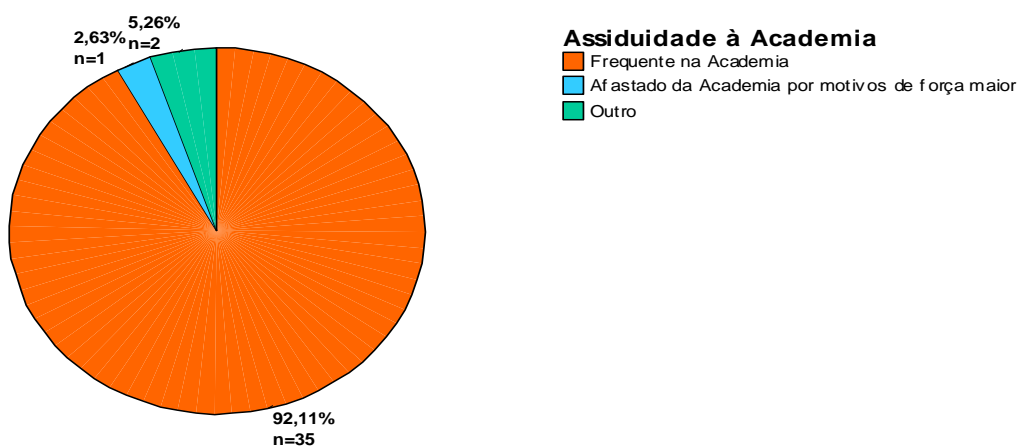


Relativamente ao tempo que estão na Academia as respostas foram as seguintes: 33,3% pertencem à Academia desde o ano 2000/2001, 23,1% desde 2005/2006. Dos inquiridos 12,8% tinham entrado para a Academia este ano lectivo.



Quando questionados quanto a sua assiduidade na Academia, 92,11% respondeu que a sua assiduidade é frequente. Há academistas que frequentam a Academia com uma certa regularidade, assistem as aulas e participam nos vários eventos, mas há também aqueles que apenas assistem a uma ou duas aulas e que raramente participam nos eventos promovidos pela Academia.

Assiduidade na Academia



Quando questionados para por palavras deles nos descreverem a Academia obtivemos as seguintes respostas:

Grupo de pessoas que se reúne para conviver, aprender e divertir.	8
O melhor que aconteceu ultimamente nas nossas vidas.	1
Instituição de Cultura, de Lazer e de convívio entre pessoas.	18
Fonte de conhecimentos.	4
Lugar acolhedor de convívio familiar.	4

Das respostas dadas podemos depreender que as pessoas se sentem bem por frequentar a Academia. Que é um lugar genuíno para conviver e adquirir novos conhecimentos. Uma das variáveis apresentadas pelos academistas para descrever a Academia é como sendo um lugar de convívio. O convívio assume uma grande importância para os academistas.

Quanto aos motivos porque se inscreveram na Academia as respostas foram as seguintes:

Conviver e criar amizades.	7
Necessidade de uma ocupação dos tempos livres.	5
Manter um pensamento sempre activo.	5
Solidão.	4
Influência de amigos.	2
Aquisição de novos conhecimentos.	2
Influência de familiares.	1
Conhecer novas pessoas.	3
Aumento de Conhecimentos.	4

Conviver e adquirir novos conhecimentos são as razões mais apontadas que os academistas referiram como o motivo porque se inscreveram na Academia. A necessidade de conviver pode estar ligado ao facto de existirem muitos solteiros e viúvos na Academia, enquanto o facto de querer adquirir novos conhecimentos pode estar ligado ao facto de os academistas que frequentam a Academia possuírem habilitações literárias médias ou superiores. De acordo com os dados recolhidos 33,33% dos academistas possuem um curso médio ou superior, 22,22% são detentores de uma Licenciatura e 2,78% tem um Mestrado. “A importância da classe social como factor que condiciona a concepção que os reformados têm da reforma e modo como a vivem tem sido salientada por diferentes autores como Lenoir (1979), Guillemard (1972, 1980, 1986) e Estes (1991). (...) A conclusão é que os estilos de vida dos reformados são condicionados pela classe a que pertencem, tendo salientado Guillemard (1972) que esse estilo de vida dependente/condicionado pela actividade profissional que desenvolveram durante a vida activa.” (VELOSO, 2004: 315)

Relativamente a pergunta “*Como acha que a Cidade vê a Academia Sénior no seu conjunto?*” obtivemos as seguintes respostas:

Forma positiva, como um grupo de pessoas que convive, aprende e representa a cidade.	8
Instituição de utilidade pública que desenvolve actividades interessantes.	2
Instituição útil para os idosos.	4
Alguns com receio outros com indiferença.	1
Para muitos é desconhecida, para outros é motivo de vaidade; para outros só indiferença.	4
Maior consideração ao longo dos últimos tempos.	1
Distanciamento.	2
Desconhecimento	3
Falta uma maior divulgação das actividades e objectivos da Academia.	1
Como um espaço de cultura e lazer mas não acessível a todos os possíveis interessados.	1
Como uma Instituição elitista mas também com alguma admiração e respeito, pelo seu nível cultural e social.	1

Existem duas posições antagónicas, se uns acham que são vistos de forma positiva outros há, que acham que são vistos com indiferença ou desconhecimento. Destacamos aqui o facto de um academista referir que é necessário uma maior divulgação das actividades e objectivos da Academia.

Todas as actividades da Academia são enviadas para os jornais, rádios locais e site da Câmara Municipal, e cabe a estes a sua divulgação ou não. No início deste ano lectivo foi levada uma campanha publicitária na rádio com a finalidade de angariar novos academistas. Estando directamente ligada a este factor ou não, o que aconteceu este ano lectivo foi que houve um número maior de inscrições de novos alunos. Esta iniciativa deveria ser realizada mais vezes com a finalidade de dar a conhecer ainda mais a Academia e as suas actividades.

Os academistas questionados quanto a *“Quais são para si as 3 maiores mudanças (por ordem de prioridade) que a Academia deve fazer?”* responderam da seguinte forma:

Primeira mudança	Segunda mudança	Terceira mudança
Aquisição de uma carrinha, com alguma colaboração económica dos alunos e da autarquia.	Os academistas deveriam colaborar nas tarefas e responsabilidades da Direcção.	
Esta a funcionar lindamente		
Urgência em ser considerada de Instituição de utilidade pública.	Aumentar o espaço.	
Funcionária efectiva.	Aumento das Propinas.	
Aumento das Propinas.	Funcionária efectiva.	
Captar para Professores - academistas.	Renovação da Direcção com novos elementos.	Adaptação dos Horários as disponibilidades dos alunos.
Mais passeios.		
Estatuto de utilidade pública.		
Criação de um espaço simpático para café ou chá.	Ampliar o número de disciplinas (História Universal, Estudo da Bíblia, Sociologia)	
Uma sala para pintar com luz natural.	Bancos à entrada ou uma pequena explanada.	
Promover a interagir mais nos acontecimentos culturais da cidade.	Realizar mais visitas de Estudo e também lúdicas (Almoços Regionais)	
Mudança de Instalações e salas com luz e espaço.	Maior frequência de visitas de estudo e passeios.	
Abertura à comunidade.	Instalações mais condignas.	
Novas Instalações -maiores	Maior abertura à cidade.	Uma secção informática.

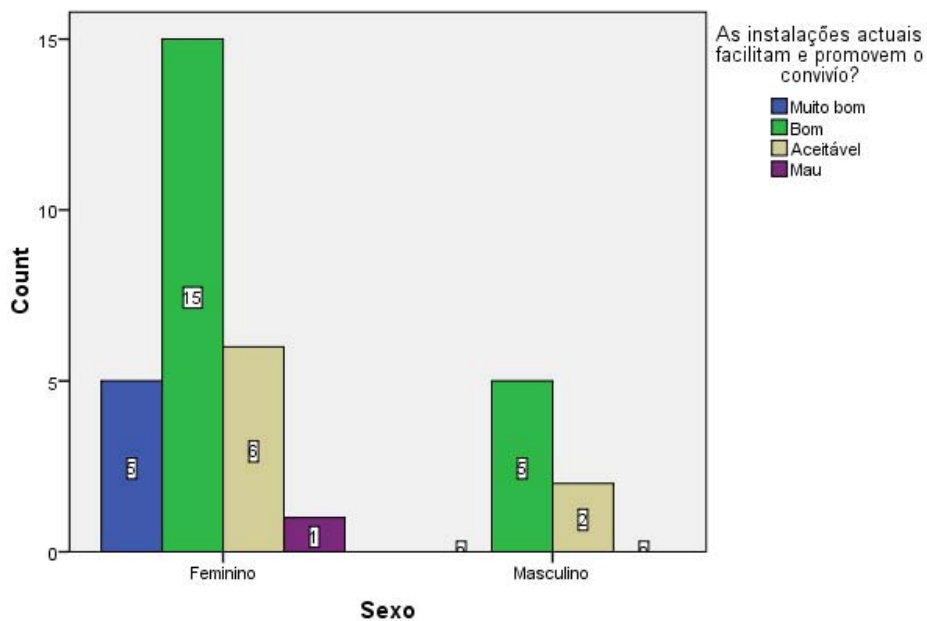
De seguida vamos proceder ao agrupamento destas respostas de acordo

com algumas categorias.

Instalações
Aumentar o espaço.
Criação de um espaço simpático para café ou chá.
Uma sala para pintar com luz natural.
Bancos à entrada ou uma pequena explanada.
Mudança de Instalações e salas com luz e espaço.
Instalações mais condignas.
Novas Instalações -maiores
Uma secção informática.

As instalações da Academia Sénior da Covilhã, como já foi referido anteriormente, são cedidas pela Câmara Municipal da Covilhã. De acordo com o estabelecido entre as duas instituições, a Academia não paga nenhuma verba à Câmara pela sua utilização. A Academia é composta por uma sala de convívio, uma sala de aulas, uma sala de reuniões, uma sala multiusos, uma secretária, uma cozinha e três casas de banho. A sala de convívio serve também de bar. É composta por seis mesas e respectivas cadeiras que deveriam proporcionar um lugar de convívio. Quanto ao facto de poder ser mais “simpático” depende dos academistas, que talvez não lhe dêem o devido uso.

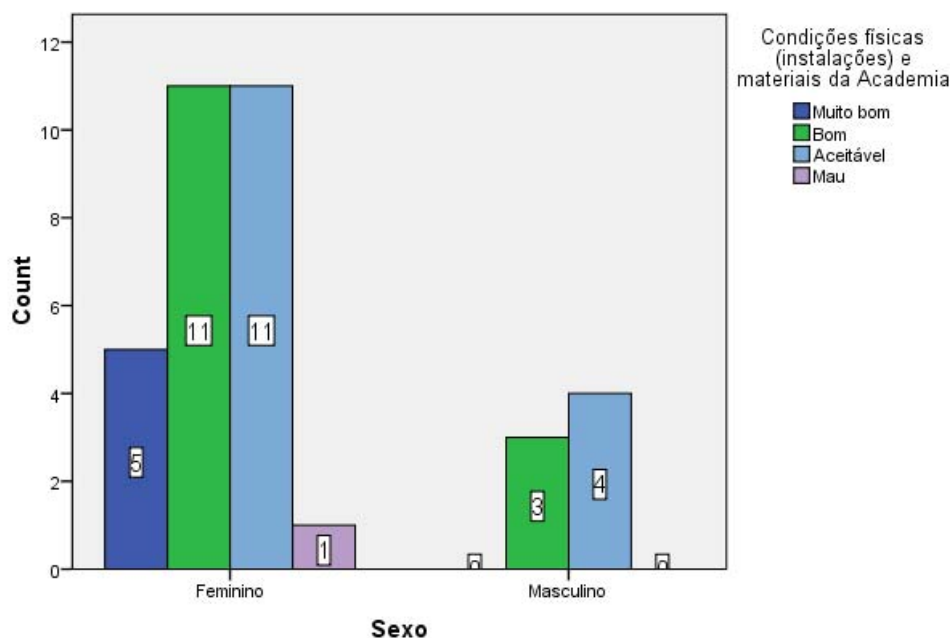
Opinião sobre se as instalações actuais facilitam e promovem o convívio



Segundo os inquiridos as condições actuais são boas, pois facilitam e promovem o convívio. 15 Academistas referem essa opinião.

As aulas de Expressão Plástica e de Artes Decorativas decorrem na sala multiuso. É uma sala no interior da Academia, por isso não tem acesso directo à luz natural. Este acaba por ser um factor limitativo à prática destas disciplinas. São os alunos que optam por estas disciplinas que apresentam mais queixas. Segundo os dados apresentados anteriormente relativos às presenças dos academistas nas aulas, estas duas disciplinas apresentam uma percentagem inferior de participação, isto pode estar directamente relacionada com a falta de condições para o exercício destas disciplinas condignamente. Nesta sala decorrem também as aulas de Yoga, Coro e Cavaquinho. E também para a prática destas actividades o espaço começa a tornar-se diminuto.

Opinião sobre as condições físicas (instalações) e materiais da Academia segundo o sexo



A opinião dos inquiridos sobre as Instalações da Academia situa-se entre o bom e o aceitável. Apenas uma academista referiu que as condições são más.

De seguida passamos para a análise das respostas que dizem respeito ao funcionamento da Academia.

Funcionamento
Os academistas deveriam colaborar nas tarefas e responsabilidades da Direcção.
Esta a funcionar lindamente
Urgência em ser considerada de Instituição de utilidade pública.
Funcionária efectiva.
Aumento das Propinas.
Captar para Professores - academistas.
Renovação da Direcção com novos elementos.
Adaptação dos Horários as disponibilidades dos alunos.
Mais passeios.
Ampliar o número de disciplinas (História Universal, Estudo da Bíblia, Sociologia)
Realizar mais visitas de Estudo e também lúdicas (Almoços Regionais)

Os academistas podem e devem colaborar nas tarefas e responsabilidades da Direcção, visto que a Academia é de todos os academistas e que grande parte do trabalho é realizado em regime de voluntariado. Existe por parte da Direcção abertura para que os academistas possam ajudar em todas as tarefas, bem como, podem sempre sugerir novas actividades. Principalmente as festas são organizadas e realizadas a base de muito trabalho voluntário.

Quanto a questão de ser considerada Instituição de Utilidade Pública, é algo que está prometido pelo Presidente da Câmara¹². A Direcção fez o necessário, agora depende da Câmara. Seria uma vantagem grande para a Academia se fosse considerada Instituição de Utilidade Pública, por exemplo, poderia concorrer à atribuição de alguns subsídios estatais.

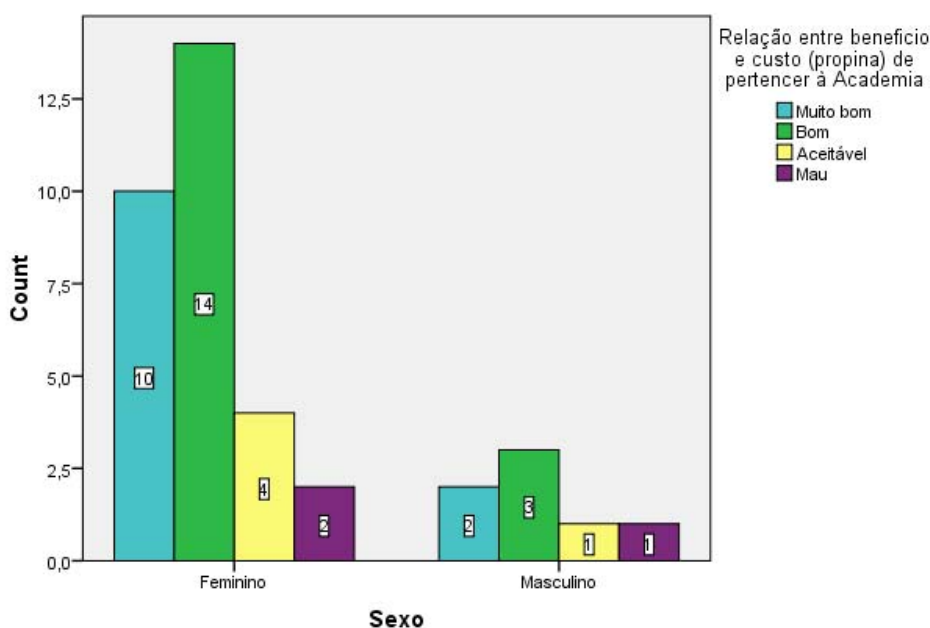
A Direcção têm-se debatido para conseguir uma funcionária efectiva. Nos últimos tempos os ordenados das funcionárias da Academia têm sido comparticipados pelo IEPF¹³. A situação económica da Academia não permite

¹² Esta promessa foi feita durante a Festa do VII Encontro Nacional de Universidades Seniores que se realizou de 11 de Maio de 2008 na Covilhã. Também nesta ocasião foi prometida a medalha de honra da cidade para a Academia – 20 de Outubro de 2008

¹³ Estágio Profissional

a contratação de uma funcionária efectiva. Uma das soluções encontradas pela Direcção consiste no aumento das propinas, visto esta ser uma das principais fontes de rendimento da Academia. É uma solução que tem que ser muito bem ponderada, porque pode levar ao abandono de alguns alunos, que já as consideram elevadas. 14 Academistas consideram boa a relação entre custo e benefício de pertencer à Academia, apenas 2 academistas e um academista consideram ser má esta relação. Dos inquiridos há 10 academistas e dois academistas que consideram ser muito boa esta relação. Ou seja, aquilo que pagam esta de acordo cm aquilo de usufruem da Academia.

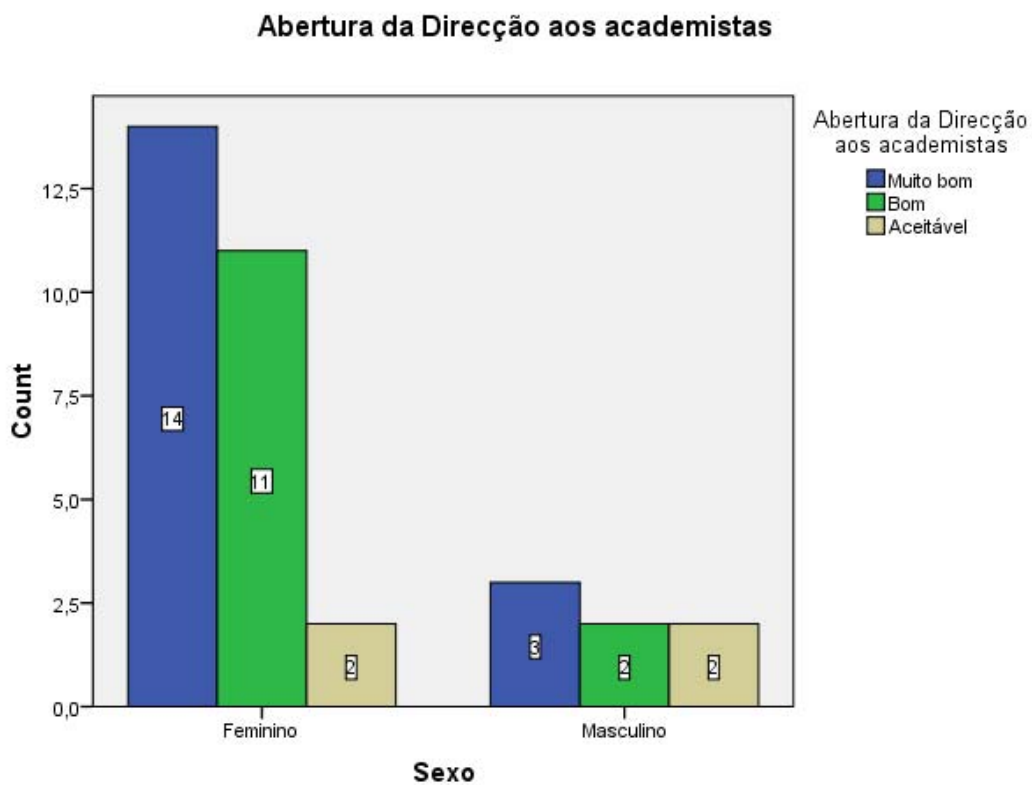
Relação entre benefício e custo (propina) de pertencer à Academia.

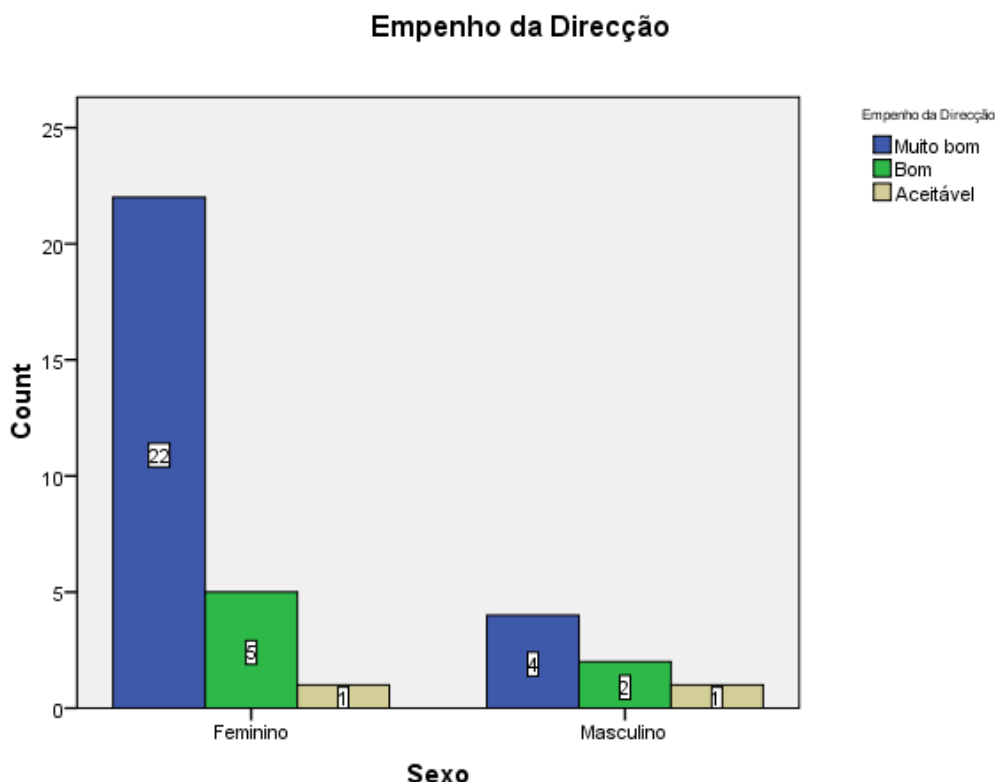


Quanto à captação de academistas para professores é possível, neste momento existem dois academistas que garantem duas disciplinas, nomeadamente a História da Arte e a História de Portugal. Depende do aluno querer desempenhar esta função.

Relativamente à Direcção, no ano lectivo 2007/2008 era constituída por cinco elementos (Reitora e quatro vice-reitoras). No final do ano lectivo procedeu-se a Eleições para os Órgãos Sociais. Apenas houve uma lista

concorrente. Esta nova Direcção eleita é constituída por sete elementos - quatro da Direcção anterior e três novos elementos. Existem, portanto, mudanças e rotatividade dos elementos nos Órgãos Sociais. Quando questionados sobre a abertura da Direcção aos academistas, obtivemos os seguintes resultados: 25 academistas consideram que abertura da Direcção em relação aos academistas é boa ou muito boa. Não existem academistas que a considerem má ou muito má. Isto deixa antever que existe uma boa ligação entre a Direcção e os Academistas.

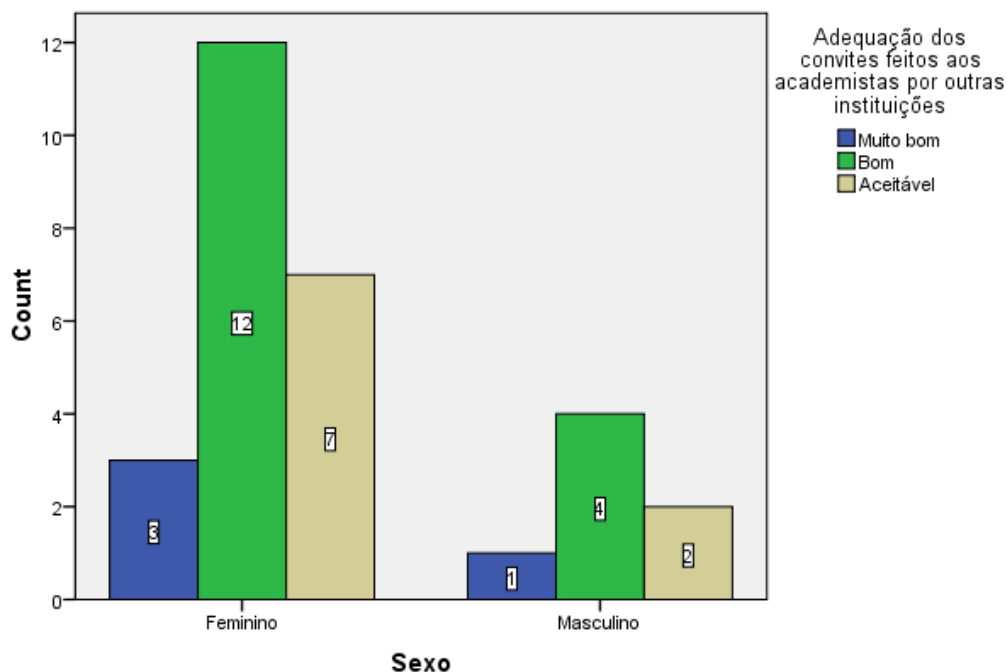




Quando questionados sobre o empenho da Direcção, os dados obtidos são ainda mais expressivos, 22 academistas considera ser muito bom. Apenas dois academistas (um do sexo feminino e outro do sexo masculino) consideraram ser aceitável.

Quanto aos passeios e festas para o próximo ano lectivo encontram-se mais passeios agendados (este ano devido à organização do VII Encontro houve menos passeios). Os passeios são uma boa fonte de rendimento, por isso, como forma de aumentar as suas Receitas a Direcção planeia realizar um passeio, de um dia, por mês. Os academistas foram inquiridos quanto à adequação dos convites e passeios aos seus gostos e interesses, as respostas foram as seguintes:

Adequação das participações e passeios aos gostos/interesses dos academistas



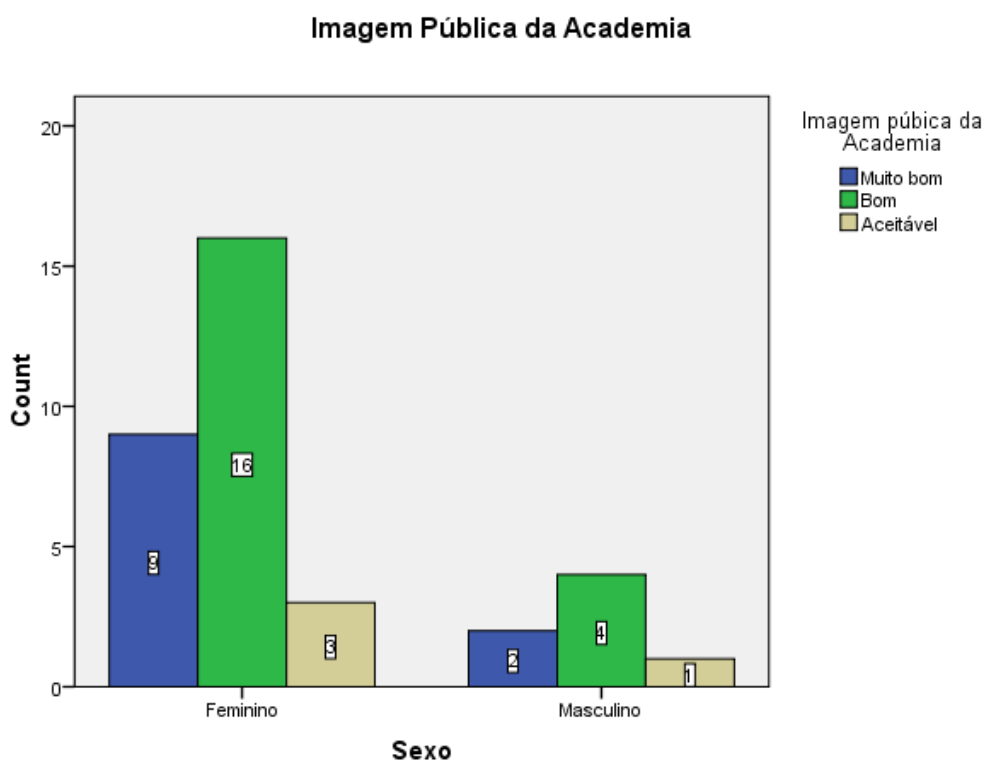
Os academistas consideram adequados os passeios que lhes são propostos pela Direcção, apenas 9 academistas considera que são aceitáveis.

O número de disciplinas oferecidas na Academia depende da existência de professores que possam assegurar essas mesmas disciplinas, mas acho que é possível um maior esforço por parte da Direcção para angariar novos professores. Contudo existe outro problema, falta de espaço, pois é impossível decorrer duas aulas em simultâneo, principalmente quando estão a decorrer as aulas do Coro ou dos Cavaquinhos.

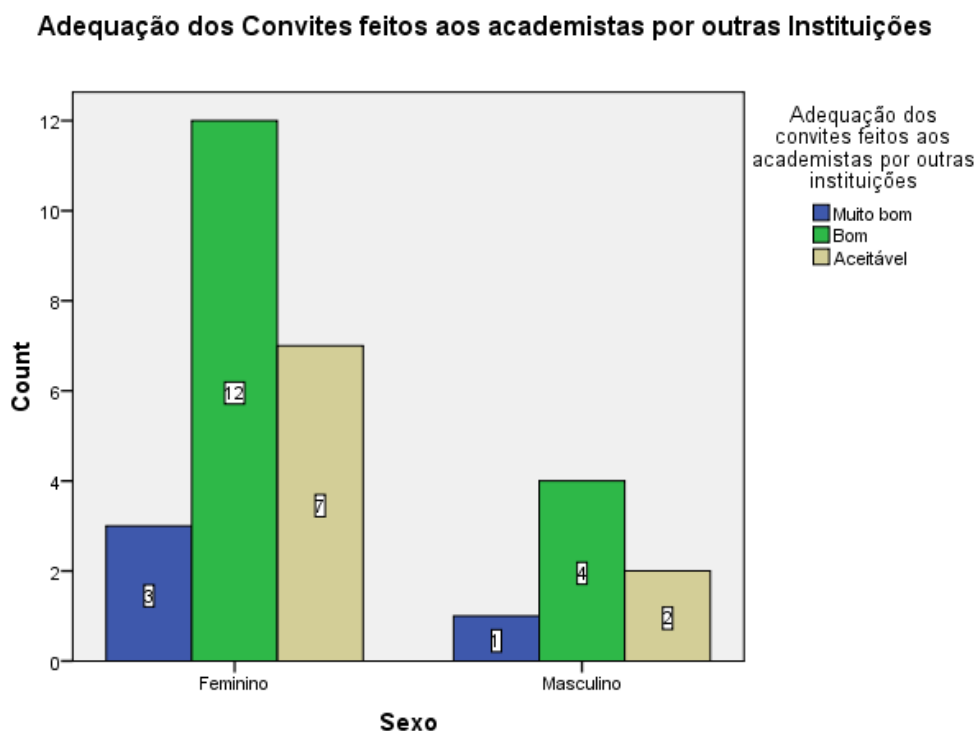
Apresentamos agora outra categoria que diz respeito à divulgação.

Divulgação
Aquisição de uma carrinha, com alguma colaboração económica dos alunos e da autarquia.
Promover a interagir mais nos acontecimentos culturais da cidade.
Abertura à comunidade.
Maior abertura à cidade.

Torna-se urgente conseguir uma maior abertura à cidade, esta é uma forma de se dar a conhecer a Academia. A Academia vive de alunos, se houver uma maior divulgação da Academia e das suas actividades, pode ser uma boa forma de angariar novos alunos. É necessário participar nos vários acontecimentos que têm lugar na Cidade. O Grupo de Cavaquinhos e o Coro têm participado em vários acontecimentos culturais, um pouco por todo o distrito, esta é uma boa forma de se dar a conhecer um pouco do que se faz na Academia. Daí que seria de extrema utilidade a aquisição de uma carrinha, uma vez que às vezes, quer o Coro quer o Grupo de Cavaquinhos, têm que declinar alguns convites por falta de transporte. Sempre que surge um convite para a Academia participar em acontecimentos da Cidade, existe da parte da Academia uma tentativa para poder satisfazer todos os convites. É uma boa forma para se dar a conhecer à Cidade. Quando questionados sobre que Imagem Pública que a Academia tem, as respostas são as seguintes: 31 academistas consideram que a imagem pública da Academia é muito boa ou boa. Apenas 4 academistas consideram que seja aceitável.



Quando interpelados sobre a adequação dos convites feitos aos academistas por outras instituições as respostas forma as seguintes:



Muito bons consideram 4 academistas, já 16 consideram bons e 9 convidaram os convites aceitáveis.

A pergunta *“A nível da auto-sustentação da Academia, que medidas deveriam ser tomadas pela Direcção?”* os academistas responderam da seguinte maneira:

Fazer sorteios nos quais os academistas colaborariam por um lado na realização dos prémios e por outro na venda das rifas na comunidade.	1
Participação económica simbólica por parte dos academistas mensalmente.	2
Continuar com as Festas.	1
Criação de outras actividades: grupo de teatro, poesia, musica - fazer espectáculos pagos.	1
Exigência de pagamento.	1
Devia haver apoio oficial.	3
Procurar mais apoios financeiros.	2
Aumento das Propinas.	3
Solicitar um subsídio anual da Câmara Municipal da Covilhã.	1
Criar o café quinzenal.	1
Conseguir um apoio que permitisse uma funcionária efectiva.	1
Venda de trabalhos feitos pelas academistas - realizar eventos para esse fim.	1

Patrocínios anuais.	1
Venda de produtos em secção própria - produtos para seniores ou outros tipos - venda social (Preço certo)	1
Quotização semestral a todos os sócios separadamente das propinas.	1
Tornar-se numa IPSS.	1
Subsídios de empresas privadas.	2

A esta mesma pergunta os elementos da Direcção entrevistados referiram as seguintes soluções:

" (...) aumentar as propinas...será uma das medidas...Outras sinceramente... [através de novos alunos] Sim, isso seria essencial, que entrassem mais também..."

Entrevista nº1

" (...) para já seria o aumento da propina e fazer mais passeios. Fazer um passeio todos os meses, pelo menos para aumentar a receita, porque só com festas e passeios, porque de resto vamos tendo assim alguns donativos, mas também não será muito."

Entrevista nº2

"Muitas vezes fazemos festas, e as festas dando muito trabalho, como temos sobremesas oferecidas e as vezes até comida feita por nós próprias, dá dinheiro."

Entrevista nº3

"Estratégias...Ah! Do que é que nos valemos? A principal, mas como não sou só eu a decidir, era o aumento das propinas, eu acho que isso era o essencial, mas, de factos as pessoas acham já caro. Isso era uma maneira muito boa, porque eu acho que 10€ se paga por um almoço, e 10€ por mês com tantas actividades que há, por 10€ era pouco. Pelos vistos não há muita gente que pense da mesma maneira. Por isso temos valido de outras estratagemas, que são as festas e os passeios. Em especial os passeios de um dia dão-nos bastante dinheiro. E temos ai buscar essa fonte de receitas. Porque da última vez, o Presidente da Câmara, dizer, que dá muito valor as pessoas e as instituições que não recorrem a ele frequentemente. E nós de facto, esta Academia, não temos recorrido à Câmara com frequência, a pedir subsídios para isto e para aquilo. Eu acho que isso é um ponto de honra para a Academia, porque ele cedeu-nos as instalações e eu acho que já é um grande

subsídio não pagar-mos renda. E ele valoriza isso bastante, o Presidente, por isso...como não podemos pedir desses subsídios camarários, a que recorrem outras Academias, temos de facto que fazer passeios e festa porque é isso que nos dá dinheiro.”

Entrevista nº4

Quando interrogados sobre o que eles como academistas poderiam fazer pela Academia, as respostas forma as seguintes:

Maior participação e colaboração nas actividades e tarefas da Academia.	14
Propaganda.	1
Cativar colegas - novos elementos.	4
Não posso fazer mais nada.	7
Assistir a mais aulas.	1

Sobre a participação dos Academistas nas tarefas da Academia, numa das entrevistas obtivemos a seguinte resposta:

Não temos razão de queixa. Não. Eu às vezes desanimo um bocadinho, mas vendo assim, pensando, pensando bem, nos momentos decisivos, os momentos...eles aparecem. Não é todos também, claro, nós sabemos com quem contamos, porque já nos vamos conhecendo uns aos outros, depois de 8 anos e já sabemos com quem podemos contar e que estão sempre na primeira fila para...

Entrevista nº4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos foram criadas as condições necessárias para o desenvolvimento de políticas para a terceira idade, e foi neste seguimento que surgiu a primeira Universidade da Terceira Idade, em Portugal. Empreendemos compreender e analisar os pressupostos e objectivos que deram origem a essa primeira UTI. Assim, ficou demonstrado que a Academia Sénior da Covilhã segue o modelo das UTI's francesas. Defende o princípio de uma vida activa para os mais velhos, prevenindo e retardando o envelhecimento físico e mental. Estes objectivos são pretendidos através do recurso as várias actividades culturais que pretendem favorecer esse retardamento.

Segundo Veloso (2004: 372-373), " (...) ao incentivar a intervenção de instituições sem fins lucrativos e/ou as diferentes redes de solidariedade informais, permitindo favorecer a retracção do papel do Estado nesta área, poderiam estar em causa os diferentes direitos das pessoas idosas devido às limitações da sociedade-providência¹⁴." É necessário garantir o direito de todos os idosos de poderem usufruir de uma velhice tranquila e digna.

A absorção de abundantes características "positivas" da instituição escolar, possibilitou-lhes impulsionar uma representação enaltecida das pessoas que frequentam a Academia, apresentando-as como estando ainda no absoluto gozo da sua capacidade de aprender e também portadoras de muitas outras competência.

Esta Academia dá lugar a um espaço de aprendizagem, que promove as aptidões de todos aqueles que a frequentam, está de igual modo a promover um estilo de vida, " (...) no sentido de estilização da vida de que nos fala Weber (1993), ressaltando a autonomia física e mental desses frequentadores e, por isso mesmo, diferenciando-os das pessoas idosas com menos recursos económicos, físicos e intelectuais." (VELOSO, 2004: 377)

¹⁴ É atribuir à sociedade as responsabilidades que não conseguem ser suprimidas pelo Estado-providência.

“Fundamentalmente, poder-se-ia dizer que o projecto destas Universidades visa permitir que os adultos idosos com um posicionamento social médio mantenham a sua posição social, o que se conjuga bem com o facto de ajudarem os seus frequentadores a distanciarem-se de certas imagens negativas de idosos e de velhice.” (VELOSO, 2004: 377) Dos inquiridos, como já foi referido anteriormente, mais de 50% detêm um nível educacional médio ou alto. Já numa das entrevistas isto era apontado como um dos motivos que poderia ditar o afastamento de algumas pessoas da Academia. Este fenómeno merece uma análise sociológica.

“ (...) a Academia tomou um nível bastante...não é elevando, não sei que nome lhe hei-de dar, que de facto também as pessoas não se sentirão à vontade aqui, porque, como é que eu hei-de dizer, a Covilhã foi sempre um meio industrial, onde as pessoas valiam pela sua posição social e não pelas suas habilitações. E tenho a impressão que há muita gente que conta com isso, não tem habilitações mas que ainda está lá naquele pedestal e que tem medo que se note aqui essa falta de habilitações. Eu inclino-me que é capaz de ser um pouco isso.

Entrevista nº4

Existe outro aspecto nesta Academia, que é a oportunidade de constituir redes de sociabilidade e de se reforçar o capital social de todos os academistas. As festas, passeios e os saraus culturais são medidas muito valorizadas nesta Academia. Nestas actividades as pessoas abrangidas investem muito tempo, algum dinheiro, as suas capacidades de organização e os seus contactos. Este convívio e empenho são saudáveis.

A reitora possui um carisma especial e é muitas vezes a imagem da Academia. A missão que a Academia defende pretende mudar à vida dos seus associados, bem como da sociedade onde se encontra inserida. Cabe à reitora transmitir e cumprir essa missão. Contudo, segundo a Reitora, é necessário o empenho de todos os academistas para que a missão possa ser cumprida.

“O facto de poderem sentir-se úteis prestando uma ajuda à

comunidade ou sendo responsáveis por actividades culturais, de conviverem ou de poderem aprender, são exemplos de dimensões da vida e que ganham outro valor para quem “muito” perdeu com a reforma ou, pelo menos, assim a percepcionou.” (VELOSO, 2004: 378) Estas são algumas das razões apresentadas, pelos academistas, por terem escolhido inscreverem-se na Academia. Querem sentir-se úteis após a sua aposentação e fazer parte da sociedade onde vivem. Querem demonstrar a todos que estão aqui e que são capazes de muitas coisas. Exemplo disso foi a festa do VII Encontro Nacional de UTI's, este ano organizado pela Academia da Covilhã, onde foi possível assistir a magnitude do empenho sénior.

Podemos salientar o facto de haver alguns alunos que para além de serem alunos são também ao mesmo tempo professores e também que esta Academia é gerida pelos próprios alunos, o que lhes confere um papel de protagonistas nesta instituição e não de simples destinatários, consumidores ou clientes. Tudo no seio da Academia é decidido por academistas e para os academistas.

“Decididamente, colocam-se desafios à política de terceira idade, de forma a ser uma política que responda às diferentes necessidades e situações dos reformados que compõem a sociedade portuguesa. A complexidade dos problemas vividos nesta faixa etária exige uma articulação entre diversas áreas de investigação, quer actuando nas gerações mais novas para prevenir situações de desigualdade e discriminação cumulativas ao longo da vida dos indivíduos, quer exigindo uma atenção de modo a garantir os diferentes direitos dos idosos.” (VELOSO, 2004: 379)

Com o aumento da esperança de vida e com uma saída precoce do mundo do trabalho, torna-se urgente que o Estado e a sociedade civil encontrem soluções viáveis para satisfazer as necessidades desta faixa etária. Estas questões podem servir como objectos de uma investigação para trabalhos futuros.

“A participação em associações e/ou organizações de variados fins,

como a Universidade da Terceira Idade, tem restituído a muitos reformados um outro significado ao tempo e à própria vida, e contribuindo para estabelecer redes de sociabilidades e de solidariedades.” (VELOSO, 2004: 380-381) As redes de amizades tornam-se muitas vezes vitais para um bom equilíbrio emocional tão importante nestas idades. Com os familiares muitas vezes a viverem as suas próprias vidas, são estes amigos que proporcionam muitas vezes o carinho e apoio necessários para a sua vivência quotidiana. As UTI's são espaços privilegiados para proporcionar aos seus academistas este saudável convívio.

Nos tempos que correm torna-se urgente encontrar soluções adequadas para a Terceira Idade, mas também é necessário que os idosos se adaptem as instituições que existem para eles. É necessário que haja mais apoios por parte das Instituições competentes, para que as UTI's possam continuar com a sua missão: o bem-estar físico e emocional dos seus academistas.

BIBLIOGRAFIA

ALBARELLO, Luc et al (2005). *Práticas e Métodos de Investigação em ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.

ARON, Raymond (1991), *As Etapas do Pensamento Sociológico*. Lisboa, D. Quixote.

BARROS, Carlos P. e Santos, José C. G. (1997). *As instituições Não-lucrativas e a Acção Social em Portugal*. Editora Vulgata.

BRILMAN, Jean (2000) *As melhores práticas de Gestão*. Lisboa, Edições Sílabo

BURGESS, Robert G. (2001). *A Pesquisa de Terreno - Uma Introdução*. Oeiras, Celta.

CARVALHO, João (1ª Edição 2005). *Organizações não-lucrativas - aprendizagem organizacional, Orientação de Mercado, Planeamento estratégico e Desempenho*. Lisboa, Edições Sílabo.

COSTA, Maria Alice Nunes (2005). «Fazer o bem compensa? Uma reflexão sobre a responsabilidade social empresarial». *Revista Critica das Ciências Sociais*, 73: 67-89.

DESHAIRES, Bruno (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa, Instituto Piaget.

DUARTE, Paulo e RAPSO, Mário (2004). "A orientação para a marca no sector não lucrativo, obrigação ou opção?". www.deg.ubi.pt [Consultado em 5 Maio de 2008]

FERNANDES, Ana Maria Alexandre (1995) *Velhice, Envelhecimento demográfico e Relações Intergeracionais*, Dissertação de doutoramento em Demografia, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

FERNANDES, Ana Alexandre (1997) *Velhice e Sociedade*, Oeiras, Celta Editora.

FERNANDES, António Teixeira, "Poder local e turismo social".

<http://ler.letras.up.pt> [Consultado em 5 Maio de 2008]

FERREIRA, Ana Maria Moutinho, (2006) "O Ensino e a Formação na Terceira Idade: As Universidades para a Terceira Idade." <http://rutis.terradasideias.net> [Consultado em 7 de Março de 2008]

FERREIRA, J. M. Carvalho; Neves, José e Caetano, António (2001) *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Lisboa, McGraw-Hill.

FILHO, Genauto e Laville, Jean-Louise (1ª Edição 2004). *Economia Solidária - uma abordagem internacional*. UFRGA Editora.

FRANCO, Raquel C; e Gonçalves, Rui H. (2006). *Sector não-lucrativo - Compliações de legislação sobre as Organizações da Sociedade Civil*. Publicações Universidade Católica.

FRANCO, Raquel Campos, "Controvérsia em torno de uma definição para o terceiro sector. A definição estrutural-operacional da Johns Hopkins vs a noção de economia social" www.ces.uc.pt [Consultado em 4 de Março de 2008]

FODDY, William (1996) *Como Perguntar - Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras, Celta.

GEMITO, Maria Laurência Grou Parreirinha "O quotidiano familiar do idoso no meio rural" www.socialgest.pt [Consultado em 7 de Março de 2008]

GIDDENS, Anthony (3ª Edição - 2002) *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

GRAÇA, João Carlos (2005). «Afiml, o que é mesmo a Nova Sociologia Económica?». *Revista Criticas de Ciências Sociais*, 73: 111-129.

HESPANHA, Pedro, "Os caminhos e os descaminhos do terceiro sector - A propósito da experiência portuguesa recente" www.ces.uc.pt [Consultado em 4 de Março de 2008]

HILL, Manuela Magalhães e Hill, Andrew (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa, Edições Sílabo.

JACOB, Luís Manuel (2ª Edição Maio/2007) *Animação de Idosos*. Lisboa, Ambar.

JACOB, Luís Manuel "A importância das Universidades da Terceira Idade na qualidade de vida dos seniores em Portugal". www.rutis.pt [Consultado em 20 de Outubro de 2007]

JACOB, Luís Manuel "Universidades da Terceira Idade. Uma resposta social ou educacional?". www.rutis.pt [Consultado em 7 de Março de 2008]

JACOB, Luís Manuel "As Universidades da Terceira Idade: Um exemplo de educação para adultos." www.rutis.pt [Consultado em 7 de Março de 2008]

JORGE, Fátima e SILVA, Paulo "Instrumento para o Desenvolvimento Organizacional de PEM's - Programa Leonardo da Vinci" Universidade de Évora www.ensino.uevora.pt [Consultado em 11 de Fevereiro de 2008]

LIMA, Jacob Carlos (2005). «Novos espaços produtivos e novas-velhas formas de organização do trabalho: As experiências com cooperativas de trabalho no Nordeste brasileiro». *Revista Critica de Ciências Sociais*, 73:91-110.

LOUREIRO, Marta Liliana da Silva Alves "O conceito de imagem corporativa - Estudo de um caso real" <http://rutis.terradasideias.net> [Consultado em 7 de Março de 2008]

MAGALHÃES, Dulce Maria; "A Sociedade perante o lazer. Geração do Lazer ou do não-sei-que-fazer?" <http://ler.letras.up.pt> [Consultado em 5 de Maio de 2008]

MARCONI, Maria de Andrade & Lakatos, Eva Maria (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo, Edições Atlas.

MONTEIRO, Alcides A. (2002) *Associativismo e novos Laços Sociais. As iniciativas de Desenvolvimento Local em Portugal*,

MONTEIRO, Maria Helena Mendes e Neto, Félix Fernando Monteiro. *Da motivação à experiência da solidão: Universidades da Terceira Idade*. Universidade Aberta.

MENDES, Fernando Ribeiro (2005) *Conspiração Grisalha - Segurança Social*,

Competitividade e Gerações. Oeiras, Celta Editores.

OLIVEIRA, Flávia da Silva e OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva “ O Ensinar e o Aprender com a Terceira Idade” <http://rutis.terradasideias.net> [Consultado em 7 de Março de 2008]

PINTO, Maria da Graça Castro, “Da importância de programas destinados à educação de seniores na sociedade de hoje: As Universidades da Terceira Idade em Portugal.” <http://rutis.terradasideias.net> [Consultado em 7 de Março de 2008]

QUIVY, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.

RIBEIRO, Olivério de Paiva, “Cultura Organizacional” <http://www.ipv.pt> [Consultado em 7 de Março de 2008]

SANTOS, Maria João N. (2005). *Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Empresarial*

SILVA, Armando de Sousa e (2002). *A intervenção sócio-educativa na Velhice: a experiência do projecto «Envelhecer com Arte»*, Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade de Santiago de Compostela.

SILVA, Fátima Geraldês (2002), *Associações Desportivas, Recreativas e Culturais: Caso da Covilhã*, Tese de Mestrado em Sociologia, Universidade da Beira Interior.

VALA, Jorge e Monteiro, Maria Benedicta (2002) *Psicologia Social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

VELOSO, Esmeraldina Maria da Costa (2004), *Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Educação, na área do conhecimento da Sociologia da Educação, Universidade do Minho.

VINCENTE, Paula; Reis, Elizabeth e Fernão, Fátima (2001). *Sondagens -*

Amostra de factores decisivo de qualidade. Lisboa, Edições Sílabo.

www.academiaseniordacvl.no.sapo.pt/

www.desenvolvimento-comunitario.web.pt

www.ine.pt

www.socialgest.pt/home.shtml

www.rutis.org

ANEXOS

ANEXO I
GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

Objectivos

1. Que objectivos tem a Academia?
2. As decisões tomadas pela Academia são ou não condicionadas pelo factor financeiro?
3. Quais as estratégias para proporcionar a auto-sustentação financeira futura da Academia?
4. Ponderam alterar a figura jurídica da Academia?
5. Qual o protocolo de cooperação que ainda não existe?

Estrutura Interna

1. Qual a sua composição? E funções?
2. Como são tomadas as decisões na Academia?
3. Qual o papel dos alunos nas decisões da Academia?
4. Quais as principais dificuldades da Academia?
5. Como é feita a divulgação das decisões da Direcção?
6. Os alunos participam nas várias actividades realizadas pela Academia?

Organização Pedagógica

1. Quais as disciplinas com maior participação?
2. Qual a disciplina que ainda não existe na Academia?

ANEXO II
INQUÉRITO AOS ALUNOS

Inquérito aos alunos da Academia Sénior da Covilhã

Este Inquérito destina-se a estudar a opinião dos alunos da Academia Sénior da Covilhã sobre a sua Instituição e a sua própria auto-sustentação financeira. Para este estudo contamos com a sua colaboração, pois ela constitui um importante contributo para a compreensão desta temática.

Pedimos-lhe que nos dê a sua opinião sobre um conjunto de questões, com base na sua experiência pessoal como aluno da Academia sénior da Covilhã.

As suas respostas destinam-se exclusivamente a fins de investigação – *Mestrado em Empreendedorismo e Serviço Social na Universidade da Beira Interior* – e são confidenciais e anónimos

I – Caracterização do Académista

1. Idade:

- | | |
|--|---|
| 1. 50-55 anos <input type="checkbox"/> | 2. 56-60 anos <input type="checkbox"/> |
| 3. 61-65 anos <input type="checkbox"/> | 4. 66-70 anos <input type="checkbox"/> |
| 5. 71-75 anos <input type="checkbox"/> | 6. 76-80 anos <input type="checkbox"/> |
| 7. 81-85 anos <input type="checkbox"/> | 8. mais de 86 anos <input type="checkbox"/> |

2. Sexo:

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| 1. Feminino <input type="checkbox"/> | 2. Masculino <input type="checkbox"/> |
|--------------------------------------|---------------------------------------|

3. Habilitações Literárias: _____

4. Estado Civil:

- | | |
|--|--|
| 1. Solteiro (a) <input type="checkbox"/> | 2. Casado (a) <input type="checkbox"/> |
| 3. Vive junto <input type="checkbox"/> | 4. União de facto <input type="checkbox"/> |
| 5. Divorciado (a) <input type="checkbox"/> | 6. Separado (a) <input type="checkbox"/> |
| 7. Viúvo (a) <input type="checkbox"/> | 8. Outro _____ |

5. Com quem vive: _____

6. Frequência de convívio com os familiares (exemplo: filhos, irmãos, ect.)

Nunca Mensalmente Semanalmente Diariamente

7. Tempo na academia:

1. Desde o primeiro ano em que abriu a Academia, 2000/2001
2. Desde 2002/2003
3. Desde 2003/2004
4. Desde 2004/2005
5. Desde 2005/2006
6. Desde 2006/2007
7. Desde 2007/2008
8. Outra situação. Qual? _____

8. Assiduidade à Academia:

1. Frequente na Academia
2. Afastado da Academia por motivos de força maior
3. Afastado da Academia por desilusão com esta
4. Outro _____

9. Por palavras suas, descreva-nos a Academia?

10. O que o motivou a inscrever-se na Academia?

II – Opinião sobre a Academia Sénior da Covilhã

Preencha de acordo com a sua opinião, colocando um na respectiva classificação.

	1. Muito bom	2. Bom	3. Aceitável	4. Mau	5. Muito mau	6. Sugestões
1. Horários e períodos de férias						
2. Localização da Academia						
3. Aulas leccionadas na Academia						
4. Aulas leccionadas fora da Academia						
5. Abertura da Direcção aos academistas						
6. Condições físicas (instalações) e materiais da Academia						
7. Solidariedade dentro da Academia						
8. Relação entre benefício e custo (propina) de pertencer à Academia						
9. Imagem pública da Academia						
10. Status de ser membro da Academia						
11. Amizades criadas						
12. Empenho da Direcção						
13. As instalações actuais facilitam e promovem o convívio?						
14. Participações da Academia em acontecimentos sociais e cívicos						

15. Adequação das conferências organizadas na Academia aos gostos/interesses dos academistas						
16. Adequação dos convites feitos aos academistas por outras instituições.						
17. Adequação das participações e passeios aos gostos/interesses dos academistas						
18. Actividades recreativas – Festas						

17. Quais as disciplinas que costuma frequentar na Academia?

- | | |
|--|--|
| 1. Inglês <input type="checkbox"/> | 9. Hidroginástica <input type="checkbox"/> |
| 2. Espanhol <input type="checkbox"/> | 10. Coro <input type="checkbox"/> |
| 3. Literatura <input type="checkbox"/> | 11. Cavaquinhos <input type="checkbox"/> |
| 4. História da Arte <input type="checkbox"/> | 12. Danças de Salão <input type="checkbox"/> |
| 5. História de Portugal <input type="checkbox"/> | 13. Partilha de Leituras <input type="checkbox"/> |
| 6. Yoga <input type="checkbox"/> | 14. Psicologia <input type="checkbox"/> |
| 7. Expressão plástica <input type="checkbox"/> | 15. Fenomenologia da Religião <input type="checkbox"/> |
| 8. Artes Decorativas <input type="checkbox"/> | 16. Geriatria <input type="checkbox"/> |

18. Como acha que a Cidade vê a Academia Sénior no seu conjunto?

III – Que futuro para a Academia Sénior da Covilhã

19. Quais são para si as 3 maiores mudanças (por ordem de prioridade) que a Academia deve fazer?

20. A nível da auto-sustentação da Academia, que medidas deveriam ser tomadas pela Direcção?

21. Como aluno que “mais “ poderia fazer pela Academia?

Obrigada pela sua Colaboração!

ANEXO III
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

ENTREVISTA Nº1 - SEDE DA ACADEMIA - JUNHO DE 2008

Objectivos

1. Que objectivos tem a Academia?

Eu acho que os objectivos são os de sempre, as pessoas viverem o resto da sua vida, depois da aposentação, viverem bem, com a mente ainda desperta, aprender e reaprender e diversos temas que...para os quais esta mais interessada, e o convívio e a amizade que se tem.

2. As decisões tomadas pela Academia são ou não condicionadas pelo factor financeiro?

Em parte têm...mas como temos muito serviço de voluntariado dos professores...pela minha parte acho que não é tanto assim... mas também porque precisamos de ter uma casa, um espaço para estar com o mínimo de condições, isso era necessário, não é, a parte financeira também. Para a manutenção da casa também é necessário a parte financeira, da parte dos academistas, não é...Se pudéssemos ter duas ou três associações...

3. Quais as estratégias para proporcionar a auto-sustentação financeira futura da Academia?

Isso já não sei...pensámos aumentar as propinas...será uma das medidas...Outras sinceramente... [através de novos alunos] Sim, isso seria essencial, que entrassem mais também...

4. Ponderam alterar a figura jurídica da Academia?

Não sei responder a isso.

5. Qual o protocolo de cooperação que ainda não existe?

Existe com a Universidade, com o INATEL, com a Câmara...acho que são as coisas principais que temos aqui na cidade...não sei que outra mais possa ser, não sei...

Estrutura Interna

1. Qual a sua composição? E funções?
Pois, na parte da Direcção esta dividida em departamentos, a parte...cada elemento da Direcção encarrega-se...embora haja um trabalho de equipa, não é...cada um tenha uma responsabilidade
2. Como são tomadas as decisões na Academia?
Geralmente é nas reuniões. [há alguém que tenha mais peso] Bem nós temos a Reitora que é a figura principal, não é...mas geralmente há sempre um acordo entre todos, não é.
3. Qual o papel dos alunos nas decisões da Academia?
Os alunos são é nas Assembleias Gerais...embora quando precisamos, pedimos a colaboração e que tem sido sempre dada. Precisamos independente de coisas jurídicas...
4. Quais as principais dificuldades da Academia?
Dificuldades...eu sei lá, era, precisávamos de mais alunos, e dos que vêm, e dos que estão inscritos...cumprirem com as suas obrigações, que muitos não cumprem...não vêm, não pagam as propinas, e isso faz muita falta, não é.
5. Como é feita a divulgação das decisões da Direcção?
Chega de várias maneiras, com avisos, cartas, assembleias...
6. Os alunos participam nas várias actividades realizadas pela Academia?
Sim...acho que de um modo geral os que andam...que são mais assíduos, mais pontuais, vêm sempre e outras pessoas que só aparecem nessas alturas também...

Organização Pedagógica

1. Quais as disciplinas com maior participação?
Para mim acho que é a História da Arte, a História de Portugal, Geriatria, para mim são as que [que conseguem cativar mais alunos] gente
2. Qual a disciplina que ainda não existe na academia?
...a disciplina que ainda não existe...neste momento...não sei bem. Como eu gosto de todas...temos Inglês, temos Literatura. Literatura, também tinha, também era muito...Não me recordo assim de nenhuma

que...talvez a Cidadania, não sei se seria...mas parece que para o ano vamos ter essa também

Não sei se gostaria de acrescentar mais alguma coisa, ao que já foi dito. Em que sentido? Em relação aquilo que eu lhes perguntei, se quer acrescentar mais alguma coisa? Alguma coisa que se tenha esquecido, ou que ache importante. Aquilo que eu acho importante é que as pessoas tomem mais responsabilidade, os academistas. Na parte da Direcção, porque nós já estamos há muitos anos, sou sócia fundadora, desde quase do princípio, não foi logo, mas faço parte da Direcção...e ninguém quer assumir compromissos, e isso acho falta, não é? Porque as pessoas não estão sempre...vão se cansando, não é? Era muito importante que assumissem mais uma dose de responsabilidade. De resto acho que funciona bem, sinto-me muito feliz aqui dentro, criamos grandes laços de amizade, acho que a Academia tem dado, lá fora, uma imagem de instituição de cultura e lazer...e que foi ganhando certo respeito na cidade, penso eu.

GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

ENTREVISTA Nº2 - SEDE DA ACADEMIA - JUNHO DE 2008

Objectivos

1. Que objectivos tem a Academia?

Aí os objectivos...são muitos, não é? Para já é a promoção da Academia, e depois é progredir cada vez mais, a todos os níveis, a nível cultural, a nível social e pronto...de convívio, de amizades e...engrandecer.

2. As decisões tomadas pela Academia são ou não condicionadas pelo factor financeiro?

Aí sempre...eu acho que sempre, todas elas são condicionadas pelo aspecto financeiro. [em que aspecto] Então olhe, para já é o pagamento de um funcionário que nós tínhamos que ter aqui a tempo inteiro, que nos daria muito jeito, que era bom a todos os níveis, mesmo para a Academia, para os academistas e tudo mais. Estamos sempre condicionados nas atitudes que tomamos, até nos passeios que fazemos, nas festas que fazemos é sempre tudo para termos mais dinheiro, queríamos melhorar a casa, queríamos melhorar o ambiente, queríamos ter outras condições, não é? Estamos sempre condicionadas...

3. Quais as estratégias para proporcionar a auto-sustentação financeira futura da Academia?

Para já queríamos aumentar a propina, embora pouco, mas queríamos aumentar a propina. De resto não sei, não sei de que maneira, não sei...o que se pensará fazer mais, mas para já seria o aumento da propina e fazer mais passeios. Fazer um passeio todos os meses, pelo menos para aumentar a receita, porque só com festas e passeios, porque de resto vamos tendo assim alguns donativos, mas também não será muito.

4. Ponderam alterar a figura jurídica da Academia?

Para uma IPSS, sim, sim, isso é uma coisa que está a ser ponderada, eu acho que sim. O que terá que ser, a mais curto ou longo prazo, isso terá que ser. Porque chega a uma altura em que é insustentável a manutenção da Academia se não for para uma IPSS, eu acho que sim.

5. Qual o protocolo de cooperação que ainda não existe?

[tem com a UBI, Câmara] Temos o do INATEL, não é? [existe algum que ainda não tem e gostariam de ter] Oh, só se fosse com a Segurança

Social, mas lá íamos outra vez para as IPSS, não é. Tenho a impressão que era isso.

Estrutura Interna

1. Qual a sua composição? E funções?

Com uma Direcção, com um Conselho Fiscal e uma Assembleia Geral. [cada elemento tem a sua função] Pois, na Direcção cessante, cada elemento tinha a sua função, portanto, é a Reitora que é...a Reitora, a Isabel M^a que...é uma espécie de secretária, que lavra as actas e que da assim um apoio mais directo a Reitora, não é? Uma das vice-reitoras que faz os contactos a nível da UBI, a nível de professores, a nível de conferencistas. E depois seriam as outras duas, que tomam conta do resto todo. Eu tomo conta da parte económica, mais a Lídia, e da casa, e das festas, e dos passeios, e do bar e da cozinha, de todo o resto. Assim é que esta distribuído, agora entraram mais duas, que pensaremos dividir com elas, estas funções todas, não é? Porque para quando faltar uma estar sempre outra que possa, possa compensar.

2. Como são tomadas as decisões na Academia?

Em reunião de Direcção, sempre de acordo...de acordo, pode haver uma que não esteja de acordo, mas procuramos o consenso da maioria, não é? Sempre em reunião de Direcção.

3. Qual o papel dos alunos nas decisões da Academia?

Pois...há muitas coisas que são comunicadas aos alunos, há coisas de somenos importância não. Coisas assim de compras, de coisas de casa, e assim não. Coisas de maior responsabilidade são participadas aos alunos.

4. Quais as principais dificuldades da Academia?

Dificuldades...eu acho que são as financeiras, porque de resto tudo se vai superando. Se tivéssemos dinheiro, tínhamos muito mais...

5. Como é feita a divulgação das decisões da Direcção?

Pois é feita nas aulas, ou em reuniões, ou fazendo reuniões com os alunos, são feitas de boca a boca, normalmente. Há coisas que são participadas por escrito, mas a maioria são feitas aqui no boca a boca.

6. Os alunos participam nas várias actividades realizadas pela Academia?

Participam [Todos?] A maioria, a maioria, todos não, mas uns mais do que outros, mas a maioria participa.

Organização Pedagógica

1. Quais as disciplinas com maior participação?

História da Arte, Geriatria, Psicologia, Yoga, Cavaquinhos, o Coro também têm bastante participação, Desenho também. Ah, Literatura também tinha muita participação.

2. Qual a disciplina que ainda não existe na academia?

Eu gostava de ter Francês...gostava...pronto agora vai haver a Cidadania, diz o Professor que vai haver a Cidadania. Também houve ai uma disciplina, não era bem...não era bem os falares era de... como é que se chamava... [tradições] tradições, gostava muito, que já houve, e não há.

GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

ENTREVISTA Nº3 - SEDE DA ACADEMIA - JUNHO DE 2008

Objectivos

1. Que objectivos tem a Academia?
É ocupar os tempos livres dos aposentados de um modo útil, pondo todas as suas capacidades a trabalhar, desde as capacidades físicas as intelectuais e também dar um pouco de alegria de viver.
2. As decisões tomadas pela Academia são ou não condicionadas pelo factor financeiro?
Também têm a condicionante porque nós vivemos daquilo que as pessoas pagam mensalmente, embora o pagamento seja semestral, atribui-se 10 euros a cada mês, o que é muito pouco para as actividades que promovemos, portanto há sempre uma condicionante económica.
3. Quais as estratégias para proporcionar a auto-sustentação financeira futura da Academia?
Muitas vezes fazemos festas, e as festas dando muito trabalho, como temos sobremesas oferecidas e as vezes até comida feita por nós próprias, dá dinheiro.
4. Ponderam alterar a figura jurídica da Academia?
Sim para uma Instituição de Utilidade Pública. [e quais seriam as vantagens principais?] Eu acho que era ser isenta de impostos.
5. Qual o protocolo de cooperação que ainda não existe?
Neste caso não me estou a lembrar, protocolo assim que fosse absolutamente necessário, já fizemos com a UBI, já fizemos com o INATEL, com a Câmara Municipal, penso que foram as entidades assim...promotoras de umas certas dádivas muito importantes para nós.

Estrutura Interna

1. Qual a sua composição? E funções?
A Academia tem órgão sociais, a Assembleia Geral que é soberana, a Direcção e o Conselho Fiscal. Sobretudo a Direcção é a que esta mais directamente ligada aos eventos e ao lançamento do ano lectivo.

2. Como são tomadas as decisões na Academia?
Por maioria. Por vezes pode não haver unanimidade mas há maioria.
3. Qual o papel dos alunos nas decisões da Academia?
Tem um papel na Assembleia Geral. A Assembleia Geral é soberana, porque o que a Assembleia Geral decidir...a Direcção tem que acatar.
4. Quais as principais dificuldades da Academia?
Gostaríamos de ter mais sócios, em vez de ter...e que as pessoas viessem mais cedo, logo que se aposentam e não esperassem para vir depois dos 70 anos.
5. Como é feita a divulgação das decisões da Direcção?
Muitas vezes é por placar mas se senão se acompanhar do contacto pessoal as pessoas deixam de estar...de se lembrar dos acontecimentos...é preciso uma constante lembrança dos eventos que vamos fazer e de que contamos com os membros e é preciso um contacto pessoal muito intenso.
6. Os alunos participam nas várias actividades realizadas pela Academia?
Muitos participam, temos uma grande quantidade de pessoas que se empenha que ajuda que faz trabalhos que...ajuda na confecção de refeições, dos enfeites, de muita coisa, portanto temos bastante participação de muita gente, porque também não somos muitos. Se fosse uma Academia de 500 pessoas inscritas, talvez essa participação fosse mais diluída, assim é muito intensa.

Organização Pedagógica

1. Quais as disciplinas com maior participação?
Literatura portuguesa e as aulas de Geriatria talvez sejam as que têm mais gente.
2. Qual a disciplina que ainda não existe na academia?
Eu acho que fazia falta às pessoas terem uma disciplina onde escrevessem e lessem oralmente. Fazia falta, agora não sei é que adesão isso poderia ter da parte dos academistas. Se haveria constrangimento, na escrita, se haveria constrangimento na participação oral. [há sempre essa dificuldade] Há sempre essa dificuldade.

GUIÃO DA ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA ACADEMIA SÉNIOR DA COVILHÃ

ENTREVISTA Nº4 - SEDE DA ACADEMIA - JUNHO DE 2008

Objectivos

1. Que objectivos tem a Academia?

Tirar as pessoas de casa...não ficarem inactivas, porque isso é importante. Para mim é dos principais. Convívio entre as pessoas. Por os neurónios a trabalhar, porque também...é preciso. Agora não estou a ver mais nada.

2. As decisões tomadas pela Academia são ou não condicionadas pelo factor financeiro?

Estou a pensar, pensar...acho que não. Nunca pesamos nisso. Não.

3. Quais as estratégias para proporcionar a auto-sustentação financeira futura da Academia?

Estratégias...Ah! Do que é que nos valemos? A principal, mas como não sou só eu a decidir, era o aumento das propinas, eu acho que isso era o essencial, mas, de factos as pessoas acham já caro. Isso era uma maneira muito boa, porque eu acho que 10€ se paga por um almoço, e 10€ por mês com tantas actividades que há, por 10€ era pouco. Pelos vistos não há muita gente que pense da mesma maneira. Por isso temo-nos valido de outras estratagemas, que são as festas e os passeios. Em especial os passeios de um dia dão-nos bastante dinheiro. E temos ai buscar essa fonte de receitas. Porque da última vez, o Presidente da Câmara, dizer, que dá muito valor as pessoas e as instituições que não recorrem a ele frequentemente. E nós de facto, esta Academia, não temos recorrido à Câmara com frequência, a pedir subsídios para isto e para aquilo. Eu acho que isso é um ponto de honra para a Academia, porque ele cedeu-nos as instalações e eu acho que já é um grande subsídio não pagarmos renda. E ele valoriza isso bastante, o Presidente, por isso...como não podemos pedir

desses subsídios camarários, a que recorrem outras Academias, temos de facto que fazer passeios e festa porque é isso que nos dá dinheiro.

4. Ponderam alterar a figura jurídica da Academia?

[IPSS] IPSS isso não. Acho que não. Mas, conforme o Sr. Presidente da Câmara disse que ... Instituição de Utilidade Pública está nas mãos do Sr. Presidente. Ele disse que ia tratar disso. Se é de toda a conveniência, talvez.

5. Qual o protocolo de cooperação que ainda não existe?

Pensamos seriamente ao princípio, logo quando foi fundada a Academia, com a Santa Casa da Misericórdia. Porque a Santa Casa também preenche bastante as lacunas das pessoas da terceira idade. De facto fizemos várias tentativas, mas nunca se concretizou. Embora o Vice-presidente da Santa Casa seja um dos Sócios fundadores, mas dedicou-se à Santa Casa e não vêm aqui à Academia. Esse protocolo é que nós tínhamos pensado seriamente em fazer. Ter uma colaboração maior entre as duas entidades, nunca se proporcionou, talvez num futuro próximo.

Estrutura Interna

1. Qual a sua composição? E funções?

Neste momento é composta por uma Direcção, não é? Onde, há sempre a figura principal, não é? Que é a Reitora. E depois as funções são distribuídas por pelouros, não é pelouros, é mais departamentos. Mas nesses departamentos, embora esteja...nome de A num departamento, não é estanque, trabalhamos muito em equipa e não é: isto é do teu departamento, eu não tenho nada a ver com isso. Nunca foi norma da Academia nesse funcionamento. Mas funciona com departamentos.

2. Como são tomadas as decisões na Academia?

São postas...são postas na mesa, nas reuniões de Direcção e depois chaga-se a um consenso, nunca é por votação.

3. Qual o papel dos alunos nas decisões da Academia?

Tem pouco. Não tem grande...até ao momento não tem tido grande...grande poder de decisão os alunos. [mas podem propor coisas à Direcção para serem debatidas] Podem, podem. Podem propor sempre, mesmo ainda agora na Tomada de Posse da Nova Direcção, a Sr.^a Reitora disse: de facto aceitam-se todas as propostas. Isso é analisado, mas não têm aparecido grandes propostas.

4. Quais as principais dificuldades da Academia?

Falta de alunos, quanto a mim. [o que estão a pensar fazer para...] Isso gostava eu de saber. Pergunto-lhe a si que é socióloga, debata o problema, porque é que os alunos não vêm. Desde o princípio que me, tenho pensado seriamente, com uma cidade tão grande, como é que não conseguimos angariar mais alunos. Mas já estou como a Sr.^a Doutora diz: isto também não é aqui um...eu acho que a Academia tomou um nível bastante...não é elevando, não sei que nome lhe hei-de dar, que de facto também as pessoas não se sentirão à vontade aqui, porque, como é que eu hei-de dizer, a Covilhã foi sempre um meio industrial, onde as pessoas valiam pela sua posição social e não pelas suas habilitações. E tenho a impressão que há muita gente que conta com isso, não tem habilitações mas que ainda está lá naquele pedestal e que tem medo que se note aqui essa falta de habilitações. Eu inclino-me que é capaz de ser um pouco isso.

5. Como é feita a divulgação das decisões da Direcção?

Até a um certo momento era, e eu acho que é o que mais resulta, não é por avisos nas paredes, é o dizer. Porque o aviso nas paredes, as pessoas passam e parece que não ligam, não digo todas, não se deve generalizar. Mas o dizer-se nas aulas, eu fui sempre apologista disso. E quando estive sozinha aqui, eu dizia sempre tudo nas aulas. [é outra forma de chegar] É mais directa, mais acutilante, mais...porque o papel na parede é só a memória visual, enquanto na coisa é...o auditivo, parece-me que é mais acutilante.

6. Os alunos participam nas várias actividades realizadas pela Academia?
Não temos razão de queixa. Não. Eu às vezes desanimo um bocadinho, mas vendo assim, pensando, pensando bem, nos momentos decisivos, os momentos...eles aparecem. Não é todos também, claro, nós sabemos com quem contamos, porque já nos vamos conhecendo uns aos outros, depois de 8 anos e já sabemos com quem podemos contar e que estão sempre na primeira fila para... [também é uma das vantagens de ter uma Academia pequena] Exactamente, se fosse muito grande as pessoas nem se conhecem, nem sabem o que se passa aqui...Mais ainda porque funcionamos, temos uma Sede, que é uma vantagem enorme em relação aquelas que andam pelas escolas a ter aulas. Isso não dá tanta...nem amizade, nem novas amizades, porque as pessoas não se chegam a conhecer.

Organização Pedagógica

1. Quais as disciplinas com maior participação?

São as culturais. Ao contrário, desde a primeira hora, que eu lembro-me perfeitamente, que nas outras Academias era a pintura, eram os bordados, aqui nunca pegou. São sempre as disciplinas que têm menos alunos. Com o tempo não sei, talvez, por isso mesmo, porque talvez as pessoas que andem cá tenham um nível mais educacional mais elevado, do que noutras Academias.

2. Qual a disciplina que ainda não existe na Academia?

Eu no almoço dos professores vinha para falar na Cidadania, e penso que vai haver. Houve aí uma disciplina que, ainda agora estávamos a falar, que era o Património. Eu acho que faz falta, o Património, o Património da Covilhã, da Beira Interior, faz falta. Já houve, mas faz falta, quanto a mim.

Gostava que houvesse mais alunos, mas, não sei como chegar a isso porque...saber o motivo porque certas pessoas vêm e depois deixam de vir, se afasta. E não aceito de facto dizerem que não vêm porque é caro. Ainda agora na reunião estivemos a falar nisso e eu disse: é uma desculpa. Para mim, uma pessoa que diz que é caro pagar 10€ é desculpa para não vir para a Academia.